Diário de Lisboa

ANO 61.º N.º 20 621
Agosto 1981
Sexta-feira
7
15$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Quarto "depade" no rescaldo da "Volta"

Acordo na madrugada

RTP não transmite futebol entre grandes

Pág. 14

Familiares de presos desaparecidos no Chile contam a sua epopeia

Familiares de presos «desaparecidos» no Chile de Pinochet, reunidos por iniciativa da revista «Araucaria», contam nesta edição do «DL» a sua epopeia procurando, num universo brutal e kafkiano, parentes vítimas do regime de terror implantado a 11 de Setembro de 1973.

«O fascismo conta com um aliado poderosíssimo, o esquecimento – diz uma declarante – mas estes crimes não se podem esquecer».

no Sete Ponto Sete

Cunhal recebido por Eanes

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, foi recebido, a partir do meio-dia de hoje, pelo Presidente da República. Contactada pelo «DL», a Secção de Informação do Partido Comunista não revelou os objectivos do encontro, mas sabe-se que Álvaro Cunhal é recebido a seu pedido por Eanes e tudo indica que os conteúdos da reunião incluíram a crise política vivida pela AD e pelo seu Governo.

Malograram-se as negociações de Varsóvia

Desacordo profundo entre o Governo e o "Solidariedade"

Malograram-se ontem à noite em Varsóvia as negociações entre o Governo polaco e o Sindicato Solidariedade, revelou esta manhã um comunicado governamental.

As negociações tinham começado às 11 horas locais de ontem e terminaram pouco depois da meia-noite. Antes da sessão da noite o ministro das Finanças, Marian Krazk, que participou nas conversações tinha já declarado que estas eram muito difíceis e declarou-se pessimista quanto ao seu desfecho.

Krazk, que fez estas declarações à Imprensa, ao deixar, por alguns minutos, a sala das negociações, declarou ainda: «Sou optimista por natureza mas hoje é-me particularmente difícil sê-lo».

Segundo o ministro, as posições do Sindicato e do Governo são «idênticas em vários pontos, a propósito dos quais as divergências incidem unicamente sobre a formulação».

Contudo, sobre a questão da autogestão operária e da autonomia das empresas, que constituem, para o Solidariedade, a base da reforma económica, «se as duas partes estão de acordo quanto ao princípio, cada uma concebe-as de uma forma diferente, infelizmente», disse Krazk.

Continua na pág 10

Freitas na TV:

Só quero ser presidente da Assembleia

O texto que Freitas do Amaral leu ontem na TV fora aprovado por unanimidade na reunião de dois dias da Comissão Directiva dos centristas. Em síntese, o presidente do CDS explicou que a crise da AD é sobretudo fruto da crise do PSD e que deixou de ser importante, para o seu partido, saber quem será o próximo Primeiro-Ministro, desde que seja um social-democrata. Por outro lado, Freitas do Amaral, deixou claro que quer ser presidente da Assembleia da República e que também se sente vocacionado para ser o «n.º 1» da AD.

Pág. 5

3-0: magiares apagaram a Luz

Um belo conjunto de artistas do futebol, comandado soberanamente por Nyilaji, desfilou o perfume do seu «association» no Estádio da Luz obrigando a águia a baquear perante um insólito 0-3 e o público do «Terceiro Anel» a render-se à arte filigranada dos atletas de beira-Danúbio. Esta noite, em Alvalade, o Sporting é a etapa n.º 2 da selecção da Hungria no «Torneio Internacional Cidade de Lisboa».

Pág. 14

Hiroxima trinta e seis anos depois

Manifestações com as mais diversas características realizaram-se ontem em todo o Mundo recordando o trigésimo sexto aniversário da destruição de Hiroxima, e, mais genericamente, contra a corrida aos armamentos. Assim também em Lisboa, decorreram várias iniciativas relacionadas com esse tema (Pág. 6). Em Paris, por seu lado, terminou ontem a Marcha da Paz que partira de Copenhaga. À sua chegada à capital francesa alguns dos manifestantes repousavam sem preconceitos como mostra a Telefoto UPI/ANOP/«DL». **Págs. 10 e 11**

comunicação social

O problema do subsídio de papel

Manuel Figueira contesta posição do Em Marcha

Uma delegação de trabalhadores do semanário «Em Marcha», encabeçada pelo seu director Carlos Marques, entregou ontem à tarde na Secretaria de Estado da Comunicação Social o recurso sobre a decisão da Direcção-Geral de Informação que, conforme noticiámos, lhe retirou o subsídio de papel. O recurso contém as provas estatísticas demonstrativas, segundo Carlos Marques, do seu direito ao subsídio.

A decisão da Direcção-Geral de Informação, que se efectivou na prática há três semanas, baseia-se, de acordo com a mesma fonte, «não numa pesquisa correcta do número de vendas, que anda entre os 13 000/16 000, mas num palpite, visto que, explicitamente, o ofício da suspensão afirma que 'os números de vendas não são críveis', sem os mencionar sequer». Para Carlos Marques «o corte de subsídio pode pôr em risco a publicação e está já a afectar o pagamento dos salários».

O jornal, que se considera independente, mas próximo da linha ideológica da UDP, começou por ser bissemanal em Maio de 1979 e passou a semanário em Abril deste ano. De acordo com a lei, o subsídio de papel é devido quando o número de vendas atinge os dez mil. A entrega do recurso revestiu-se de carácter político, com a distribuição de comunicados à população e «homens-sanduíche», com cartazes em que se lia: «Os outros têm subsídio, nós não; será porque não gostamos da AD?»

Entretanto, Manuel Figueira, director-geral da Informação dirigiu ao «DL» uma carta na qual contesta elementos constantes na notícia que publicámos sobre o assunto, na nossa edição de 1 do corrente, com base num «telex» da Anop. Segundo Manuel Figueira, os dados constantes na referida notícia «são incorrectos ou pelo menos incompletos», ao mesmo tempo que afirma não se tratar a medida que atingiu o jornal «Em Marcha» de discriminatória, «uma vez que 25 outras publicações também viram indeferidos os seus subsídios de papel».

Escreve Manuel Figueira: «O semanário em causa, propriedade do sr. Francisco Rosa, requereu a 12 de Maio a concessão do subsídio de papel, para o 1.º trimestre do ano em curso, instruindo o referido requerimento com uma declaração em que apresentava como vendidos, nos meses de Janeiro e Fevereiro, 277 872 exemplares, acrescentando não ter publicado nenhum número no mês de Março e juntando uma segunda declaração, da empresa VASP – Soc. de Transportes e Distribuições, Ld.ª a especificar terem sido vendidos, nos meses referidos, 7564 exemplares, na totalidade dos números editados. Em 9 de Junho, exarei no aludido requerimento o seguinte despacho: Dada a grande disparidade entre os números de vendas declarados pelos distribuidores e o número total mencionado pela publicação, impõe-se procurar verificar a quantidade de assinaturas regulares de que a publicação dispõe. Só depois de nova informação dos serviços, dando satisfação ao que solicito, poderei emitir despacho definitivo».

A 11 do mesmo mês, os serviços informaram: «Após consulta aos mapas enviados dos CTT, este jornal expediu os seguintes exemplares ao abrigo do regime de porte pago território nacional: Janeiro 12 448; Fevereiro 12 448 total, 24 896». Na mesma data, produzi o despacho definitivo: «Os números de vendas apurados (distribuidora e assinantes por remessa postal) foi para o 1.º trimestre de 32 460; não é crível que à margem desses dois meios, o próprio jornal, sem estruturas para o efeito, vendesse, por si, nove vezes mais exemplares. Por isso, e ao abrigo do n.º 15 do 'DN' n.º 65/81, vai indeferido.»

Jornalistas apoiam Mensurado

Os jornalistas da RTP decidiram em plenário, apoiar e subscrever a posição dos Conselhos de Redacção da Televisão, a propósito do despedimento do jornalista José Mensurado e da suspensão do programa «A Par e Passo». Recorde-se que, conforme noticiámos, os Conselhos de Redacção dos Primeiro e Segundo Programas manifestaram-se frontalmente contrários ao despedimento daquele jornalista e à suspensão do referido programa.

Os jornalistas dos dois canais da Televisão decidiram ainda incumbir os conselhos de Redacção de «efectuar, dentro e fora da RTP, os contactos necessários ao desencadeamento de acções legais e de protesto, susceptíveis de conduzirem à revisão dos processos claramente atentatórios das liberdades e do exercício da profissão de jornalista». O comunicado emanado depois da reunião plenária anuncia, entretanto, a realização de novo plenário de jornalistas da RTP na próxima segunda-feira.

A UGT, por seu turno, considerou que o saneamento de José Mensurado constitui um «grave precedente» e um «preocupante atentado contra a liberdade de opinião». Declarando-se solidária com o jornalista em causa, a UGT, em comunicado, «condena inequivocamente» a actuação da Administração da RTP catalogando-a como uma «tentativa de reimplantação dos perigosos mecanismos de pressão psicológica conducente à autocensura».

Pinto Coelho: 24 horas para pensar

O jornalista Carlos Pinto Coelho foi ontem convidado para director de Informação da RTP na Madeira. Pinto Coelho, que foi demitido por Proença de Carvalho, de subdirector de Informação da RTP-2 na sequência da suspensão do programa «A Par e Passo» solicitou um prazo de 24 horas para uma resposta, não se conhecendo até ao momento a sua decisão.

Tempo de Antena do CDS

Fontes da Oposição manifestaram à ANOP a sua estranheza pelo facto de Freitas do Amaral ter gravado na RTP o Tempo de Antena do CDS, ontem à noite transmitido, no próprio dia da emissão. As mesmas fontes lembram que a legislação em vigor estabelece que as gravações dos tempos de antena devem ser efectuadas ou as matérias pré-gravadas entregues até 72 horas antes da emissão do programa.

A legislação obriga ainda que «no caso de programas pré-gravados e prontos para emissão a entrega deverá ser feita até 48 horas antes da emissão.

«Teledifusão» do Luxemburgo

A Companhia Luxemburguesa de Teledifusão anunciou ontem que espera dispor, em 1985, de um satélite fixo que permitirá emitir diariamente três programas com cinco horas de duração em língua francesa, alemã e holandesa. O director-geral da Televisão Comercial, Gustave, Graas, explicou que as emissões se destinariam aos telespectadores do Luxemburgo, Bélgica, Holanda, Alemanha Federal e França. A Televisão Luxemburguesa (RTL) leva actualmente os seus programas e a sua publicidade a reduzidas zonas limítrofes daqueles países (no caso da Bélgica, a todo o país, mediante a distribuição através de cabos).

RTP: quinze milhões de marcos

A autorização para que o Governo português contraia um empréstimo de 15 milhões de marcos (cerca de 405 milhões de escudos) junto de uma instituição de crédito alemã-federal vem hoje inserta no «Diário da República». O empréstimo, a ser contraído junto do «Kreditanstalt Fur Wiederaufbau» ao abrigo de uma adenda ao acordo de cooperação financeira celebrado em 4 de Dezembro de 1979 com o Governo da RFA, destina-se a executar o projecto de fornecimento de equipamento de estúdio para o Centro de Notícias da RTP. A lei aprovada pela Assembleia da República indica ainda que as condições do empréstimo serão as habitualmente praticadas pela instituição de crédito, sendo a taxa de juro anual de 8 por cento. A instituição de crédito fica isenta de todos os impostos e demais encargos a que possa estar sujeita em Portugal por causa da celebração ou da execução do contrato.

SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS

GRANDIOSA CAMPANHA DE SALDOS

JOFRAMA

SÃO 100 000 COBERTORES A PREÇOS DOS «SALDOS JOFRAMA»

VARIADOS LOTES ADQUIRIDOS A PREÇOS INCRÍVEIS NAS MELHORES FÁBRICAS

E QUE VÃO SER VENDIDOS A PREÇOS QUE JAMAIS SE REPETIRÃO

COBERTOR VELUDO SINTRA GIGANTES LINDOS eram de 1350$ AGORA 995$	FABULOSO LOTE DE CAMISEIROS SENHORA eram de 500$/600$ e + AGORA apenas por 195$ e 245$	PIJAMAS TURCOS CRIANÇA todos os n.os eram de 325$ AGORA 225$	PIJAMAS HOMEM eram de 950$ AGORA 695$	JOGOS FLANELA c/ 2 lençóis eram em 1980 – 1675$ AGORA só 1195$	SOMOS O REI DOS PANOS DE LENÇOL	RESTOS DE LINGERIE – CINTAS e SOUTIENS c./ 30% a 50% de desconto RESTOS DE MALHAS DE VERÃO BIKINIS E FATOS DE BANHO com 30% a 50% de desconto
CORTINADO ESTAMPADO 3m LARGURA eram de 175$ AGORA 95$	COLCHAS ALGODÃO CASAL eram de 425$ AGORA 295$	PANO LENÇOL 2,7 m BRANCO E CORES era de 275$ AGORA 195$	CORTINADO RENDADO 3m. de largura eram de 735$ AGORA 495$	CAMISAS DORMIR LINDAS eram de 475$ AGORA 335$		CAMISAS HOMEM s. e c./ manga eram de 650$ AGORA 354$

JOFRAMA

LISBOA: R. DOS FANQUEIROS, 226-232
LG. DA GRAÇA, 14 — LG. SÃO BENTO, 49-51
R. DA MADALENA, 203, 217
R. JOÃO DAS REGRAS, 4-B/C
ARMAZÉM DE RETÉM (PR. AIRES DE ORNELAS)

PORTO: L. DOS LÓIOS, 24-26
VISEU: R. DO COMÉRCIO, 46-54
AVEIRO: AV. LOURENÇO PEIXINHO, 169
ÉVORA: R. ROMÃO RAMALHO, 29
V.N. FAMALICÃO: R. LUÍS BARROSO, 66-69

SEDE: R. DOS FANQUEIROS, 226/232 – 1100 LISBOA – Telef. 868572 – telex 12786 JOFAMA P.

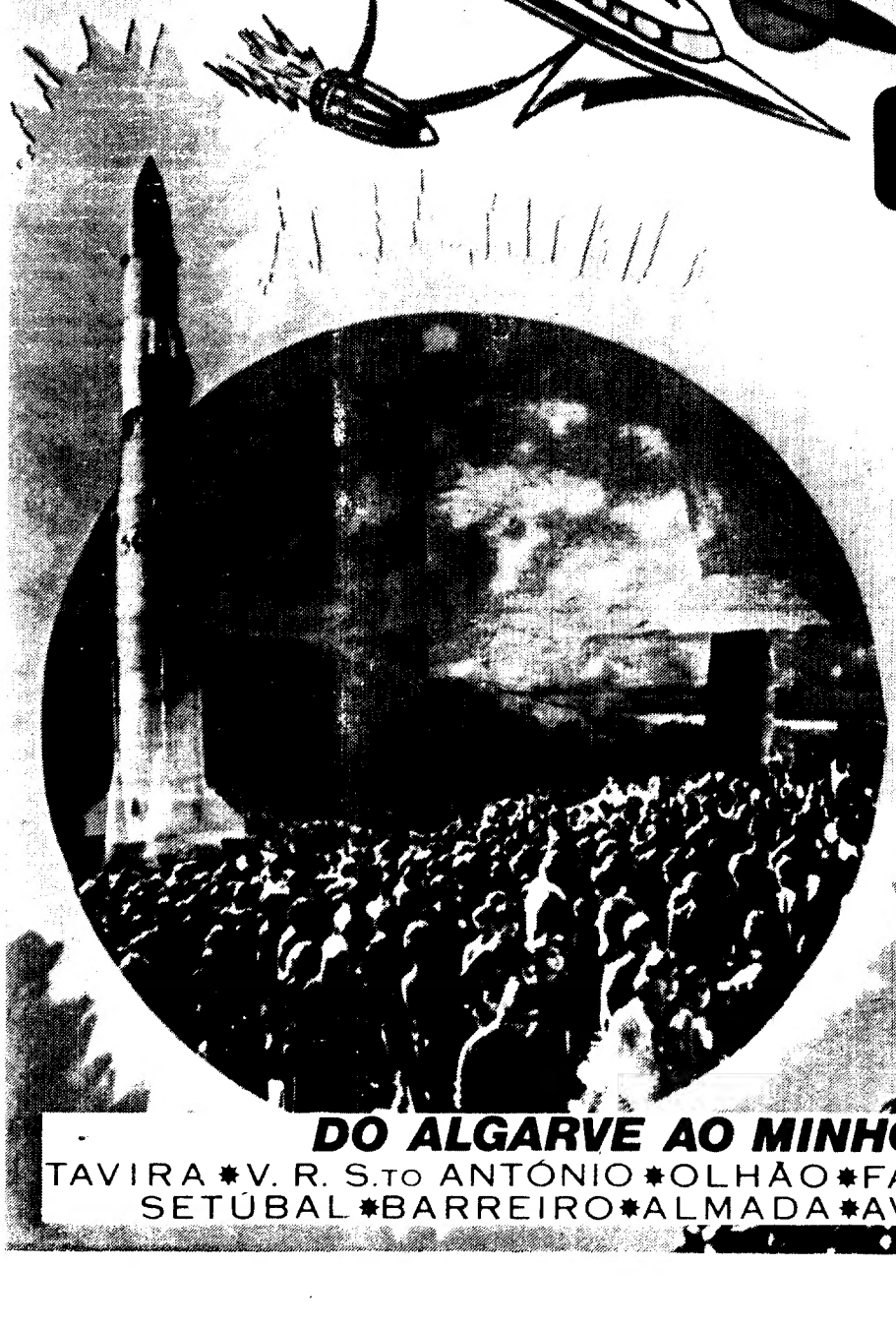
SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS * SALDOS SUPERBAIXOS

SALDOS

A GRANDE INVASÃO

NO PAGAPOUCO

COMEÇAM DIA 10



DO ALGARVE AO MINHO PAGAPOUCO ESTÁ EM:

TAVIRA ✱ V. R. S.TO ANTÓNIO ✱ OLHÃO ✱ FARO ✱ LOULÉ ✱ PORTIMÃO ✱ ELVAS ✱ GRÂNDOLA
SETÚBAL ✱ BARREIRO ✱ ALMADA ✱ AVEIRO ✱ S. JOÃO DA MADEIRA ✱ GUIMARÃES

Juventude portuguesa descontente com as suas condições de vida

A sociedade portuguesa actual não oferece aos seus jovens boas condições de crescimento e formação. É essa a conclusão que tem vindo a esboçar-se nos resultados publicados diariamente por um matutino de Lisboa, obtidos, num inquérito encomendado a uma empresa de prospecção.

Assim, o que mais aflige a actual juventude portuguesa e os adultos jovens – os inquiridos situam-se entre os 15 e os 35 anos – é o desemprego. Em relação ao ensino, a maioria dos interrogados pensa que a escola não os prepara profissionalmente. Numa acusação directa à sociedade portuguesa, consideram-na exigente, desconfiada e autoritária.

Mas os jovens rebelam-se naquilo que podem e, dado que consideram também que são as pressões sociais que conduzem ao casamento (legal), optam pela autenticidade das relações não necessariamente legalizadas mas motivadas essencialmente pelo amor.

Da população jovem abordada, 56,5 manifestou-se preocupada em primeiro lugar com o desemprego 38,7 com a fome; 37,5 com a carência habitacional e 32 por cento com a droga.

Apenas 55,9 por cento dos entrevistados afirmou ter no momento actividade remunerada mas desses, só 16,2 por cento responderam que já alguma vez tiveram um emprego que durasse mais de seis meses. Dos que não tinham emprego no momento, 74,3 por cento não andavam sequer à procura dele.

A falta de emprego é particularmente sentida pelas mulheres – 51,7 por cento – e pelos menores de 19 anos. Essa falta de trabalho é especialmente sensível nas vilas, cidades de província e no Porto, seguindo-se Lisboa e depois as aldeias, sendo a instabilidade de emprego mais sensível nos jovens que se movimentam no sector terciário (comércio e serviços).

O grau de habilitações não influi na instabilidade de trabalho, visto que do mesmo modo responderam 92,1 por cento dos universitários, 91,3 pessoas que só frequentaram o liceu e 75,8 dos que ficaram por níveis de instrução mais baixos.

Enquanto o desemprego figura entre as preocupações dos entrevistados, independentemente de idade, sexo ou residência, a carência habitacional parece preocupar mais os jovens da cidade do Porto e outras cidades da província, tendo o problema da droga mais peso entre os jovens de localidades mais pequenas.

Divórcio entre escola e profissão

Ontem como hoje, os jovens queixam-se de que não aplicam ou aplicam pouco na sua vida profissional os conhecimentos adquiridos na escola. Dos jovens que no momento do inquérito tinham actividade remunerada, 61,9 por cento afirmaram estar globalmente satisfeitos com a profissão e 30 por cento declaram-se indiferentes ou insatisfeitos.

Este optimismo no entanto foi-se desmoronando à medida que as perguntas do questionário se aproximavam da realidade quotidiana: 44,5 por cento gostaria de mudar completamente de profissão se tivesse possibilidade disso; 18,9 por cento consideram que essa mudança é possível e 34 por cento responderam pela negativa.

Por outro lado, 41,8 por cento entendem que aplicam regularmente os conhecimentos adquiridos na actividade profissional enquanto que apenas 34,1 por cento diz que gosta de retomar o trabalho depois do fim-de-semana.

No entanto, o optimismo permanece entre os entrevistados que ainda estudavam no momento da entrevista dos 31,4 por cento que na altura estudavam, 73,6 por cento consideraram que os estudos lhes seriam úteis na actividade profissional, mas apenas 71,9 por cento destes pensava que podia prosseguir os estudos.

Dos que já não estudavam no momento da entrevista, mais de três quartos tiveram que abandonar os estudos antes de possuírem um diploma que os habilitasse convenientemente para uma profissão.

Mas esta sociedade que nega aos jovens a possibilidade de se realizarem profissionalmente e garantirem a sua independência económica, é, além disso, para os mais novos, «exigente, autoritária e desconfiada».

Assim, 40,6 por cento dos jovens entrevistados acha que a sociedade é exigente; 38,2 por cento, autoritária, 12,6 por cento, desconfiada, 8 por cento solidária e 6,3 por cento maternal.

Nas aldeias, a característica mais votada é a exigência, e nos aglomerados mais populosos, «desconfiada» ocupa o primeiro lugar.

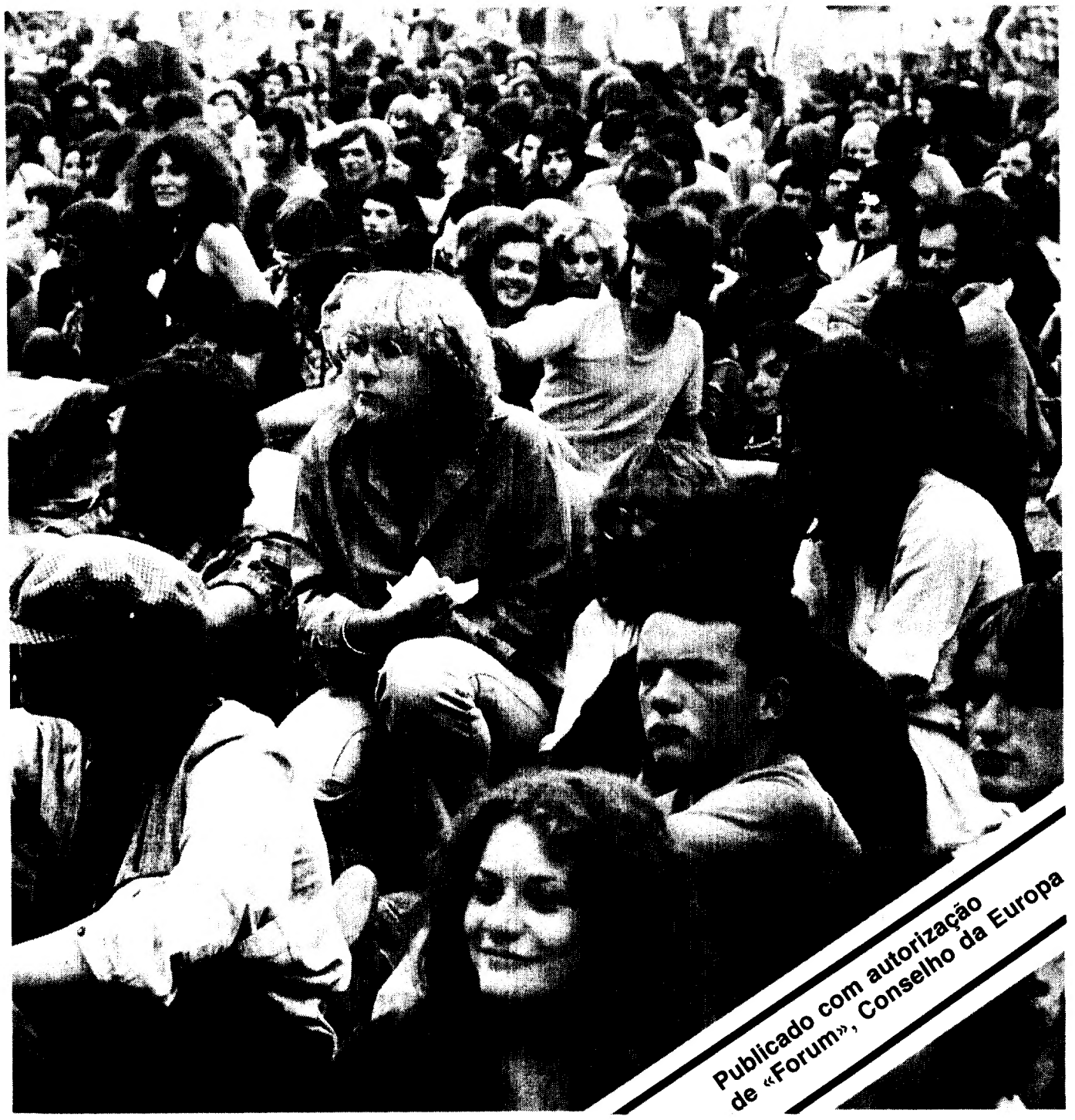
Curiosamente, nas classes mais desfavorecidas as opiniões são francamente favoráveis, surgindo com frequência nas respostas o adjectivo honestidade, seguindo-se encorajadora e indiferente em terceiro lugar.

Amor contra pressão social

Sobre o casamento, 52,7 por cento dos jovens responderam que não é necessária a legalização para que um homem e uma mulher iniciem uma vida a dois. Esta opinião provém sobretudo de jovens do Centro e Sul do País e residentes em cidades. E tanto mais marcada quanto mais elevado é o nível de instrução.

Das razões que levam dois seres a fazer vida em comum, a que surge em primeiro lugar na opinião dos jovens é o amor (48,3 por cento); segue-se costumes ou pressão social (16,1 por cento), companheirismo ou amizade (8,2), independência ou segurança (5,8), procriação (3,5), preconceito (3,5) e interesses materiais (1,3)

No entanto, se considerarmos este último grupo de razões como formas de pressão social, a pressão social será para os jovens a razão que leva as pessoas a legalizar o casamento. Essas pressões são principalmente sensíveis em Lisboa, vilas e cidades de província.



Que futuro para os jovens?

Hans Rudolf Dorig

Secretário da Comissão Federal para a Juventude, Berna

Doze anos depois da juventude ter exprimido, principalmente pela influência do movimento estudantil, a vontade de repensar o Estado e a sociedade, temos assistido nos últimos meses, em várias cidades, – Bolonha, Amsterdão, Berlim, Zurique, – a importantes manifestações de contestação de uma violência sem precedentes. Uma comparação, por muito superficial, com as manifestações dos anos 60, traz à tona várias diferenças, de que a principal é a inquietação mais clara que anteriormente de uma parte crescente da população. Na maioria dos casos, as autoridades foram ultrapassadas pelos acontecimentos; o restabelecimento do respeito pela lei e ordem é reclamado por entre gritos. Adiantaram-se de imediato explicações, aparentemente justas, mas na realidade bem superficiais.

Este facto, obriga-nos a considerar com maior profundidade os acontecimentos. Quem são os jovens que hoje se manifestam nas ruas, cometendo toda a espécie de depradações; o que os leva a esse agressivo protesto?

Algumas respostas a estas questões são propostas na «Tese sobre a Contestação Violenta dos Jovens em 1980», da autoria da Comissão Federal para as Questões da Juventude. Esse grupo permanente de especialistas, existindo desde 1978 e exercendo uma função consultiva junto das autoridades suiças, tentou no seu relatório, amplamente divulgado na República Federal Alemã, definir o conteúdo e as formas de expressão da «contestação dos jovens», analisar as suas causas.

Assinalando os perigos desta evolução, esboçando os elementos de uma política aberta a favor dos jovens e da sociedade no seu todo, essas «teses», termo conscientemente adoptado, lançam uma primeira pista sobre as possibilidades de resolução dos problemas, agora bem visíveis. As respostas, elaboradas a partir de protestos nacionais e locais, podem ser consideradas válidas nos seus elementos fundamentais, e nalguns pontos, aplicáveis noutros lugares.

São os filhos da sociedade de abundância, confrontada com os seus limites, que desceram à rua. Esses jovens sentem, suportam, adivinham, mais do que reconhecem racionalmente, a importância – por ventura excessiva – do preço a pagar pela prosperidade material. A preocupação de acumular, colocando em último plano os elementos qualitativos da vida. Uma sociedade de consumo altamente desenvolvida, de valores tornados caducos, que na perseguição do bem estar material negligenciou ou reprimiu um bom número de valores fundamentais, eis o mundo desses jovens, e que explica provavelmente a sua revolta. Certamente, algumas minorias radicais relativamente isoladas da maior parte da população – como os jovens – desencadearam as manifestações violentas da juventude. Contudo, os problemas dessas minorias não são dissociáveis dos da maioria – e não apenas da maioria dos jovens.

Esta tese revela um ponto capital da revolta da juventude, a de que a violência juvenil exprime os problemas que pertencem ao conjunto da nossa sociedade. Os jovens exprimindo-se hoje, não enunciam os objectivos ideológicos como os seus predecessores, formulam exigências pragmáticas, reclamam a criação de um centro de juventide autónomo, melhores condições para os aprendizes, ruas mais animadas, habitações mais humanas, escolas acolhedoras, apoio às outras culturas, etc. Os seus meios de expressão linguística são, sem sombra de dúvida diferentes, pouco habituais para muitos, mas existem. O mais radical é a violência, para muitos dos jovens a única forma de se exprimirem num mundo violento. Os ataques à ordem estabelecida não visam a Constituição ou a Lei, mas condições de vida bem concretas, necessidades fundamentais insatisfeitas.

Se nos interrogarmos sobre as causas dessas manifestações violentas, apercebemo-nos rapidamente como o indivíduo está isolado, e como esse isolamento caracteriza numerosas situações. O grande grau de liberdade individual, prometido pela sociedade pluralista, é consideravelmente limitado por regulamentações em muitos domínios da vida. As coacções materiais, a forma de pensar, «normalmente» dirigida para a obtenção de maior bem estar material, reduzem as possibilidades de desenvolvimento humano, constituindo, de facto, uma pressão ameaçadora sobre o indivíduo. As condições de vida nas cidades industriais, reforçam essa tendência, e levam o indivíduo ao isolamento. Esses elementos negativos, pertencem à sociedade no seu todo.

Se os jovens conseguem exprimir o mal, não os devemos condenar, pois a atitude acomodadiça dos adultos é bem mais preocupante, já que qualquer coisa os impede de dar expressão ao seu sentimento.

O indivíduo tem necessidade, para evoluir e constituir uma personalidade capaz de contactos sociais, de calor humano e segurança, como a possibilidade de demonstrar a sua sociabilidade. O lugar priviligiado dessa experiência vital é a família, que na sociedade actual tem crescentes dificuldades em satisfazer as suas necessidades. Inúmeros pais, encontram-se hoje perante exigências excessivas na perseguição de bens materiais. A família nuclear, forma familiar corrente no contexto urbano, não consegue desempenhar essa função de socialização. As outras formas de coexistência humana, não gozam ainda do apoio necessário. Muitas das forças que poderiam renovar a sociedade estão assim bloquedas e inaproveitadas.

A evolução económica dos últimos anos, reduziu a migalhas as esperanças postas numa sociedade baseada unilateralmente no crescimento e multiplicação dos bens materiais. Forças contrárias apareceram, mostrando o outro lado do espelho. A tomada de consciência dos custos humanos e ecológi-

Continua na pág. 16

Na sua "declaração sobre a crise política"

Freitas do Amaral abandona Balsemão e confirma pretender a presidência da Assembleia

• A questão do Governo é secundária para o CDS

Desde a sua declaração de ontem à noite na Televisão, Freitas do Amaral, presidente do CDS, não poderá voltar a dizer que defende a permanência de Pinto Balsemão no lugar de chefe do Governo AD. Ao descrever a crise do PSD como primeira causa próxima da crise da coligação, e ao divulgar, neste momento político, que o CDS não toma posição sobre a manutenção ou substituição do Primeiro-Ministro, Freitas dm Amaral está a «entregar» Balsemão à sua sorte no seio de um PSD em efervescência.

Esta atitude significa, na prática, que para Freitas do Amaral, deixaram de existir as razões que exigiam o seu apoio a Balsemão: para o CDS, o Primeiro-Ministro deve continuar a ser PSD, mas pode não continuar a ser Balsemão. Por outro lado, para Freitas do Amaral, a crise do PSD é «evidenciada na contestação ao presidente do partido e Primeiro-Ministro», quer dizer: Pinto Balsemão pode abandonar não só a chefia do Governo, mas também a chefia do PSD.

Com efeito, entre as principais causas da crise da AD, as três primeiras citadas por Freitas do Amaral são da responsabilidade de Balsemão, ora na qualidade de Primeiro-Ministro ora na qualidade de presidente do maior partido da coligação: trata-se da «crise no PSD», do «desentendimento entre o Governo e a maioria parlamentar da AD resultante do caso do Estatuto dos Deputados» e da «necessidade de reestruturação do Executivo, decorrente de algumas demissões e de uma quebra de imagem do Governo».

Freitas do Amaral não citou ontem, uma única vez, o nome de Balsemão, e teve o cuidado de não lhe atribuir explicitamente a responsabilidade das dificuldades actuais da coligação. Mas, para a maioria dos observadores, é evidente que o facto de não ter apoiado **explicitamente** o Primeiro-Ministro num momento em que esse apoio explícito poderia ser vital a este último, corresponde, de facto, a um descomprometimento e, implicitamente, a uma condenação. Balsemão terá agora de, sozinho, enfrentar as oposições no PSD e na AD, sabendo que já não conta com a «mão estendida» do CDS.

«Era só o que faltava que, no momento em que o Presidente da República se encontra com ex-ministros de Salazar, eu não pudesse encontrar-me com ex-ministros de Sá Carneiro!»

Objectivos do CDS

Ao mesmo tempo, Freitas do Amaral deixou bem claro que o que lhe interessa, pessoalmente (e ao seu Partido) é a presidência da Assembleia da República ou a liderança do conjunto da coligação, e não uma eventual participação no executivo remodelado. Disse ele:

«Por mim, estou pronto a considerar (...) a possibilidade de poder vir a desempennhar proximamente uma função de maior relevo na Assembleia da República ou na estrutura coordenadora da Aliança Democrática».

Os observadores concordam em que esta afirmação, um tanto forçada no contexto global da declaração de ontem à noite, não deve ser entendida como testemunhando desinteresse do CDS pelo futuro executivo. Deve ser, sim, entendida como significando que o Governo não é, apesar da sua importância, o objectivo principal dos centristas no actual momento. Para o CDS, é chegado o momento de Freitas do Amaral assumir o papel de número dois na hierarquia do Estado, logo após o Presidente da República. Por outro lado, admitindo o CDS que a crise no PSD não obtenha rápida e fácil solução, sente que pode e deve liderar politicamente a coligação, deixando eventualmente o PSD «queimar-se» numa governação forçosamente muito impopular.

A este respeito, adquire significação política importante o facto, novo de Freitas do Amaral não ter tido sequer uma palavra de apreço público pelo trabalho dos seus ministros no Governo Balsemão. O CDS defende claramente uma remodelação ministerial, desde que estejam resolvidos os conflitos de poder no PSD e que o Governo que ainda está em funções se reconcilie, aceitando que errou, com a maioria parlamentar. Mas os silêncios de Freitas do Amaral não deixam dúvidas sobre o facto seguinte: os ministros CDS que se tenham deixado «envolver» excessivamente pela «política Balsemão» poderão estar em falta para com o CDS e, nesse caso, não merecem louros partidários.

Soares Carneiro e Ramalho Eanes

Pela primeira vez desde as presidênciais de Dezembro, o líder do CDS referiu-se também, na sua declaração de ontem, às repercussões negativas da derrota de Soares Carneiro na prossecução do projecto da AD. Depois de ter lamentado o desaparecimento de Sá Carneiro e de Amaro da Costa – «tem sido bem mais difícil organizar e preencher o vazio que deixaram» – disse Freitas do Amaral:

«Quando hoje assistimos ao quarto veto do Conselho da Revolução à lei dos sectores público e privado; quando notamos a lentidão exasperante da revisão constitucional; e quando presenciamos, preocupados, a crise em que se debatem os dois maiores partidos democráticos portugueses (referência ao PSD e ao PS), talvez compreendamos melhor como era essencial à democracia e ao projecto da AD a vitória do general Soares Carneiro».

Esta evocação do candidato da direita e da extrema-direita à Presidência da República foi, para Freitas do Amaral, o pretexto para se situar pessoalmente, e situar o CDS, face a Ramalho Eanes:

«No plano institucional, o Presidente da República é um orgao de soberania com que se deve cooperar; no plano político, o general Ramalho Eanes não é um aliado da AD, mas um adversário. Nunca defendi nem defendo qualquer guerrilha institucional. Mas também não deixarei de criticar o Presidente sempre que entender justa e oportuna essa crítica».

Este «programa» esclarece qual será o tipo de relação que Freitas do Amaral manterá com o Presidente da República caso venha a assumir, como deseja, a presidência da Assembleia.

Ainda em relação a Eanes, Freitas do Amaral admoestou-o ontem solenemente acerca da crise do PSD, afirmando que «ninguém de fora, sejam outros partidos, seja o Presidente da República, se deve intrometer nela». Este «aviso» é tido como uma crítica à posição de Eanes perante os conflitos de poder entre os sociais-democratas: é geralmente atribuído a Eanes o desejo de que o desenlace da questão seja favorável ao actual primeiro-ministro.

Freitas do Amaral aproveitou, aliás, a sua declaração de ontem para vibrar uma estocada suplementar em Eanes, a propósito de alegadas contradições no comportamento deste como Presidente tido, frequentemente, na AD, como «favorável a socialistas e comunistas». Referindo-se às suas últimas movimentações junto de personagens do PSD antigos «incondicionais» de Sá Carneiro e actualmente na oposição ao primeiro-ministro, Freitas do Amaral evocou nos seguintes termos o recente encontro, em Londres, de Eanes com Franco Nogueira:

«Era só o que faltava que, no momento em que o Presidente da República se encontra com ex-ministros de Salazar, eu não pudesse encontrar-me com ex-ministros de Sá Carneiro!»

Freitas do Amaral sentiu, porém, a respeito destes seus encontros com «ex-ministros de Sá Carneiro», a necessidade de se justificar, e mesmo de repudiar explicitamente acusações de ingerência na vida interna do PSD, de que tem sido alvo por parte de sociais-democratas que não vêem com bons olhos a crescente hegemonia do CDS no seio da AD:

«Rejeito energicamente quaisquer acusações de conspiração ou semelhantes, que não têm o mínimo fundamento e são em si mesmo injuriosas. Se as circunstâncias (referência à crise do PSD e à alegada situação de fraqueza de Balsemão) me colocam em posição de poder falar com personalidades de todos os quadrantes, não vejo que fosse melhor para a AD recusar-me ao diálogo».

Globalmente considerada, a tão adiada declaração de Freitas do Amaral tem o seguinte significado: Balsemão não é importante, o que é importante é que seja o PSD a assegurar a principal responsabilidade da governação. Ao mesmo tempo, dado que o PSD dá mostras de profunda crise, o CDS faz questão de sublinhar que está em condições de assegurar a liderança política da AD. Freitas do Amaral, entretanto, não é, neste xadrez, uma peça que o CDS esteja interessado em «queimar» no Governo. Trata-se de uma personalidade cuja estatura o recomenda, na opinião dos centristas, para o segundo lugar na hierarquia do Estado ou, na pior das hipóteses, para a liderança pública da coligação. Quanto a Eanes, não se pense que o CDS o deixará lucrar com a crise da AD: trata-se de um adversário político, que urge tratar como tal até ás próximas presidenciais.

Finalmente: o presidente do CDS não disse uma só palavra sobre os conflitos internos no seu próprio partido, nem confirmou a sua intenção, declarada a um matutino lisboeta no passado fim-de-semana, de ordenar um inquérito interno contra os responsáveis por fugas de informação e por «informações incorrectas» a partir do CDS.

No passado sábado, Freitas do Amaral tinha-se publicamente comprometido a perseguir «personalidades destacadas do CDS» segundo as quais os centristas apoiariam no Parlamento um futuro executivo «só PSD». Dias depois, voltou a condenar «personalidades do CDS» segundo as quais os dirigentes do partido discutiam actualmente duas posições que os dividiam: deixar cair Balsemão e apoiar a sua substituição na chefia do Governo, ou defender uma simples «remodelação ministerial». Significará este recuo nas suas intenções disciplinadoras que também ele está a ser «empurrado» para uma posição de conciliação dentro do seu próprio partido?

J.M.

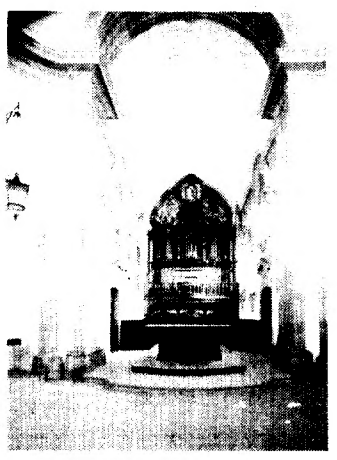
Ponto a ponto

● **O PCP** acaba de denunciar «uma nova e perigosa manobra do Governo AD», o qual submeteu recentemente a órgãos autárquicos, com o pedido de parecer, um «projecto de proposta de lei» que visaria, a pretexto de revisão da Lei das Finanças Locais, proceder à sua integral substituição sem que este importante diploma tenha sido uma só vez integralmente aplicado». Alertando as populações e todos os eleitos dos órgãos de poder local verdadeiramente interessados no progresso das suas terras, para a gravidade dos propósitos governamentais», o PCP reitera a sua determinação de continuar a contribuir para a defesa e integral aplicação da Lei das Finanças Locais aprovada na AR».

● A convite da Câmara Municipal de Peniche, o Presidente da República e mulher visitarão hoje naquela vila a **Feira Nacional do Mar (Mar-81).** Depois de uma sessão de boas vindas nos Paços do Concelho (cerca das 18 horas) o casal Eanes passará pelas obras em curso no porto local após o que jantará com o presidente da edilidade, iniciando de seguida uma visita à Feira do Mar (na imagem uma âncora romana, na Secção de Arqueologia de «Mar-81»).

● Para uma visita de cumprimentos às diversas autoridades civis e militares portuguesas, chega hoje a Lisboa o contra-almirante Paul H. Speer, da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, indigitado para novo chefe do Estado-Maior do Supremo Comando Aliado do Atlântico (SACLANT), cargo de que tomará posse no próximo dia 17. À sua chegada ao aeroporto da Portela, o contra-almirante Speer será recebido pelo comandante da **Área Ibero-Atlântica (Comiberlant),** o também norte-americano e contra-almirante Tyler F. Dedman.

● Uma delegação do Partido do Trabalho da **República Popular Democrática da Coreia** foi ontem recebida em audiência no Conselho da Revolução, pelos conselheiros: tenente-coronel Vítor Alves, tenente-coronel Melo Antunes e comandante Martins Guerreiro. A delegação coreana, constituída por Kim Yeung Nam, Kim Yong Soun, Kang Seuk-Jou, membros do Comité Central do Partido do Trabalho e pelo embaixador residente, passou por Lisboa vinda de Espanha, onde assistiu ao Congresso do Partido Comunista Espanhol. Esta delegação será hoje obsequiada com um jantar.



● O governador civil de Viseu, António Coelho de Araújo, negou que o seu pedido de demissão tenha sido motivado por divergências políticas com o Primeiro-Ministro e presidente do PSD, Pinto Balsemão.

«Não tenho quaisquer divergências de natureza política com Balsemão» – disse Coelho de Araújo, que é também militante social-democrata.

Segundo afirmou, as razões do seu pedido de demissão do cargo de governador civil, que – disse – já foi apresentado há vários meses e reiterado há cerca de 15 dias, são de natureza exclusivamente profissional.

Área Distrital de Lisboa do PSD quer congresso extraordinário

•Para Helena Roseta as 2500 assinaturas constituem uma questão secundária

Enquanto o prof. Freitas do Amaral debitava, através da RTP, a sua tão anunciada «comunicação ao País (a que damos o adequado tratamento na pág. 5), decorria uma importante reunião da Comissão Política da área Distrital de Lisboa do PSD, «para analisar o último comunicado da Comissão Política Nacional e tomar posição sobre a possibilidade de convocação de um congresso extraordinário do Partido». Não foi distribuído, no final, qualquer comunicado, mas Helena Roseta, um dos principais opositores de Pinto Balsemão no interior do PSD, produziu algumas declarações.

Na opinião de Helena Roseta, aquele comunicado «é assunto passível de apreciação» por ter considerado «oposição antidemocrática» as críticas feitas a Pinto Balsemão.

«Dentro do PSD todas as posições têm de ser consideradas democráticas, sejam de apoio ou de crítica, pois foi sempre essa a prátic do Partido» – disse.

«As críticas a Sá Carneiro e á sua liderança pelo actual presidente do PSD; Pinto Balsemão, nunca foram consideradas antidemocráticas» – acrescentou.

Considerando a demissão do vice-presidente Mário Raposo e o anúncio do mesmo procedimento por Carlos Macedo, bem como o abandono de porta-voz por parte de Angelo Correia, Helena Roseta entende que «isso afecta bastante a liderança do PSD e só às bases compete decidir da solução a seguir».

Nesse sentido, será auscultado o pensamento da distrital sobre a eventualidade de um congresso extraordinário, pois «para resolver a crise do Partido, a única entidade competente são os militantes e não outra instância qualquer muito menos o Presidente da República» – disse aquela dirigente social-democrata.

Helena Roseta, rejeita a teoria da desvantagem de congressos a curta distância, lembrando que «o sexto congresso do PSD, em Junho de 1978, foi feito para destruir os dirigentes eleitos no quinto, em Janeiro, no Porto, apenas com um intervalo de seis meses».

Quanto ao detonador do desencadear da convocatória do Congresso Extraordinário (2.500 assinaturas ou presidente do Partido) é problema «secundário» para Helena Roseta.

«O Congresso é uma forma de ouvir as pessoas e não interessa a quem pertence a iniciativa de o convocar» – acrescentou.

Logo à noite, com idênticos objectivos da reunião de Lisboa, efectua-se a da área Distrital do Porto. «Apenas» uma diferença: aqui, ao contrário de Lisboa, Balsemão parece contar com um significativo apoio.

Mota Amaral: «a mesma posição de sempre»

O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, reafirmou ontem que mantém «a mesma posição de sempre» relativamente a Pinto Balsemão.

A declaração foi feita após uma audiência de cerca de duas horas com o Primeiro-Ministro, a que inicialmente estiveram presentes os presidentes da Assembleia da República, Leonardo Ribeiro de Almeida e do Grupo Parlamentar do PSD, Moura Guedes.

Mota Amaral negou ter sido sondado para constituir alternativa a Pinto Balsemão e criticou os que tem pretendido insinuar divergências.

Para o chefe do Executivo açoriano, «o debate deve ser discutido no interior do Partido», o que espera venha a acontecer no Conselho Nacional de sábado.

«O tom em que este debate tem sido conduzido é de tal maneira desgostante – sublinhou – que eu prefiro não intervir».

Por outro lado – acrescentou – «a recusa de aceitar cordatamente as decisões dos órgãos nacionais do Partido é prejuízo grave para o sistema democrático do nosso país».

Entretanto, as onze comissões concelhias do PSD, na Madeira enviaram telegramas de apoio a Pinto Balsemão.

Estes órgãos de base do PSD-Madeira repudiam ainda todos aqueles que põem em causa a capacidade de liderança de Pinto Balsemão.

Continua a «dança» das declarações

Aguardado com relativa expectativa, uma vez conhecida a tendência pró-Balsemão da maioria dos seus representantes, reúne amanhã, no Hotel Penta, o Conselho Nacional do Partido Social Democrata. A ordem dos trabalhos, com início às 15 horas, terá como ponto único «a análise da situação político-partidária». No final dos trabalhos «serão apresentadas as conclusões aos representantes dos órgãos de Informação», segundo uma comunicação divulgada pelo Serviço de Informação e Relações Públicas do PSD.

Entretanto, como vem sendo moeda corrente desde o despoletar da crise no seio do PSD, as declarações sucedem-se, em nome pessoal ou em representação de «linhas» ou de órgãos partidários. Uns são entrevistados, outros, não deixando escapar a mínima oportunidade de «dizer coisas», apressam-se a responder aos primeiros.

Assim, acontece com Artur Mota, vogal da Comissão Política Nacional do PSD, que ontem rejeitou «qualquer processo antidemocrático de constituição de qualquer Governo».

Esta declaração surge na sequência da publicação em vários jornais de «um Governo-sombra» alternativo ao de Pinto Balsemão e onde se inclui o nome de Artur Mota.

«Esse Governo – disse Artur Mota – parece de paternidade incógnita e de viabilidade impossível por conciliar posições inconciliáveis.»

«Rejeito o ingresso em Governos desse tipo» – frisou.

Artur Mota manifestou ainda solidariedade política ao Primeiro-Ministro e presidente do partido, cuja actuação, disse, se tem pautado pelo respeito das decisões dos órgãos do partido e do Programa da AD.

«Bom seria – acrescentou – que, em nome do interesse nacional e até pelo respeito e vontade do eleitorado e pela memória de Francisco Sá Carneiro, determinadas pessoas acabassem de vez com manobras inqualificáveis e contribuíssem com um esforço sério e leal para a resolução dos graves problemas com que o País se defronta.»

Secretário de Estado do Trabalho também desmente

Queirós Martins, secretário de Estado do Trabalho, desmente «de forma total» qualquer contacto com responsáveis pelo lançamento de um «Governo fantasma».

Um semanário divulgava ontem um abaixo-assinado de eleitores da AD, que sugeriam um elenco governativo «para salvaguarda do interesse nacional» e no qual era atribuída a Queirós Martins a responsabilidade de chefia da pasta do Trabalho.

Queirós Martins considera a ideia «torpe e alucinada» e afirma que nunca pertencerá a um elenco governativo «presidido por quem quer que seja, que não disponha da legitimidade conferida pelos órgãos próprios do PSD».

Uma vez mais, o secretário de Estado confirma a sua «inteira lealdade» ao actual ministro do Trabalho, Nascimento Rodrigues «cuja competência, qualidade e eficácia governativa não são demais realçar», bem como a sua «confiança política» no actual presidente do PSD e Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão.

Queirós Martins teceu, por último, críticas «a mais esta manobra desestabilizadora de personalidades do PSD, que, ao arrepio da vontade maioritária dos militantes se revelam mais preocupados com a obtenção de promoções pessoais do que na resolução dos graves problemas nacionais».

Cimeira AD na próxima semana

A Aliança Democrática reúne-se em cimeira (na próxima semana, depois da reunião do Conselho Nacional do PSD prevista para amanhã – soube-se esta manhã de fonte do PSD.

Este partido absteve-se, até ao fim da amnhã de hoje, de comentar a intervenção de Freitas do Amaral ontem na televisão sobre a crise política. José Vitorino, actualmente porta-voz social-democrata depois do abandono deste posto por Ângelo Correia, afirmou esta manhã que a posição do CDS será integrada na análise global que os dirigentes do principal partido da AD farão na reunião de amanhã.

A primeira reacção conhecida às palavras de Freitas do Amaral, foi, hoje, a do monárquico Ribeiro Telles, que afirmou estar o PPM de acordo, na generalidade, com o que disse o «n.º 1» do CDS. Àcerca da necessidade, citada por Freitas do Amaral, de ser obtida a reconciliação entre o Governo e a maioria parlamentar, Ribeiro Telles disse porém que, em seu entender, essa reconciliação já está feita.

Defendeu uma profunda remodelação ministerial, sublinhando que ela não deve apenas atingir pessoas, mas também a própria estrutura do executivo.

Ribeiro Telles juntou a sua à voz dos que criticam o Governo por não estar a cumprir o programa da AD em matéria de Agricultura, Comunicação Social e projectos de Desenvolvimento, e deu o seu acordo a uma eventual eleição de Freitas do Amaral para o cargo de presidente da Assembleia da República. Também salientou a necessidade de combater a corrupção na «sociedade portuguesa».

Marcha silenciosa e "rock" evocaram Hiroxima em Lisboa

Uma marcha silenciosa de várias dezenas de pessoas, na sua maioria jovens, constituiu o momento mais significativo das diversas iniciativas que ontem assinalaram em Lisboa a passagem do 36.º aniversário da bomba de Hiroxima.

O Rossio foi o ponto de encontro de várias centenas de pessoas que acorreram às concentrações promovidas com apenas uma hora de intervalo pelos «Amigos da Terra» e «Associação Livre dos Objectores/as de Consciência» e pelo movimento «Não às armas nucleares em Portugal».

Ao fim da tarde, houve canções, um «happening» e uma destruição simbólica de armas de madeira. Depois, empunhando bandeiras verdes e cartazes com uma faixa negra alusiva a Hiroxima, muitas dezenas de pessoas puseram-se a caminho do Marquês de Pombal, onde se encerraria a primeira parte das comemorações promovidas pelos ecologistas e objectores de consciência.

À noite, a sala da Cooperativa Espiral, onde funciona a sede dos «Amigos da Terra», foi pequena para acolher as muitas dezenas de jovens que assistiram à exibição de vários filmes alusivos à luta antinuclear.

«Rock» contra o nuclear

Para as 19 horas, estava entretanto marcado o início de um espectáculo promovido pela Comissão de Juventude do Movimento Nacional de Opinião Pública «Não às armas nucleares em Portugal», que só viria a começar mais de uma hora depois, quando havia já várias centenas de pessoas preparadas para ouvir os diversos grupos de «rock» que aderiram à iniciativa – «Iodo», «Rock em Armazém», «Rés-do-Chão Esquerdo», «SOS» e «Dustra».

Durante o dia, esteve exposta na praça uma exposição fotográfica alusiva ao lançamento da primeira bomba atómica em Hiroxima, tendo sido profusamente distribuído um apelo lembrando as suas vítimas e chamando a atenção para os perigos de uma confrontação nuclear.

AM do Fundão contra armas nucleares

A Assembleia Municipal do Fundão aprovou uma moção em que apela aos órgãos de soberania «para que, no respeito pela vontade das populações, não consintam que armas nucleares estacionem ou transitem em Portugal» e onde se delibera ainda «manifestar às personalidades de todos os quadrantes políticos que lançaram e desenvolveram o movimento de opinião «Não às armas nucleares em Portugal», o seu reconhecimento por tão meritória e patriótica tarefa».

A aprovação desta moção dividiu os representantes da AD, maioritária na Assembleia Municipal do Fundão que votaram contra ou se abstiveram.

MDM evoca Hiroxima

O Movimento Democrático de Mulheres (MDM) divulgou ontem um comunicado a propósito do trigésimo sexto aniversário da explosão atómica de Hiroxima, em que manifesta a sua oposição à instalação de armas nucleares em Portugal e afirma a sua determinação de «lutar ao lado das mulheres do mundo inteiro ameaçado para que não haja armas nucleares prontas a deflagrar em qualquer parte do mundo».

Fraudes e corrupção no comércio do bacalhau?

Contratos falsos estariam na base de importações ilícitas

Contratos fictícios e, eventualmente, suborno de funcionários, poderão estar por detrás daquilo que foi apresentado ao «DL» como um importante caso de fraudes e corrupção no sector da importação de bacalhau. Segundo as nossas fontes, directamente ligadas ao comércio internacional de bacalhau, algumas empresas portuguesas (armazenistas e importadores) estariam deste modo em vias de arrecadar chorudos lucros através de facilidades de importação que conseguiriam com base em falsas declarações.

Tentando verificar a veracidade dessas informações contactámos diversos importadores nacionais e o Ministério do Comércio e Turismo. Naturalmente que nada conseguimos confirmar, em definitivo, por essas vias. Antes pelo contrário. De ambos os lados nos pretenderam convencer de que se tratava de insinuações disparatadas e sem qualquer fundamento.

Contudo, costuma-se dizer que não há fumo sem fogo. Além disso, argumentação contraditória, as hesitações e o embaraço, evidenciados por alguns dos nossos interlocutores quando tentámos esmiuçar certas questões ligadas ao comércio de bacalhau, levaram-nos a concluir que algo se passa no «mundo» do «fiel amigo». E como nos parece que há coisas que não se devem silenciar, mesmo quando ainda só se distingue o fumo sem se ver claramente o fogo, aqui deixamos a história nas suas diferentes versões.

Contratos falsos

Eis a primeira versão: Alguns comerciantes e armadores (cujos nomes omitimos por enquanto), estabelecidos em Aveiro e Porto, firmaram contratos com empresas canadianas e norueguesas a Nikerson, a Vringsvor e a Dahle, entre outras, segundo os quais estas lhes fornecem bacalhau a um preço muito inferior ao do mercado internacional. A tonelada de uma certa variedade ficar-lhes-à a 2 000 dólares enquanto que o seu custo habitual é de 2 700. Esta diferença deve-se ao facto, previsto no contrato, de que os importadores portugueses participarão com embarcações próprias em algumas das tarefas de captura e transformação do peixe em colaboração com os armadores canadianos e noruegueses.

Assim, com base num menor dispêndio de dívidas, é-lhes concedida uma autorização de importação que em condições normais não lhes seria atribuída.

E aqui é que surge a fraude e a corrupção. Os referidos barcos dos importadores ou dos armadores portugueses que com eles trabalham, nunca deixam os portos nacionais. A colaboração na pesca e o menor preço do produto são portanto fictdicios e isso é do conhecimento de funcionários de departamentos oficiais. O bacalhau é de facto pago ao produtor a 2 700 dólares a tonelada, dispondo para isso a parte portuguesa de dinheiro na Suiça com que completa os 2000 dólares que legalmente faz sair de Portugal.

Mais, ainda segundo as nossas fontes, chegaria amanhã a Aveiro um primeiro barco carregado de bacalhau importado com licenças conseguidas dessa maneira.

O interesse dos importadores portugueses nesta operação resume-se ao facto de poderem obter autorizações de importação que não são concedidas a alguns dos seus concorrentes, porque, alegadamente, participam na actividade piscatória.

Ministério do Comércio diz que não

Ouvido o serviço de informação e relações públicas do Ministério do Comércio e Turismo, a que está ligada a Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, (CRCB), ficámos a saber que, segundo esse departamento, nada do que acabamos de referir tem qualquer fundamento. Primeiro: Só são concedidas licenças de importação para o bacalhau congelado, e segundo cotas atribuídas pela CRCB a cada importador. Por vezes, permite-se que estas cotas sejam ultrapassadas, mas nunca com base em argumentos relacionados com um menor dispêndio de divisas. Segundo: No que diz respeito ao bacalhau seco, ou para secar, nenhuma empresa privada o pode importar porque a CRCB tem, este ano, o exclusivo de tal actividade.

O mesmo informador afirmou-nos contudo que uma parte do bacalhau que está actualmente a ser distribuído e que não está convenientemente seco provém de **importadores privados** e não da CRCB.

Por outro lado, um documento do Ministério do Comércio e Turismo dizia há dias que os novos preços do bacalhau agora lançado no mercado foram fixados «com base numa declaração dos produtores ou importadores».

Empresas dizem que foram contactadas

Algumas empresas ligadas ao comércio do bacalhau por nós ouvidas garantiram-nos que desconhecem tudo sobre o assunto em causa. Algumas delas acabaram contudo por reconhecer que tinham sido «contactadas» para operações desse tipo por algumas das empresas por nós referidas. Neste caso está a empresa Guimarães Cardoso do Porto que nos referiu contudo que, para lá de não ter autorização para importar bacalhau (apesar de já ter sido o maior importador nacional) não dispões de barcos que pudessem responder às condições da proposta. A citada empresa dedica-se actualmente, entre outras coisas, à secagem de bacalhau por conta da CRCB.

Algumas das outras pessoas por nós inquiridas ficaram porém muito embaraçadas em relação à quantidade de pormenores que conhecemos sobre o «negócio». Queriam saber quem nos tinha dito, quando, etc. Outras engasgavam-se e negavam sem convicção.

Haverá fumo sem fogo? Voltaremos ao assunto.

Desaparecem a olhos vistos

Espécies ornitológicas em extinção no Douro e Trás-os-Montes

Na região do Douro e Trás-os-Montes estão em vias de extinção espécies ornitológicas já raras, pelo menos na Península Ibérica, designadamente as de rapina.

«Portugal é um dos raros países europeus onde as aves de rapina não são ainda totalmente protegidas», alerta a Liga para a Protecção da Natureza.

Águias reais, falcões e grifos, bufos e abutres, em breve só poderão ser vistos empalhados em escaparates de antiquiários ou cornijas de salões de caça, à falta de reservas naturais que até lá lhes preservem o «habitat».

E quando se perderem, por exemplo, as últimas pegas azuis, cuja única colónia conhecida a norte do Tejo se situa em Barca de Alva, quem ainda insistir em as ver ao vivo terá de se dirigir... ao Sueste Asiático. Não haverá outras.

A águia real («aquila chrysaetus L» para os entendidos, como em latim de responsos) já só sobrevive precariamente no Parque da Peneda-Gerês e nas margens do Douro Internacional, entre Miranda do Douo e Barca de Alva.

Os efectivos da águia real, segundo o agrónomo Campos Magalhães, do Instituto Universitário de Trás-os-Montes, de Vila Real, «reduzem-se hoje possivelmente a um único casal (no Gerês), vítima que foi esta espécie de uma perseguição desenfreada».

Depois de ter sido a espécie «outrora relativamente abundante» acrescenta, «talvez não existam já em todo o País mais do que três ou quatro casais de águias reais».

Ninhos de águia vazios

Outro professor do Instituto Universitário de Vila Real indicou à ANOP testemunhos da presença de águias pesqueiras no Douro, na zona da Régua.

«São praticamente desconhecidas, disse, pois só quem desce o rio as avista, e essa será a única moratória para o seu extermínio».

Das águias extintas ou ausentes em demanda dos «habitats» de que os homens as privaram (não só a caça mas também as culturas afectaram os aguiotos) já só restam os ninhos, agora ocupados por outras espécies de sobrevivência tmbém a curto prazo.

Assim, nas escarpas do Alvão, onde ainda restam ninhos devolutos de águias, nestes nidificam a gralha de nuca cinzenta e a gralha de bico vermelho, o pombo torcaz e os andorinhões, todos dominando os voos de aves insectívoras, como a carriça, a toutinegra de barrete preto e o já raro melro de água.

Na serra da Nogueira se situa uma mata de carvalhos que, segundo Campos Magalhães é a «Maior do País e uma das maiores, se não a maior da Europa».

Aí, como no Parque de Montezinho, este a Norte de Bragança, se encontram os derradeiros exemplares de outras epécies ameaçadas, como o açor, a charrela ou perdiz cinzenta e o melro azul, também muito raro em Portugal.

É ainda na referida zona Miranda-Barca de Alva que subsistem os últimos grifos e abutres-do-Egipto.

Os abutres, refere Campos de Magalhães, também eram abundantes em tempos e desempenhavam «um papel importantíssimo no saneamento das regiões rústicas, impedindo a proliferação de pestes e doenças «pela necrofagia sobre restos de outros animais.

Últimos grifos e abutres-do-egipto

«Hoje em dia, acrescenta, os seus efectivos reduzem-se a escassíssimas parelhas e extinguir-se-ão fatalmente se não só deixarem de ser vítimas de perseguições, mas também se não se tomarem medidas rigorosas sobre a sua protecção».

Campos de Magalhães sugere nesse sentido «quer a constituição de uma reserva, quer o fornecimento de carne rejeitada dos matadouros, que assim iria substituir os cadáveres dos animais domésticos (...) pela serra».

O mesmo especialista refere ainda os casos da cegonha preta, «ave africana de hábitos solitários, muito rara na Península e em vias de extinção», e da cegonha branca, bem conhecida no sul e nordeste português.

A cegonha branca, beneficia a agricultura pela sua dieta de insectos, gastrópodes, batráquios, roedores e pequenos répteis, acusa «alarmante decréscimo nos seus efectivos».

E Campo de Magalhães recorda as últimas estatísticas divulgadas, segundo as quais esse decréscimo em Portugal foi de 56 por cento de 1958 a 1977.

«Quanto ao norte do País, que em relação à cegonha branca se resume ao distrito de Bragança, conclui, segundo informações de 1977 foram assinalados apenas 23 ninhos ocupados».

Adriano de Carvalho (Anop/DL)

Ecologistas ibéricos vão reunir-se

Grupos ecologistas e antinucleares da Península Ibérica vão reunir-se no primeiro fim-de-semana do próximo mês de Setembro nas Caldas da Rainha, para debater os principais problemas ambientais comuns aos dois países.

O encontro, promovido pela Cooperativa Editorial Caldense, surge na sequência da primeira reunião ibérica das minas de urânio, realizada em Salamanca em finais de Janeiro deste ano.

Nesta reunião a realizar agora em território português, participam ainda representantes de organizações sindicais e de autarquias de Portugal e de Espanha.

Nove presos em Leiria continuam greve de fome

Nove presos do estabelecimento regional de Leiria mantem-se em greve de fome desde quarta-feira, em solidariedade com os rdclusos de Linhó.

Segundo o director daquele estabelecimento prisional, o movimento que começou com a adesão de 15 reclusos constitui uma manifestação de solidariedade com outros companheiros na reivindicação da aplicação de uma amnistia aos detidos comuns.

Os nove reclusos de Leiria encontram-se sob vigilância médica, afirmou.

Na cadeia do Linhó, Sintra, encontram-se em greve de fome desde a meia noite de sábado 37 reclusos, que exigem a aplicação da lei da reforma prisional, publicada em 1 Agosto de 1979, e do novo Código do Processo Penal.

Universidade Internacional para a Terceira Idade abre novos cursos

Dado o número crescente de pessoas que se têm interessado pelas actividades da Universidade Internacional para a Terceira Idade e com o fim de se ajustarem os programas às ansiedades dos que desejem participar nos trabalhos do ano de 1981-82, encontram-se, desde já, abertas as inscrições para a frequência dos cursos em funcionamento, nos anos anteriores, para o Festival Internacional do Filme de Educação Sanitária e de Formação Social; para o segundo Congresso Nacional de Gerontologia; para o Primeiro Congresso Nacional de Antropologia Social e Cultural e para o Quarto Curso de Geriatria.

Estes cursos e congressos têm por objectivo a formação e reciclagem de todos os que, junto dos poderes de decisão regional e local, podem contribuir para esclarecer sobre a forma como se está processando o desenvolvimento e encontrar soluções para a resolução dos problemas do espaço em que exercem a sua actividade.

A orientação seguida nos cursos e nos congressos aconselha a sugerir às autarquias locais que se façam neles representar pelos seus técnicos, apresentando comunicações sobre: os seus problemas, as soluções preconizadas e as carências para a sua realização.

A imprensa diária informa, constantemente, sobre calamidades que poderiam ser atenuadas ou mesmo evitadas, com a participaçhao e colaboração das populações com a administração local. Num País em crise, com recursos humanos como o nosso, não se explica a resistência à inovação – no campo da produção e da circulação de bens e serviços.

É fácil observar, na vida diária, erros e incoerências cometidos pelo esquecimento do saber contido na experiência dos mais idosos – que a reforma afastou dos circuitos sócioeconómicos, muitos dos quais, em plena actividade física e intelectual, fazendo-nos tomar consciência de que a reforma só pode ser um direito que se adquire e que se utiliza quando se carece.

de ontem para hoje

Em Portimão: 20 pescadores em apuros

Cerca de duas dezenas de pescadores de Portimão, vítimas de um incêndio que lhes destruiu os apetrechos de pesca, mostraram ontem a sua disposição de solicitar ao Primeiro-Ministro formas de auxílio.

O sinistro, ocorrido na última segunda-feira, destruiu sete barracas e queimou motores, redes e outros apetrechos de fainas. Os pescadores que se dedicam à pesca artesanal naquela zona algarvia aguardam do Governo tratamento idêntico ao prestado aos seus camaradas de Olhão. Quando semelhante sinistro ali ocorreu em Março deste ano.

«Seca 81/Ruminantes»: alimento composto autorizado pelo MAP

Numa iniciativa enquadrada no combate à situação provocada pela seca, o Ministério da Agricultura e Pescas autorizou ontem a fabricação de um alimento composto destinado a bovinos, ovinos e caprinos, intitulado «Seca 81--Ruminantes». Esta acção – refere o comunicado do MAP – está aberta a todos os agricultores que, nas áreas das Direcções Regionais de Agricultura de Trás-os-Montes, Beira interior, Alentejo e Algarve, tenham dificuldades de alimentos grosseiros para alimentação do gado. O MAP avisa os agricultores interessados de que devem fazer, desde já, as suas inscrições nos Serviços Regionais do Ministério.

Lisboa às escuras: afinal foi tudo «obra» da humidade

A falta de energia que se registou em Lisboa, durante a madrugada de ontem, teria sido causada segundo a EDP, pela humidade nos isoladores da subestação do Alto do Mira (na Amadora) que teria provocado o disparo dos respectivos barramentos e a danificação das cadeias e isoladores, com o consequente corte de energia a todas as centrais dependentes.

Administração Pública: subsídio de refeição fixado em sessenta escudos

Com vista «a atenuar progressivamente a diferença entre funcionários e agentes com acesso a refeitório e aqueles que o não têm» o Governo, segundo uma portaria ontem publicada na folha oficial, fixou em sessenta escudos o novo preço de venda de cada refeição aos traalhadores da Administração Pública.

Cinco projectos a concurso: recuperação turística do Monte do Picoto

Cinco arquitectos portugueses entregaram ontem na Câmara Municipal de Braga igual número de projectos com vista à recuperação turística do Monte do Picoto, a norte daquela cidade. Todas as maquetas e plantas topográficas prevêem a construção de um hotel de quatro estrelas com 260 quartos e respectivas instalações sociais (piscinas, campos de ténis, etc.) e uma capela em honra de S. Cristóvão. A área a ocupar pelo futuro complexo turístico rondará os vinte hectares. Os trabalhos, da autoria de Alcino Soutinho, Álvaro Siza, Gonçalo Byrne, Fernando Távora e Pedro Vieira de Almeida, serão objecto de uma exposição pública em Outubro, após o que o Município bracarense os colocará a concurso para adjudicação da obra.

Apreendidas pela Guarda Fiscal: mercadorias avaliadas em 73 mil contos

A Guarda Fiscal apreendeu mercadorias no valor de mais de setenta e três mil contos em 298 acções realizadas em Julho em todo o território, segundo informou o chefe do Estado-Maior daquela corporação. As mercadorias e presumíveis arguidos foram entregues nos tribunais judiciais das respectivas comarcas.

Vinhas e pomares afectados: fortes trovoadas na região da Guarda

Fortes trovoadas acompanhadas de granizo e chuva assolaram várias zonas do distrito da Guarda desde o princípio da tarde de ontem. Os agricultores da região manifestaram a sua preocupação pois o mau tempo poderá vir a causar graves prejuízos nas vinhas, olivais e pomares. Na Guarda, o emissor «Rádio Altitude» interrompeu durante parte da tarde as suas emissões devido às más condições atmosféricas.

Almirante Paul Speer: chefe da NATO em Lisboa

O novo chefe do Estado-Maior do Supremo Comando Aliado do Atlântico (SACLANT), o contra-almirante norte-americano Paul Speer, chegou esta manhã a Lisboa, para uma visita de cumprimentos às autoridades portuguesas. Speer deverá partir sexta-feira para Nova Iorque depois de visitar as instalações do Comiberlant, em Oeiras, e de contactar com o ministro português da Defesa, Azevedo Coutinho, e com uma série de outras personalidades não especificadas.

Em Vila do Conde: Manuela Eanes na Feira de Artesanato

Manuel Eanes visitou ontem demoradamente, em Vila do Conde os 87 pavilhões da Quarta Feira Nacional de Artesanato, que encerra no próximo domingo.

Em declarações aos jornalistas, a esposa do Presidente da República disse esperar que o artesanato e tudo o que ele representa em termos de cultura venha a receber das autoridades responsáveis o apoio que ele merece. A exposição-venda de Vila do Conde, iniciativa da Comissão Municipal de Turismo daquele concelho foi inaugurada há cerca de um ano e tem possibilitado a venda, sem intermediários, das peças dos artesãos da região. A visita de Manuela Eanes surgiu na sequência de um convite que lhe havia sido endereçado há cerca de um ano pela edilidade vila-condense.

Justiça de Trabalho, administração "degradada"

● Desafio ao Governo para debate da situação

A comissão organizadora do Encontro sobre Direito de Trabalho desafiou o Governo para uma discussão pública sobre a orgânica e administração da Justiça no sector, particularmente quanto ao Código de Processo de Trabalho.

Em conferência realizada para divulgar as conclusões do Encontro, a comissão organizadora considerou que «a administração da justiça de trabalho em Portugal está degradada», referindo que o Código de Processo de Trabalho ainda em vigor data de 1963.

Os processos de trabalho ordinários – acrescentou – levam quatro a seis anos a ser resolvidos e os processos sumários entre ano e meio a três anos, impedindo a reparação em tempo útil de ilegalidades cometidas.

Esta situação torna-se mais grave – referiu a comissão – por «estarem em causa direitos fundamentais», como o direito ao trabalho, ao salário e a outros aspectos essenciais para os trabalhadores.

A comissão organizadora disse que a desactualização do processo de trabalho se soma a falta de meios humanos e materiais, desde a falta de juízes em tribunais de trabalho, assim como de outro pessoal qualificado, até à falta de meios materiais de trabalho (falta de «Diários da República» ou boletins de Trabalho e Emprego, não existência de verbas para telefones ou selos, entre outras carências).

A comissão organizadora do Encontro, promovido pela CGTP, sublinhou o consenso obtido no decorrer do Encontro quanto aos princípios fundamentais do Código de Processo de Trabalho entre os cerca de 200 advogados, magistrados judiciais e do Ministério Público e professores universitários que nele participaram.

Acentuou que o consenso a que chegaram aqueles juristas, «muitos dos quais defendem teses que não se adequam aos princípios que têm vindo a ser propugnados pelo movimento sindical unitário» é «bem o sintoma de que qualquer código deverá acolher as conclusões do Encontro».

Os elementos da comissão organizadora recordaram que existe um código aprovado pelo Governo Pintasilgo e ratificado unânimemente na Assembleia da República, que, sem corresponder às propostas do primeiro encontro sobre processo de trabalho, apresenta aspectos inovadores e é mais adequado à situação portuguesa, mas cuja entrada em vigor está suspensa até 1 de Outubro.

Ensino pré-primário beneficia 300 crianças no concelho da Guarda

O Ministério da Educação acaba de criar 12 centros para funcionamento do Ensino Pré--Primário no concelho da Guarda, soube a Anop de fonte municipal.

As novas escolas vão ser implantadas na Guarda, Guarda Gare, Trinta, Macainhas, Valhelhas, Famalicão, Faia, Castanheira e Mizarela.

Com o objectivo da sua organização e possibilidade de funcionamento no próximo ano lectivo, o município concedeu instalações e mobiliário àquelas escolas, que vão beneficiar mais de 300 crianças.

TIRE O MELHOR RENDIMENTO DAS SUAS FÉRIAS!

QUANTO? QUANDO? COMO?

O QUE SÃO AS OBRIGAÇÕES DO TESOURO CURTO PRAZO 81?
São a melhor forma existente de aplicação das suas economias no curto prazo de 1 ano.

PORQUÊ?
Porque lhe dão o mais alto rendimento.

QUANTO?
18 % de juros totalmente isentos de impostos representam mais do que outras aplicações a prazo idêntico.

QUAL O PRAZO?
As Obrigações do Tesouro Curto Prazo 81 são totalmente reembolsadas ao fim de 1 ano.

E É FÁCIL SUBSCREVER AS OBRIGAÇÕES DO TESOURO CURTO PRAZO 81?
Facílimo! Em qualquer Instituição de Crédito V. recebe os Títulos no acto da subscrição.

QUAL O VALOR DE CADA OBRIGAÇÃO DO TESOURO CURTO PRAZO 81?
Esc.: 5.000$00.

QUER DIZER QUE AO FIM DE 1 ANO EU RECEBO 5.900$00 POR CADA OBRIGAÇÃO DO TESOURO CURTO PRAZO 81?
Exactamente!
E confirme que as Obrigações do Tesouro Curto Prazo 81 são as "boas notas" que pode oferecer aos seus filhos.

OBRIGAÇÕES do TESOURO '81 curto prazo

beam

reportagem

Monopólio de concessão no Provedor de Justiça

"Leão" do futuro Luna Parque já é administrador do Zoo de Lisboa

O Jardim Zoológico tem novo administrador desde Março de ano corrente, de seu nome Félix Naharro Pires e coincidentemente o homem forte da Exportrade, que está no centro do projecto «Luna Parque», agora já com escritura feita.
Ao fazer esta escolha, em Março a administração ter-se-á baseado na facto de Nahharro Pires ser accionista da empresa Jardim Zoológico.
Infelizmente, não nos foi possível saber o como e o porquê da transacção que tornou o homem da Exportrade em elemento simultaneamente importante na sua associada.
A constatação destes factos surge-nos na mesma altura em que os feirantes da Feira Popular começam a agitar-se perante as perspectivas, cada vez mais negras, que têm, quanto ao seu futuro. Na verdade, foi Krus Abecasis quem afirmou que em 1982 ainda haverá feira em Entrecampos.

Os feirantes de Entrecampos nada tiveram a dizer

Só que, entretanto, também têm sido confrontados com afirmações de responsáveis no sentido de que será possível erguer um Luna Parque, na contratada Quinta de Santo António, em qualquer coisa como seis meses. Embora os próprios feirantes, entre os quais um especialista de atracções, se recusem a acreditar em semelhante rapidez.

A movimentação dos feirantes da actual Feira Popular assumiu agora um aspecto diferente quando optaram por levar o caso à consideração do Provedor de Justiça, ao mesmo tempo que se dirigiam ao Presidente da Assembleia da República e respectivos grupos parlamentares.

Os «dois cavalos de batalha» da Associação de Feirantes são a inexistência de concurso público no que se refere ao Luna Parque e o caso da Colónia Balnear Infantil de «O Século», que igualmente corre riscos de estinção a partir do momento em que desapareça o sempre precário parque junto ao Campo Grande.

E agora atente-se neste facto que nos foi relatado por um homem da Feira Popular: a constituição da Associação de Feirantes da Feira Popular de Lisboa, em Outubro de 1980, foi apadrinhada pelo então secretário de Estado da Comunicação Social, dr. Sousa e Brito. O fim em vista, com esta congregação de esforços, era assegurar e acautelar a sua presença no futuro Luna Parque.

Exportrade: feita a pensar no Luna Parque?

O projecto Luna Parque foi, como é do domínio público, contestado desde que o actual presidente da Câmara Municipal de Lisboa lançou a sua «primeira pedra» por simples palavras. Os quês e porquês dessa contestação fazem parte de um verdadeiro «dossier», grande parta do qual em estilo de debate público.

As razões para essa oposição não resultavam, obviamente, da defesa dos interesses dos feirantes de Entrecampos. Põem-se primordialmente problemas ecológicos, mas não são de desprezar as questões metodológicas, e outras como seja o porquê da escolha da Exportrade, ao que parece por adivinho ser, o dedo de Krus Abecasis.

E atente-se nesta curiosidade: a Exportrade--Empreendimentos e Comércio Internacional, Lda, sócio maioritário da empresa «Luna Park», mudou ontem as suas instalções para a Quinta de Santo António, onde, por escritura, é a última que tem efectivamente a sua sede. Será isto o reforço da tese de quantos afirmavam que a Exportrade não passava de uma empresa especialmente constituída para o projecto da feira à americana que o actual executivo camarário empreendeu e está a efectivar?

As preocupações dos feirantes vão, porém, mais longe. E as nossas, como cidadãos, não deve ficar aquém quando atentarmos no Art.º 28.º da escritura de constituição da sociedade Luna Parque: «A Câmara Municipal de Lisboa garante à Sociedade que, a partir da data da inauguração do Luna Parque, definido no artigo terceiro destes estatutos, não cederá nem manterá uma eventual concessão existente a essa data em terrenos de sua propriedade para a realização da actual Feira Popular de Lisboa ou qualquer outro certame congénere que, no mesmo âmbito, a venha a substituir».

Monopólio? Chamemos-lhe o que melhor entendermos. O certo é que a partir da inauguração do Luna Parque muita coisa poderá ficar comprometida nesta cidade das sete colinas e um «abecasis».

Terrenos já estiveram na mira de Jorge de Brito

Não é a primeira vez que se cruzam os caminhos da Feira Popular e do Jardim Zoológico de Lisboa. Tal já aconteceu pelo menos com o facto de ambos terem passado pelos mesmos terrenos (ou em espaços vizinhos), em S Sebastiõ da Pedreira. Efectivamente, esse foi o primeiro poiso do Zoo, que depois passaria por Palhavã e a caminho do Parque das Laranjeiras, onde se fixou em 1905.

Quanto à Feira Popular, também por ali passaria, entre a sua estadia na Estrela e a «fixação» em Entrecampos.

Mas as coincidências não acabam aqui, quando se sabe que a Colónia Balnear Infantil de «O Século» depende dos rendimentos do parque e Entrecampos. Já Jorge de Brito, banqueiro até ao 25 de Abril, terá acalentado um projecto com mira nos terrenos da Colónia, em S. Pedro do Estoril.

O mesmo capitalista terá acarinhado projectos que visavam o «aproveitamento» do terreno do Zoo para especulação imobiliária, com transferência do Jardim e sua bicharada para Monsanto, ao que se dizia na altura.

E agora,no momento que corre? A falharem os rendimentos da Colónia Infantil, qual o destino dos terrenos? Por outro lado, a exploração comercial não conseguiu finalmente entrar nas zonas até agora reservadas ao Jardim Zoológico?

De resto, não será de descurar o futuro e um Jardim Zoológico que vive paredes meias com um projecto como o Luna Parue, à americana , na definição do próprio Krus Abecasis.

Uma outra questão de fundo se põe, entretanto. A compra da Quinta de Santo António, agora contratada para o Luna, certamente não teve em vista a concretização de algo como o que agora surgiu. Os objectivos dos administradores que efectivaram essa compra, cuja última hipoteca foi muito recentemente paga, terão com certeza visado a possibilidade de expansão do Jardim. O que agora ficará definitivamente impedido.

Aliás, desde sempre, o espírito dos empreendimentos do Jardim Zoológico e de Aclimatação em Portugal, SARL, terá sido bastante diverso, mesmo perante vicissitudes muito superiores do que as actualmente, e nos últimos tempos, suportadas, de que se salienta o crónico défice.

Esse sentir perpassa pela história do Zoo, e continua presente na Lei n.º 998, de 2 de Julho de 1920, a qual expropriava os terrenos das Quintas das Laranjeiras e das Águas Boas, na sequência de um diferendo com os herdeiros do Conde de Burnay, inicial senhorio do Jardim Zoológico.

Na referida lei se estipula a única utilização dos referidos terrenos para o Zoo. Infelizmente, não nos foi possível saber em que termos foi contratada a compra da Quinta de Santo António e se existe alguma cláusula limitativa quanto a futuras utilizações. E dizemos «infelizmente», porque não nos foi possível contactar algum administrador que pudesse esclarecer esta e outras questões.

«Inquilinos» desalojados sem qualquer alternativa

Os actuais concessionários de espaços na Feira Popular são, em última análise, «inquilinos» da Câmara Municipal de Lisboa que pretende desalojá-los sem qualquer alternativa quanto ao seu futuro.

Uma das características das concessões que ali têm tido foi a de nunca terem sabido com a devida antecedência se a Feira se realizava ou não no ano seguinte. Aqui, surge um mérito de Abecasis, pois no ano passado obtiveram essa garantia, pela primeira vez, a alguns meses de distância.

O carácter precário destes contratos foi constituindo um factor de degradação da Feira Popular. Este ano, face ao que se passava com o caso do Luna Parque, deram-se brios e fizeram investimentos. Em alguns casos, como o da Sociedade Lusitana de Atracções, chegaram aos 40 mil contos, com crédito no estrangeiro.

Joga-se, aqui, de uma forma clara, os interesses de capital contra capital. Aquela empresa, que explora atracções na Feira Popular e com carácter ambulante por todo o País, é considerada uma das maiores da Europa. Na situação presente, conseguiu créditos bonificados em Itália, com aval do Banco de Portugal, para pagar em cinco anos.

O certo é que, até onde se sabe, os homens que vão investir no Luna Parque já desenvolveram diligências no mesmo país, para compra de atracções a colocar ali a Sete Rios. Ou seja, se a Feira Popular fechar as portas no próximo ano, a Sociedade Lusitana de Atracções poderá «recuar» e, certamente, quem se responsabilizará pela dívida aos italianos será o avalista.

Mas, entretanto, já terá havido nova saída de divisas para Itália e, quem sabe, teremos um novo avalista, certamente o Banco de Portugal.

Os obstáculos à consumação do Luna Parque não terminam aqui. Eles passam por saber, por exemplo, quanto gastará depois de tudo, a Câmara de Lisboa para que se concretize o projecto. Sim, porque as infra-estruturas, como sejam os esgotos, certamente serão suportadas pelo município.

É que, há já muitos anos, pensou-se em fazer um Luna Parque na Quinta dos Lilazes. Então, para as infra--estruturas pensava-se em qualquer coisa como 35 mil contos. Quanto irão custar agora?

E ainda: será possível fazer um Luna Parque com 500 mil contos, como se propõem os actuais concessionários? Os especialistas garantem que não. E, além do mais, apontam para prazos mais longos quando se fala da construção, com condições razoáveis.

A terminar, um breve olhar com interrogações sobre a Quinta de Santo António. O arvoredo ali existente vai realmente ser respeitado, até porque se pretende garantir o respeito pelas actuais condições ecológicas? E o que vai ser feito do armazém do Jardim Zoológico, ali existente? E quem vai custear a sua transferência, para onde?

As respostas nó as conseguimos encontrar, nem junto dos administradores do Jardim Zoológico, nem de Félix Naharro Pires, também de férias nesta administração. E, entretanto, empenhado na transferência dos serviços da Exportade para a Quinta de Santo António.

Rogério Vidigal

Incêndios? Tropa só a pedido

A Presidência da República disse que as Forças Armadas têm evitado intervenções autónomas em incêndios porque tal seria criticável, informou ontem a Câmara da Covilhã, distrito de Castelo Branco.

Segundo a mesma fonte, uma nota da Presidência da República para este município esclarece que «dependente do Executivo existe um serviço de Protecção Civil, com poderes para, quando julgar necessário, solicitar o apoio das Forças Armadas».

A mensagem adianta que o Presidente Ramalho Eanes pretende desde «há alguns anos, que o problema da protecção contra incêndios seja globalmente encarado, equacionado, programado e resolvido, contudo sem resultado».

A nota do Palácio de Belém respondia a um telegrama do presidente da Câmara da Covilhã, Lopes Teixeira, que propôs a colocação de brigadas militares junto das manchas florestais para vigia e controlo de incêndios.

As suas sugestões, disse a Presidência, foram transmitidas ao Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

Bispo de Coimbra pela cooperação

O bispo de Coimbra, D. João Alves, preconizou ontem a adopção de novos caminhos de exploração florestal e formas de cooperação entre as populações para evitar os incêndios que têm assolado a região.

Em nota pastoral, o prelado afirma que o «individualismo tem de dar lugar a mentalidades de cooperação, que saibam respeitar inteiramente a liberdade das pessoas sem os inconvenientes actuais».

«Quando cada um se recusa a ceder alguma coisa, todos acabam por tudo perder» – sublinha a nota depois de referir que «uma exploração moderna do espaço florestal não se compadece facilmente com as insignificantes parcelas de que se compõe a mancha verde».

Depois de apelar ao empenhamento dos sacerdotes e leigos mais capacitados no sentido de «uma renovação de mentalidade» das populações, o prelado afirma que a palavra pertence às pessoas interessadas, aos técnicos e aos «poderes públicos, a quem compete dar apoio».

O Bispo de Coimbra apela também às comunidades cristãs da diocese para que «dentro das suas possibilidades partilhem dos seus bens com os irmãos mais desfavorecidos aos quais os incêndios tornaram a vida mais difícil, sobretudo quando ficaram sem casa e sem o seu recheio».

D. João Alves sugere a organização de ofertórios especiais, bem como outros meios julgados convenientes que deverão ser enviados à Caritas diocesana, a quem também solicita ajuda dentro dos «critérios que presidem à sua função sócio--caritativa».

Ainda resta algo para ir ardendo...

Após a ameaça de um autodenominado «Exército Negro», em telefonema para a GNR de Castanheira de Pera, não se registou qualquer incêndio naquela vila. Por outro lado, as autoridades locais ainda não detiveram qualquer suspeito.

Recorde-se que se registou uma ameaça telefónica, na quarta-feira, no sentido de que iriam ser ateados fogos naquela região. E, passada cerca de uma hora, iniciou-se uma série de cinco incêndios que obrigou os bombeiros a montarem um piquete de intervenção. Com bons resultados, diga-se, pois evitaram uma maior dimensão dos sinistros.

Aniversário de Hiroxima comemorado em todo o mundo

O trigésimo sexto aniversário da destruição atómica de Nagasaki e de Hiroxima, em finais da segunda grande guerra, foi assinalado em todo o mundo por numerosas manifestações que protestavam igualmente contra as experiências nucleares francesas e americanas dos dois últimos dias.

O presidente do município de Hiroxima, Takeshi Araki, enviou dois telegramas de protesto, um ao embaixador dos Estados Unidos no Japão, contra a explosão nuclear experimental de quarta-feira passada no Nevada e um outro ao embaixador da França em Tóquio, contra as experiências nucleares francesas de terça-feira, no atol de Mururoa.

Três dezenas de americanos, que participaram em Hiroxima na gigantesca cerimónia religiosa anual em memória das vítimas da bomba, enviaram ao presidente Reagan um telegrama onde classificam a experiência do Nevada como «insulto deliberado» aos sofrimentos de Hiroxima.

O antigo chefe de estado-maior federal alemão, general Gert Bastian, que se demitiu em protesto contra a instalação de armas atómicas pela NATO na Europa, declarou, por seu turno, aos jornalistas, que as experiências nucleares constituem um desafio ao movimento para a paz e que o «mito» segundo o qual a arma nuclear é apenas dissuassiva já perdeu crédito.

Por outro lado, o embaixador do Japão junto das Nações Unidas Yoshio Okawa, pediu ontem em Genebra uma «concertação de esforços» entre países possuidores da arma atómica e países que a não possuem : «embora o total desaparecimento da arma atómica não possa ser encarado a breve prazo, devemos tentar evitar que o seu número aumente», declarou o diplomata japonês.

Várias dezenas de mulheres reuniram-se diante do «palácio da paz» na cidade de Haia, (Holanda), sede do tribunal internacional de justiça, para uma manifestação de três dias a que deram o nome de «guarda da paz». Munidas de guarda-chuvas brancos, essas mulheres efectuarão uma guarda entre o «palácio da paz» e o Ministério holandês da defesa, enquanto um cartaz colocado diante do palácio da paz lembrará que «em cada minuto, morrem de fome 40 crianças, ao passo que, também por minuto, se gastam 12 milhões de florins em armamento» (cerca de 292.800 contos, em moeda portuguesa).

Terminou a «Marcha da Paz»

Os participantes na «marcha da paz» fizeram ontem a sua entrada em Paris, no seguimento de uma marcha de 1 100 km começada há um mês e meio em Copenhaga e que terminou na capital francesa.

Foram saudados à entrada de Paris, pelo antigo primeiro ministro sueco, Olof Palme, que se encontra de passagem por Paris, onde se avistou, na quarta-feira com o presidente francês, François Mitterrand, com quem debateu problemas do desarmamento. Palme, que deveria voltar no mesmo dia à Suécia, insistiu em dar o seu apoio a esta marcha, «de que aprova todos os objectivos e que é conduzida por um grande número de compatriotas seus».

O cortejo, à cabeça do qual se encontra um grupo de mulheres escandinavas, sendo uma das organizadoras da marcha, a norueguesa Rakel Pederson, era composto por vários milhares de pessoas.

Agrava-se a tensão na Polónia

Malograram-se as negociações entre o Governo e o Solidariedade

Continuação da pág. 1

O ministro, por outro lado, referiu uma divergência persistente no que toca à criação de «comissões de controlo» do abastecimento que o Solidariedade tenciona formar e ver dotadas das competências necessárias pelas autoridades. O Governo, precisou Krazk, «está de acordo com um tal controlo, mas opõe-se a que este divida a população». Noutros termos, as autoridades pretendem que o Solidariedade não tenha o monopólio destas comissões e que o outro sindicato e organizações sociais sejam também representados.

Finalmente, sobre o problema da «revisão dos preços», outro ponto da ordem do dia das conversações, o Governo, precisou Krazk, aceita que a revisão seja realizada após consulta prévia da população.

Comunicado governamental

Um comunicado governamental divulgado esta manhã pela agência noticiosa «PAP» declara que o Governo polaco dispõe de meios suficientes para proteger os seus cidadãos e está firmemente decidido a opor-se as acções que conduzem à anarquia e a destabilização do Estado.

O documento, publicado após o malogro das negociações com o Solidariedade, acusa a delegação sindical de haver «rompido unilateralmente» as conversações e responsabiliza-a «pelas consequências que este malogro possa ter.»

Neste documento, o presidium do KKP, (órgão supremo do Solidariedade) que participou nas negociações tendo, na primeira fila, Lech Walesa, é acusado de «má vontade» de «agressividade» e de «arrogância» para com o Governo que, salienta o comunicado «não pode tolerar semelhante comportamento».

No seu comunicado, o Governo exprime a sua «profunda inquietação» perante as «manifestações de rua» greves e «outros actos aparentados a sabotagem organizados pelo Solidariedade, os quais segundo ele, «põem em perigo a segurança do Estado e a calma social».

O documento revela, por outro lado, que foi elaborado um comunicado final durante as negociações, mas que o presidium da KKP, o «rejeitou não mostrando possuir espírito de compromisso».

Contudo, sublinha o comunicado difundido pela PAP, tinham-se feito «progressos» quanto a «problemas importantes em matéria de cooperação» entre as duas partes: sistema das senhas de racionamento, fiscalização social da produção, distribuição dos géneros alimentícios.

O Governo, faz notar por fim o documento, exprimiu «repetidas vezes o seu «espírito de compromisso» mas neste domínio há «limites» que não pode ultrapassar e que o foram «cientemente pelo Solidariedade com a intenção manifesta de empurrar para a confrontação».

Plenário do C.C. adiado

O plenum do Comité Central do Partido Operário Unificado Polaco (POUP) que deveria iniciar-se, no próximo sábado, em Varsóvia, foi adiado para a próxima terça-feira, anunciou, ontem à noite, a Rádio polaca.

A rádio não deu qualquer indicação acerca das razões deste adiamento, limitando-se a informar que a ordem do dia do plenum não sofria alteração e que será consagrado ao exame da situação sócio-económica.

Greve adiada

O presídium do MKZ (secção local do Solidariedade) de Katowice decidiu adiar a greve geral ilimitada que fora inicialmente prevista para esta manhã em toda a alta Silesia – revelaram fontes sindicais.

A greve geral fora proposta durante uma reunião alargada do MKZ e fora prevista para o caso de se malograrem as negociações de ontem em Varsóvia, entre o Governo e o «Solidariedade».

Embora sem rejeitar a hipótese de que a greve venha a ser levada a efeito, o presídium do MKZ decidiu, porém, obter para ela o acordo da KKP antes de decretar a greve geral ilimitada.

Esta deveria começar imediatamente a seguir à greve de aviso que deveria imobilizar todas as empresas e minas da região de Katowice, entre as 6 e as 10h00 locais de hoje.

Depois de terem

Residentes france na

Permanecem tensas as relações entre a França e o Irão. Como noticiámos na nossa edição de ontem, o presidente francês François Miterrand pediu aos seus compatriotas residentes no Irão que regressassem ao seu país. Um avião da companhia aérea francesa, Air France, chegou mesmo a aterrar no aeroporto de Teerão onde deveria ter recolhido os primeiros 61 repatriados. Contudo, os cidadãos franceses que se encontravam no edifício do aeroporto esperando embarque, entre os quais 25 diplomatas, foram impedidos de se dirigir ao avião, segundo informação do Eliseu. Por seu turno, o porta-voz iraniano, Reza Alavi, explicou que a demora na saída dos franceses se devia a «problemas relacionados com a investigação dos seus registos legais e financeiros no Irão».

Alavi, adiantou ainda que «os residentes franceses abandonam o Irão a instâncias do presidente François Mitterrand e não por exigência do Governo iraniano». Em princípio, segundo a mesma fonte, o primeiro grupo de residentes a abandonar o Irão, seguirá na próxima segunda-feira, dia 10, para Paris, a bordo de um voo da Iran Air.

Apesar de as declarações do porta-voz iraniano parecerem tranquilizar o Eliseu, em Teerão vive-se um ambiente declaradamente antifrancês. Com efeito, o asilo político concedido ao ex-presidente Bani Sadr, tem originado grandes manifestações de repúdio. Rádio Teerão, acusa o Governo francês de imperialismo, «ao recusar a extradição de Sadr». Por outro lado, uma das principais artérias de Teerão, que tinha o nome do antigo presidente francês, Charles De Gaulle, foi desbaptizada. Sobre propostas da municipalidade e aprovação do Ministério Iraniano do Interior, esta via, que liga os arredores Norte de Teerão ao centro da capital iraniana, chamar-se-á a partir de agora «Mohammad Bagher Sadr», em honra do dignatário chiita assassinado, segundo as autoridades iranianas, pelo Iraque em 1980.

Numa tentativa de melhorar as tensas relações franco-iranianas, dois funcionários do Ministério das Relações Exteriores de França, deslocaram-se ao fim da tarde de ontem a Auvers-Sur-Oise, onde reside o antigo presidente iraniano. Um porta-voz do ministério precisou que estes emissários lembraram a Sadr o compromisso por ele assumido, de não exercer nenhuma actividade política. Entretanto, as relações económicas entre os dois países, que chegaram a atingir significativa dimensão, foram decrescendo gradualmente até à

Na República da Irlanda

Familiares dos grevistas da fome ocuparam gabinete do primeiro-ministro

Cinco membros das famílias dos grevistas da fome republicanos da Irlanda do Norte foram expulsos, ontem à noite, pela Polícia, das instalações do governo irlandês, em Dublin, que tinham ocupado durante duas horas e meia.

Estes cinco elementos tinham sido recebidos, à tarde, pelo primeiro-ministro da República da Irlanda Garret Fitzgerald, enquanto nove outros familiares dos grevistas da fome aguardavam no exterior. Ao fim de duas horas de conversações, os cinco declararam que não abandonariam a sala de reuniões enquanto Fitzgerald continuasse a recusar-se a levar a efeito uma acção enérgica contra o Governo britânico.

As famílias dos grevistas da fome pediram ao primeiro-ministro que expulsasse o embaixador britânico em Dublin e que chamasse o seu embaixador em Londres, bem como que retirasse as tropas irlandesas da fronteira com a Irlanda do Norte.

Cinco dezenas de polícias foram chamados à sede do Governo de Dublin e, pelas 18 horas, os cinco familiares dos grevistas da fome foram expulsos da sala de reuniões. Os nove outros elementos saíram também, escoltados pela Polícia.

Uma das ocupantes, Mary Mcelwee, irmã de Tom Mcelwee, que ontem se encontrava em estado grave e no seu 60.° dia de greve da fome, declarou à imprensa que o primeiro-ministro irlandês «nada faz para acabar com a greve da fome», tendo-se limitado, durante o encontro com oa familiares dos grevistas, a pedir a estes que lhe dessem sugestões. «Vão deixar o meu irmão morrer», gritou a rapariga, que pediu ao chefe do governo irlandês que tome «uma iniciativa firme e positiva».

O incidente, segundo os observadores, pode vir a por em causa as reuniões entre Fitgerald e os familiares dos grevistas, as quais estavam a realizar-se, até agora, ao ritmo de uma a duas por semana.

Entretanto em Belfast o comité de apoio aos grevistas da fome emitiu um comunicado relativamente conciliatório que deixa antever algumas esperanças de solução para o problema das greves da fome.

Espanha

Generais direitistas na reserva

O Governo espanhol colocou ontem dois dos generais mais conservadores do Exército na lista dos reservistas, afastando-os do comando de regiões militares.

Os generais Angel Campano Lopez e Pedro Merry Gordon, comandantes da Segunda Região Militar de Sevilha e da Sétima Região Militar de Valladolid, respectivamente, passaram à situação de pré-reserva, na qual não podem comandar tropas, ao abrigo da lei de reserva activa que pretende baixar a idade dos comandos militares.

Outros três generais, Manuel Fernandez Pose (Corunha), Manuel Torre Pascual (Maiorca) e António Elicegui Prieto (Saragoça) terão, por motivo idêntico, de abandonar os seus postos durante este ano.

O procurador militar encarregado das investigações sobre a tentativa de golpe de Estado de 23 de Fevereiro declarou terça-feira à agência Europa Press que os 31 militares implicados serão provavelmente acusados de rebelião militar. O julgamento realizar-se-á, provavelmente, em Outubro.

O general Joaquim Lobon declarou que por não ter havido derramamento de sangue os militares implicados poderão ser apenas acusados de rebelião, incorrendo numa pena máxima de 30 anos de prisão.

Informou também que os 288 guardas civis, comandados pelo coronel António Tejero Molina que invadiram o Parlamento na tentativa de golpe, serão julgados separadamente.

Os dois generais passados ontem à situação de pré-reserva foram fiéis colaboradores do falecido chefe de Estado Francisco Franco.

O objectivo desta medida, além de rejuvenescer os comandos, é garantir o acesso à hierarquia de oficiais fiéis ao Governo.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, Fran[illegible]resse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

No final das conversações

Sadat a Reagan: "Nunca o deixarei ficar mal"

Os presidentes egípcio e norte-americano concluíram ontem uma série de conversações com expressões de admiração mútua, mas sem referências aos pontos de vista divergentes acerca da Organização de Libertação da Palestina.

Sadat prometeu a Reagan durante a cerimónia de despedida na Casa Branca: «Eu nunca o deixarei mal», ao que Reagan ripostou que já antes de o conhecer o admirava, mas agora o seu respeito pelo dirigente egípcio aumentara muito.

Durante a troca de cumprimentos feita em tom efusivo, nenhum dos presidentes referiu a questão da OLP.

Sadat disse a Reagan em pelo menos duas ocasiões, incluindo num banquete na Casa Branca, que os Estados Unidos deveriam incluir esta organização de defesa dos direitos dos palestinianos nas conversações de paz, mas os norte-americanos mantêm a sua posição de não falar com a OLP.

Para Sadat, o facto de os palestinianos terem aceitado um cessar-fogo com os israelitas no Líbano «é um ponto de viragem na situação» que torna mais próxima «uma reconciliação mútua».

Nas suas conversações com o secretário de Estado norte-americano, Sadat e Haig, analisaram uma forma de incluir os palestinianos nas conversações de paz do Médio Oriente. Contudo, na conferência de Imprensa, nenhum dos dois dirigentes se referiu a contactos com a OLP, falando apenas de contactos com representantes palestinianos sem os identificar.

Sadat deu ainda outro ingrediente da fórmula que envolveria os palestinianos nas negociações declarando que «a receita para uma eventual paz é a paciência e perseverância».

Por seu lado, o presidente norte-americano disse que tenciona nos próximos meses reunir-se com dirigentes do Médio Oriente para continuar «o processo de troca de opiniões com os nossos amigos acerca dos nossos objectivos comuns de alcançar uma paz estável e segura na área».

Palestinianos condenam novo Governo Begin

Responsáveis da OLP, FPLP e FDLP condenaram o novo Executivo israelita considerando-o «um Governo de guerra, mais extremista do que os anteriores».

«A formação deste Governo fascista é uma tentativa de aniquilar o povo palestiniano e a revolução palestiniana» – comentou Salah Khalaf, ministro do Interior da Organização de Libertação da Palestina numa declaração ao diário libanês «As-Safir».

As críticas de Khalaf referiam-se principalmente à nomeação do general da reserva Ariel Sharon para ministro da Defesa de Israel. Sharon é um dos principais impulsionadores da campanha contra a OLP no Líbano.

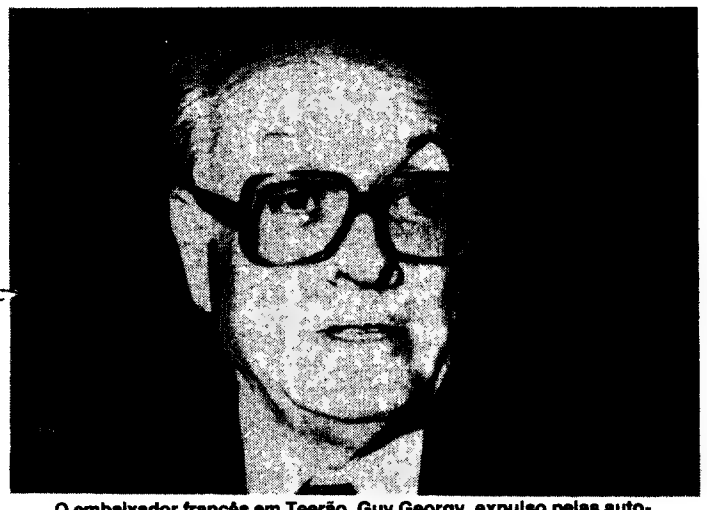
«Os palestinianos sacrificarão o seu sangue para defender a dignidade do mundo árabe e esperamos que o petróleo árabe desempenhe o seu papel» – salientou Khalaf.

O dirigente palestiniano criticou ainda «os traidores árabes que viajam pelas capitais ocidentais». «Deixaremos que o seu povo os julgue. Há-de vir um dia em que eles pagarão um alto preço» – acentuou.

Estas críticas foram consideradas por alguns observadores uma referência ao presidente egípcio Sadat que se encontra de visita aos Estados Unidos.

m estado retidos no aeroporto de Teerão

cêses poderão abandonar o Irão a próxima semana



O embaixador francês em Teerão, Guy Georgy, expulso pelas autoridades iranianas (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

quase paralisação por motivo do cancelamento, pelo regime de Khomeini, dos contratos de desenvolvimento assinados pelo falecido Xá Reza Palevi.

Segurança interna preocupa dirigentes iranianos

O novo primeiro-ministro Mohamed Bahonar apresentará o programa do seu Governo e os membros que o integram no decurso da próxima semana. Numa entrevista dada à rádio de Teerão, Bahonar definiu os principais objectivos do seu Governo: melhorar a segurança interna e externa do país, solucionar os problemas económicos do Irão, aumentar a produção industrial e agrícola, e aperfeiçoar, segundo as suas palavras, «a revolução cultural».

O presidente do parlamento iraniano, Hashemi Rafjani, pôs em dúvida a competência das forças policiais do país, e ameaçou cortar o seu orçamento se «forem incapazes de proteger melhor os deputados face à crescente onda de atentados terroristas». Em sinal de protesto pela ineficácia das actuais medidas de segurança, todos os estabelecimentos comerciais iranianos mantiveram ontem as suas portas encerradas, exigindo do Governo «mão pesada contra quem recorra ao terrorismo». Com a sua greve, os comerciantes assinalaram também o final do período de luto de 40 dias, pela morte de 72 políticos iranianos vitimados pelo atentado de 28 de unho passado.

Desde a destituição do presidente Bani Sadr, mais de 300 pessoas acusadas de actividades subversivas foram executadas no Irão. Os últimos onze fuzilamentos, de nove curdos e dois afegãos, tiveram ontem lugar em várias cidades do Oeste e do Norte do país.

Chefe da polícia demite-se

O comandante chefe da polícia da República Islâmica do Irão, coronel Hassan Ali Forouzan, pediu a demissão que foi aceite pelo ministro do Interior, o «ayatollah» Mohammad Reza Madhavi Kani, anunciou hoje a Rádio-Teerão captada em Paris.

O ministro agradeceu ao coronel Forouzan os serviços prestados à República Islâmica e convidou-o a «perserverar no caminho do prosseguimento da revolução islâmica», indicou a rádio, sem dar pormenores sobre as razões e a data desta demissão.

Enquanto o impasse se mantém

Sindicatos bolivianos apoiam revoltosos

O secretário-geral da Central Operária Boliviana, Óscar Sanjinez, considerou na quinta-feira que se assiste no país a um enfrentamento de dois sectores militares com objectivos divergentes.

Um dos sectores, disse Sanjinez quando participava em Lima (Peru) numa cerimónia comemorativa dos 156 anos da independência da Bolívia, tem como objectivo «perpetuar a corrupção, a imoralidade e o tráfico de narcóticos», enquanto o outro, consubstanciado, segundo se depreende, no grupo rebelde de Santa Cruz, pretende «dignificar o povo».

Entretanto, em La Paz, o comandante da Força Aérea, general Waldo Bernal Pereira, lançava um novo apelo para a unidade das Forças Armadas do país a fim de solucionar a crise.

O porta-voz da Junta Militar afirmou que as Forças Armadas procuram estabelecer na Bolívia uma democracia «real» e não «formal» que «esteja de acordo com a idiossincracsa dos bolivianos que exclui intervenções estranhas».

Acrescentou que a junta de comandantes «não permitirá que se faça da Nação um campo de experiências políticas semeando o caos e a anarquia.»

Um apelo para a concórdia entre os bolivianos era, por outro lado, lançado pelo general Natusch Busch, principal dirigente do levantamento militar da cidade de Santa Cruz.

Dirigindo-se a «todos os camaradas de armas e ao povo boliviano» também por ocasião do «dia da pátria», Natusch insistiu na necessidade de diálogo «sob o signo da razão e do patriotismo para procurar uma solução política para a situação existente».

«Apelo aos meus camaradas de armas para que nos concedam o seu abraço fraterno. Devemos acabar com as atitudes beligerantes, os ódios e o rancor, dando ao país uma prova de maturidade e responsabilidade», declarou Natusch Busch.

O general rebelde acentuou a necessidade de ser estabelecido um regime institucional que responda às necessidades reais do país.

Emissoras de rádio bolivianas captadas no Peru noticiaram que a situação em Santa Cruz é de calma total e que o movimento encabeçado pelos generais revoltosos, controla militarmente todo o oriente do país incluindo os distritos de Santa Cruz, Beni e Pando, aos quais se terão somado as guarnições de Potosi e Chuquisaca.

Acrescentaram que a junda de comandantes, formada pelos comandantes dos três ramos das Forças Armadas, conta com o apoio das restantes guarnições e tem em seu poder a capital, onde controla a administração do Estado.

Por seu lado, a Igreja Católica prossegue o seu pape l de mediadora trazendo uma esperança de que a crise se consiga superar através do diálogo.

O Núncio Apostólico e o bispo auxiliar de La Paz efectuaram ontem em La Paz uma intensa actividade de mediação entre as facções militares em conflito.

Ao fim do dia o bispo auxiliar de La Paz, monsenhor Genero Prata dizia que aumentavam as esperanças de uma solução, já que, afirmou, «existe boa vontade entre ambas as partes».

Analisando do exterior a situação no seu país, o embaixador boliviano na Argentina, Mário Colon, considerou que a Bolívia caminha para uma solução de tipo institucional, baseada na unidade e no entendimento generoso de todos os protagonistas do processo.

Adiantou que não existe indiferença da parte dos civis mas sim «uma grande expectativa».

Segundo fontes de Londres

Comandos Ingleses intervieram na Gâmbia

O resgate da mulher e filhos do presidente da Gâmbia ficou a dever-se à acção de dois comandos britânicos, informou hoje a Agência Inglesa Press Association.

A Agência citando fontes governamentais diz que a mulher do presidente gambiano Jilel Jawars foi libertada por um misterioso médico britânico.

Segundo a Agência, os comando pertencentes ao regimento especial da Força Aérea britânica investiram contra os rebeldes e prenderam-nos. No hospital britânico local, onde se enonctravam os filhos de Jawars.

Um porta-voz do Ministério da Defesa britânico não confirmou nem desmentiu a presença dos comandos naquele país africano, e que o seu Ministério não falava sobre as actividades do regimento especial da Força Aérea.

De acordo com testemunhas oculares teriam morrido trezentas pessoas no golpe de Estado falhado na semana passada contra o presidente Daxda Jawara.

Oposição senegalesa

Oito dos nove partidos da oposição senegalesa pronunciaram-se contra a intervenção armada senegalesa na Gâmbia e a favor da retirada imediata das forças do Senegal, daquele país.

Sete dos partidos de oposição difundiram ontem uma declaração conjunta neste sentido, considerando a intervenção senegalesa como «flagrante violação do direito do povo da Gâmbia de dispor de si próprio».

Sublinhando que a operação «já custou a vida a muitos senegaleses e gambianos» e que os seus efeitos «vão agravar as condições de existência do povo trabalhador senegalês», os signatários afirmam que a intervenção, «longe de garantir a segurança do Senegal, se arrisca, pelo contrário, a envolvê-lo num conflito prolongado, de maior envergadura e de imprevisíveis consequências», para além de aumentar «tendências intervencionistas no seio do Exército nacional».

A concluir, os partidos signatários convidam os trabalhadores a exigirem «o fim desta aventura» e a formarem uma «frente única contra as ambições das forças neocolonialistas, que dificilmente toleram as vitórias conseguidas pela luta das forças patrióticas e democráticas».

O movimento republicano senegalês (conservador) foi o único, dos nove partidos oposicionistas, a não condenar a intervenção do Exército senegalês a favor do regime do presidente gambiano.

Os signatários são o «Partido Democrático Senegalês», o único partido da oposição representado na Assembleia Senegalesa, o «Movimento Democrático Popular», do antigo presidente Mamadou Dia, socialista autogestionário, o «Movimento para o Partido do Trabalho», pró-comunista, o «Partido Africano da Independência», socialista científico, o «Partido da Independência e do Trabalho», marxista-leninista, o «Movimento Revolucionário para a Nova Democracia» (populista) e a «União para a Democracia Popular», dissidente do anterior.

Um oitavo partido, a «União Nacional Democrática» já se pronunciara em 31 de Julho, em comunicado separado, no mesmo sentido.

Robert Poli, presidente do Sindicato dos Controladore Aéreos, cumprimenta um seu colega condenado a 60 dias de prisão por participação na greve (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Reagan cumpre ameaça

Controladores aéreos em greve começaram a ser despedidos nos EUA

O presidente Reagan decidiu ignorar completamente os controladores aéreos em greve, declarando a jornada de quinta-feira «primeiro dia da reconstrução do sistema, de controlo aéreo».

O Governo americano anunciou ter prosseguido quinta-feira o envio de cartas de despedimento a cerca de 13 mil controladores que recusaram interromper a greve. Num total de 17 mil controladores, dos quais 15 mil sindicalizados, 959 grevistas receberam já na quarta-feira à noite cartas registadas anunciando-lhes o despedimento por «ausência injustificada», segundo os últimos números publicados ontem à noite pela Administração Federal da Aviação (FAA) que emprega os controladores.

Esta medida, «irrevogável» do presidente Reagan contra os grevistas afectará o tráfego aéreo nos Estados Unidos durante perto de dois anos, segundo uma estimativa do Governo. São precisos com efeito mais de 20 meses para formar um controlador aéreo.

O Centro de Formação dos Controladores Aéreos, que pode formar 5000 funcionários por ano, já recebeu 4000 pedidos de inscriçao desde o início da greve, afirmou a FAA. A greve considerada ilegal pelo Governo começou na segunda-feira 3 de Agosto, na sequência do fracasso das negociações sobre salários e tempo de trabalho, que duram há sete meses.

O presidente declarou-se «muito satisfeito» da maneira como o controlo aéreo está a ser assegurado e do seu nível, declarou o porta-voz da Casa Branca Larry Speakes.

As torres de controlo e os centros regionais funcionaram ontem com 38 a 40 por cento dos seus efectivos, segundo a FAA.

Setenta e cinco por cento dos vôos puderam ser ontem assegurados em todo o país, salvo nos 23 grandes aeroportos, onde o tráfego continuava reduzido a metade, precisou a FAA.

O tráfego, será mantido no seu nível reduzido actual, indicou o secretário dos transportes Drew Lewis, que afirmou que 620 grevistas tinham franqueado os piquetes de greve para retomar o trabalho. Lewis acusou também os grevistas de «ameaçar» os não grevistas.

O presidente do Sindicato dos Controladores Aéreos (PATCO), Robert Poli, afirmou por seu lado que só três por cento dos grevistas tinham retomado o seu lugar após o ultimato de Reagan para um recomeço do trabalho na quarta-feira ou no primeiro turno de quinta-feira.

Entretanto, o Pentágono precisou ter elevado para 500 o número de militares destacados junto da FAA para ajudar os quadros e os não grevistas nas torres de controlo.

Um só incidente grave foi assinalado na quinta-feira no aeroporto de Okhland (Califórnia). Seis tiros foram disparados de uma viatura sobre um guarda da torre de controlo, sem o ferir.

Enquanto isto, os controladores receberam o apoio moral de grandes centrais sindicais americanas e de associações internacionais de controladores aéreos. O sindicato dos 90 mil maquinistas dos aeroportos americanos indicou que se interrogava sobre a eventualidade de uma greve de solidariedade. Nenhuma decisão foi ainda tomada.

Finalmente refira-se que neste momento já se encontram presos cinco sindicalistas controladores aéreo por se terem recusado a obedecer a ordens de magistrados para regressarem ao trabalho. Por outro lado, alguns tribunais aplicaram já pesadas multas a secções locais do sindicato.

Afirma o "Guardian"

Diplomata soviético expulso não estava ligado a "agitadores"

Victor Lazin, o diplomata soviético expulso da Grã-Bretanha na terça-feira, não tinha nada a ver com a onda de violência no país, mas queria comprar segredos respeitantes à defesa britânica, e, muito especialmente sobre um dos sistemas de aviso instalado pela NATO escreve o jornal «Guardian» na sua edição de hoje

O «Guardian» desmente categoricamente as versões surgidas noutros órgãos da Imprensa britânica, de que «Victor Lazin ou qualquer outro diplomata soviético» tenha tido contactos com «agitadores» aquando dos violentos incidentes do início de Julho em várias cidades da Grã-Bretanha «Nada permite confirmar tais hipoteses» afirma o diário que cita os porta-vozes da Polícia em várias dessas cidades.

Segundo o «Guardian», a missão de Lazin teria mais a ver com a localização de instalações de detecção aérea cuja localização nunca foi revelada e que dispõem de material altamente sofisticado

exclusivo

Namíbia

As componentes do problema

■ Novosti

NO decurso da longa história do colonialismo na Namíbia, três forças se uniram para impedir o acesso desse país e do seu povo a uma verdadeira independência. São as sociedades transnacionais gigantes que operam na Namíbia, a minoria racista branca que usufrui de privilégios e detém o poder, e o regime sul-africano.

Para compreender as vantagens particulares que essas forças retiram da Namíbia, é necessário analisar com certo detalhe o complexo problema namibiano.

Os namibianos brancos: a feudalidade dos «junkers» boers

A estrutura da dominação da minoria branca na vida social, política económica do país começa com a ocupação em 1884 da Namíbia pela Alemanha e o afluxo de colonos alemães. Este sistema manteve-se até que o território passou, em 1920, para o mandato da União Sul-Africana, nos termos do Tratado de Versalhes que pôs fim à I Guerra Mundial. O afluxo de emigrantes brancos aumentou e, paralelamente, prosseguiu o processo de desapossessão da maioria da população africana das terras férteis de que dispunha. Toda a resistência foi esmagada pelos colonizadores alemães e sul-africanos.

Foi nesta época que se começou a praticar um agricultura mercantil e a pesca extensivas. Nove sociedades e organizações dominam presentemente a indústria das pescas. Em 1971, os seus lucros líquidos atingiram perto de 11,48 milhões de dólares. Estas sociedades pertencem na sua maioria à África do Sul e pagam impostos à fazenda pública desse país. No entanto, durante anos, acumularam-se provas que mostram ter a pesca intensiva levado a uma redução das reservas de sardinhas até um nível crítico. A maior parte das conservas vão para os parceiros ocidentais da África do Sul.

Uma agricultura capitalista extensiva é a principal actividade económica dos brancos na Namíbia. A carne, a criação de gado leiteiro e carneiros karakul, assim como a exportação dos seus produtos para os mercados sul-africanos e ocidentais, produzem lucros fabulosos. A sua fonte está nos baixos salários dos operários migrantes. Em 1971, 5 mil quintas empregavam perto de 65 mil trabalhadores contratados africanos. Os seus lucros, segundo os cálculos aproximados, atingiram perto de 75 milhões de dólares.

A exploração e a propriedade das terras repousaram sempre em critérios estritamente raciais. Cerca de 61 por cento das terras foram entregues aos brancos em propriedade ou em usufruto, e precisamente nas regiões mais férteis, possuindo ricas pastagens e jazigos mineiros. O resto do território, nos termos das recomendações da Comissão Odendaal de 1964, foi dividido em dez «homelands». Situadas nas regiões mais pobres do ponto de vista económico, só produzem em abundância uma única mercadoria: força de trabalho. É destes «homelands», atingidos por uma terrível miséria económica que uma grande massa d migrantes se dirige para as minas, as quintas, as companhias de pesca e as fábricas dos monopólios sul-africanos e internacionais.

Os operários africanos constituem 90 por cento da mão-de-obra das minas e das quintas e cerca de 50 por cento do sector industrial. A diferença de rendimentos dos brancos e dos negros é de 20 para um. Como na África do Sul, a população branca, 60 por cento da qual é originária da África do Sul, constitui uma minoria privilegiada, base social da reacção e da contra-revolução na Namíbia.

Sociedades transnacionais

No entanto, a economia namibiana é dominada pelas transnacionais gigantes da África do Sul e dos países ocidentais. A Namíbia possui imensos recursos: diamantes, urânio, cobre, ferro, chumbo, lítio, manganésio, enxofre, estanho, vanádio, tungsténio, prata, zinco, cádmio e pedras semipreciosas. Constituem uma base mineral estratégica que atrai as companhias transnacionais, nomeadamente aquelas que têm a sua sede nos países ocidentais que formam o «grupo de contacto» para a Namíbiam

Podem-se classificar estas transnacionais de acordo com os seus países de origem:

Grã-Bretanha: «Charter Consolidated», «Rio Tinto Zinc», «Consolidated Gold Fields», «Selection Trust».

Estados Unidos: «Tsumeb Corporation», «AMAX», «Newmont Mining Corporation», «Falconbridge Nickel Mines».

África do Sul: «Anglo-American Corporation», «Consolidated Diamond Mines», «Federale Volksbelegging», «Industrial Development Corporation of South Africa» (IDC), «ISCOR», «Johannesburg Consolidated Investemen», «Union Corporation».

França: «Minatome», «Total», «Aquitaine».

Alemanha Ocidental: «Metallgesellschaft», «Urangesellschaft», «Otavi Mining» e «Railways Corporation».

Canadá: «Falconbridge Nickel Mines», «Oamites Mining Company», «Rio Algom», «Consolidated Mining and Smelting», «Etosha Petroleum».

Em 1970 surgiu o maior conglomerado mineiro do país para explorar jazigos de urânio namibianos «Rossing Uranium». Em 1974, as acções dessa sociedade gigante eram repartidas da seguinte forma: «Rio Tinto Zinc» (Grã-Bretanha) 48,5 por cento, «Rio Algom» (CANADÁ) 10 por cento, «Total» (França) 10 por cento, IDC (África do Sul) 13,2 por cento, «General Mining» 6,8 por cento, outras 11,5 por cento.

Como a sociedade «Rossing», a maioria das sociedades são conglomerados com direcções unificadas e participação por acções. Os lucros, e também os impostos dessas transnacionais, que cabem ao Estado do «apartheid», montam a numerosos milhões. Segundo estimativas moderadas, os lucros foram, em 1971, de 12 milhões de dólares. O regime sul-africano recebeu soo a forma de impostos mais de 37 230 milhões de dólares. Segundo a revista «Economist», os lucros da «Consolidated Diamond Mines» (filial da «Anglo-American») atingiram em 1975 de 96 milhões de dólares. Estes lucros são fornecidos por um único jazigo em Oramjemund onde, segundo os dados existentes, se encontram os mais ricos jazigos de diamantes do mundo. A sociedade «Tsumeb» que assegura 80 por cento de toda a produção de metais de base deu aos seus proprietários em 1974 lucros elevando-se a 17 milhões de dólars.

Os lucros fabulosos que estas sociedades recebem e exportam para fora da Namíbia explicam melhor que qualquer outra coisa a razão pela qual o regime sul-africano e os seus aliados ocidentais não têm pressa em tomar medidas, por pouco importantes que sejam para conceder à Namíbia uma verdadeira independência. Mas é o regime sul-africano o obstáculo principal para a independência da Namíbia. A sua intransigência, apesar da condenação internacional da sua política contra o povo namibiano e o seu movimento de libertação (SWAPO), os seus actos de agressão contra a Zâmbia e, sobretudo, contra a República Popular de Angola, explicam-se por toda uma série de considerações políticas, económicas e estratégicas.

No plano económico, os impostos, pagos pelas transnacionais à tesouraria da África do Sul, são uma importante fonte de financiamento do vasto programa de desenvolvimento militar e económico do regime. Militarmente, a Namíbia é o último posto avançado do exército racista com vista a golpear os estados africanos independentes. A namíbia do norte e a parte leste de Caprivi são punhais apontados ao coração da Zâmbia, Angola e Zimbabwe.

As consequências políticas do eventual acesso à independência da Namíbia e a chegada ao poder da SWAPO são evidentes. O regime de Pretória encontrar-se-ia então completamente isolado na África Austral e a sua capacidade de resposta às crescentes acções armadas do Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul, ficaria consideravelmente enfraquecida. Há ainda uma circunstância que se reveste de uma importância decisiva para a África do Sul: Os jazigos de urânio da Namíbia. É claro que a África do Sul entende tornar-se, para o Ocidente, no principal fornecedor, não só de mineral de urânio mas, coisa mais importante, de urânio enriquecido. Além disso, as suas próprias ambições nucleares o acesso aos jazigos namíbios.

Dada esta estratégia o regime de «apartheid» pensa que, se as potências ocidentais manifestam algum sinal de hesitação, no que diz respeito à chegada ao poder da maioria negra na África do Sul, estará em condições de ditar as suas condições aos seus aliados. A África do Sul já ocupa o terceiro lugar entre os fornecedores deste mineral estratégico dos países ocidentais e constitui a principal fonte de urânio para a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha Ocidental.

Swapo: Uma força indiscutível

Nem os sul-africanos, nem as transnacionais, nem os brancos na Namíbia podem pretender dirigir o processo de transformações no país. Apesar da brutalidade das forças de ocupação sul-africanas a iniciativa destas transformações está essencialmente nas mãos da Swapo.

A incapacidade da África do Sul de ditar o sentido e as dimensões das transformações na Namíbia é notória. A despeito de um brusco aumento das forças armadas e do material de guerra na Namíbia, onde, segundo diversas estimativas, se contam de 60 a 100 mil soldados, a máquina de guerra racista não é mesmo capaz de conter a crescente luta armada dos guerrilheiros da Swapo. Com efeito, os guerrilheiros da Swapo vêem crescer o seu apoio entre a população. Por outro lado, os racistas de Pretória e os governos dos países capitalistas ocidentais, assim como os partidários da supremacia branca foram forçados a abandonar a noção de dominação pura e simples dos brancos e estão actualmente à procura de uma solução neocolonialista da questão namibiana. O regime sul-africano foi obrigado a reconhecer que nenhuma solução da questão namibiana é possível sem a plena participação da Swapo e que a independência da Namíbia só pode ser realizada pela vontade da maioria do povo, expressa através de eleições livres e imparciais, supervisadas e controladas pela ONU.

A maior parte das actuais manobras dos sul-africanos e do «grupo de contacto» dos cinco países ocidentais são o resultado do reconhecimento destes factos reais. O principal problema com o qual são confrontados é o de preservar o poder e os lucros das sociedades transnacionais e de sabotar o mais profundamente possível e por todos os meios a força crescente da Swapo e da sua autoridade entre a população da Namíbia.

Neocolonialismo: máscaras negras, caras brancas

A estratégia neocolonialista mergulha as suas raízes na vergonhosa derrota infligida à África do Sul, em 1975-1976, pelo MPLA e o povo angolano com o apoio de Cuba e dos países da comunidade socialista. Muitos acontecimentos tiveram lugar desde então, nomeadamente a recente vitória das forças patrióticas no Zimbabwe e a exacerbação da luta armada das massas populares na África do Sul e na Namíbia, o que leva a renovadas tentativas de impor uma solução neocolonial. As potências ocidentais desempenham aí um considerável papel, que é atestado pela cronologia dos acontecimentos.

Em Janeiro de 1976, o Conselho de Segurança da ONU adoptou a resolução 385 prevendo eleições livres sob a vigilância e o controlo da ONU. A África do Sul recusou submeter-se e anunciou o seu próprio plano de organização das eleições lançando a Aliança Democrática Turnhalle (DTA).

Em Abril de 1977, os sul-africanos aceitaram as propostas da DTA para convocar uma assembleia nacional e fixaram as suas próprias eleições para Dezembro de 1978. A procura de colaboracionistas negros foi parcialmente coroada de sucesso quando foi criada a Assembleia Nacional composta de representantes desde as autoridades tribais à DTA. Alarmados pelo apelo à aplicação de sanções económicas, os países ocidentais do «grupo de contacto» pediram aos Estados Unidos (que também o integra) que lhes desse a possibilidade de negociar com a África do Sul, para que ela aceitasse as eleições supervisionadas e controladas pela ONU, procurando impedir que os sul-africanos conferissem «poderes executivos» à Assembleia Nacional.

Em Abril de 1978, a África do Sul anunciou que aceitava organizar as eleições supervisionadas, (mas não controladas) pela ONU. Além disso reprimiu ferozmente a Swapo e os seus partidários. No mês de Maio desse ano, o campo de refugiados da Swapo em Kassinga (Angola) foi atacado. Os sul-africanos massacraram mais de 800 pessoas desarmadas entre as quais se encontravam mulheres e crianças.

Em Dezembro do mesmo ano, os sul-africanos impuseram eleições na Namíbia que se desenrolaram sob a ameaça das armas. Não é surpreendente que a DTA tenha alcançado a maioria dos sufrágios. Estas eleições foram realizadas contra a resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU adoptada em Novembro de 1978, que exigia serem as eleições na Namíbia organizadas sob a vigilância do pessoal civil e militar da ONU.

No decurso dos anos de 1979 e 1980, os sul-africanos avançavam diversas razões para se recusarem a cumprir as disposições do plano Waldheim prevendo a aplicação da resolução 435 de 1978. Entretanto inumeráveis encontros se desenrolavam entre o «grupo de contacto» e os sul-africanos.

Actualmente a situação agravou-se devido ao facto de a razão inicial das negociações do «grupo de contacto» com a África do Sul já não existir. A Assembleia Nacional dominada pela DTA foi reorganizada num «Conselho de Ministros» provido de poderes executivos, tornando-se de facto num «governo interno» da Namíbia.

Que papel está agora destinado ao «grupo de contacto»?

Esta cronologia dos acontecimentos sugere que durante 3 anos, desde que o «grupo de contacto» tomou parte activa para contribuir para a «solução», os rascistas sul-africanos conseguiram assegurar a «solução interna» no país e, também, travar a ameaça de sanções.

Nada revela tão claramente a cumplicidade das potências ocidentais nas tentativas de manter o poder dos racistas e das sociedades transnacionais na Namíbia. Deram à África do Sul uma importante trégua para que ela pudesse consolidar as suas posições na Namíbia e lançasse um rude ataque contra o povo namibiano, a Swapo e os Estados da linha da frente: a Zâmbia e Angola. Além disso, no momento em que Pretória se encontra totalmente isolada internacionalmente, os países ocidentais conseguiram dar à África do Sul uma imagem respeitável. Se os sul-africanos conseguiram desafiar a ONU, a razão está em as potências ocidentais terem criado condições que lho permitam fazer impunemente.

Se bem que a situação na Namíbia possa parecer sem saída devido à «intransigência» dos racistas de Pretória, a vontade da Swapo e do povo namibiano de pôr fim à dominação dos brancos, apesar das suas máscaras negras da DTA, continua invencível. A revolução no Zimbabwe mostrou que a «solução interna» não pode enganar o povo nem impedi-lo de lutar por uma verdadeira libertação. ■

Sindicatos dos Açores protestam contra aumento do custo de vida

Representantes das estruturais sindicais açorianas entregaram ontem em Ponta Delgada e ao Governo Regional um caderno reivindicativo contra o aumento de custo de vida que está a verificar-se tal como no Continente, também naquela Região Autónoma.

A notícia vem de Ponta Delgada, veiculada pela ANOP. Na ocasião em que os dirigentes sindicais faziam a entrega do documento ao presidente do GR em exercício (Raul Gomes dos Santos, com Mota Amaral ausente em Lisboa), e ao secretário regional do Trabalho, Álvaro Dâmaso, trabalhadores – em número calculado em cerca de meia centena – concentraram-se frente à sede do Executivo Regional, no Palácio da Conceição.

No caderno reivindicativo, acompanhado de cerca de 7.000 assinaturas, as estruturas sindicais açorianas repudiam os aumentos do custo de vida que tem vindo a ser decretados no arquipélago e exigem medidas de fundo dos Governos da República e Regional, com vista a resolver a crise que afecta os trabalhadores.

No documento propõe-se também um controlo efectivo dos preços e da qualidade dos produtos, bem como a actualização das pensões de reforma e sobrevivência

Icesa precisa de viabilização

O Sindicato dos Trabalhadores da Construção, Mármores e Madeiras emitiu ontem um comunicado criticando severamente o modo como trabalhadores da ICESA foram recebidos anteontem junto da residência do Primeiro-Ministro, quando ali se concentraram, para, através de delegação, fazerem a entrega, a Pinto Balsemão, duma moção pedindo fundamentalmente que o Governo decida no sentido da viabilização da empresa.

Foi de «desprezo e desrespeito pelos seus direitos» o modo como os trabalhadores foram recebidos, diz o texto, dando conta de que «apenas nos foi dito que entregássemos a moção aprovada ao sr. chefe da PSP que se encontrava de serviço».

Reclamando a viabilização da empresa, a moção reclamava a manutenção dos postos de trabalho, os pagamentos de três meses de salário em atraso, e subsídios de férias.

A ICESA, lembra-se é uma empresa das mais capacitadas no sector da construção civil com uma capacidade de produção invulgar, graças a especial dotação de processos, além de tecnologia.

A viabilização da empresa é problemática apenas no tocante à sua situação financeira.

Encontro sobre emigração

PORTO, 7 – Decorreu ontem, durante todo o dia, nas instalações do Sindicato dos Ferroviários do Norte, em Campanhã, um encontro promovido pela USP/CGTP, para debate de problemas da emigração, integrado na Semana do Emigrante.

Subordinado ao tema «Regresso, como?, quando?», este encontro incluiu um convívio, no próximo sábado à noite, no Cine-Teatro de Gaia. Participam o Grupo Trovante, Samuel, Esmeralda Amoedo, o Coral dos Sindicatos do Porto, e ainda a Banda de Música de Gondomar e o Rancho Folclórico do Douro Litoral.

CT da Messa reclama viabilização da empresa

A Comissão de Trabalhadores da Messa enviou ao Primeiro-Ministro Pinto Balsemão uma exposição reclamando a adopção de medidas por parte do Executivo no sentido de viabilizar a empresa.

No seu documento, a CT apresenta «um conjunto de reivindicações imediatas», anunciando que os trabalhadores «vão lutar firmemente» por elas.

Entre outras coisas, pretende-se que o Instituto de Participações do Estado (IPE), ao qual está cometida a gestão da Messa desde 31 de Dezembro, por despacho governamental dessa data, intervenha directamente na gestão da empresa, «assumindo assim as suas responsabilidades».

A exposição aponta para a necessidade de empenhamento nas negociações, para a colaboração e acordos com empresas internacionais do ramo, de modo a possibilitar a transferência de tecnologia, Exige-se ainda a participação dos trabalhadores no processo de viabilização da empresa.

A CT acusa o IPE de, após o despacho de Dezembro, não se ter empenhado de imediato na gestão da empresa pedindo à Comissão Administrativa (CA) anterior que se mantivesse em funções, situação contestada pelos trabalhadores.

A CT recorda que um despacho governamental de Fevereiro reafirmou as responsabilidades do IPE deu novas directivas para se efectuar um estudo à empresa para posterior decisão governamental e criou uma comissão internacional.

GITUS

CUBA

Últimas inscrições

Partida 14/8

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE

GITUS

Av. da Liberdade, 73 3º Dº Lisboa

Tels. — 32 05 56-32 06 38-36 43 03

SOTTOMAYOR

VISA

o primeiro cartão bancário é agora um "Cartão de Recomendação" junto do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

A partir de agora, iniciamos um serviço exclusivo para os utentes do Cartão Sottomayor e Agentes Económicos que aceitam este Cartão bancário.

Em todos os balcões do Banco Pinto & Sotto Mayor, um "representante" Sottomayor-Visa está ao seu dispor para colaborar consigo em todos os assuntos que tenha a tratar no Banco

UTILIZE, DESDE JÁ, MAIS ESTA VANTAGEM DO CARTÃO SOTTOMAYOR

MEMBRO PRINCIPAL E FUNDADOR DA VISA INTERNACIONAL · DESDE 1970

DC 3 — PUBLICIDADE

Cartão SOTTOMAYOR
o único que põe um Banco por sua conta.

DESPORTO

Quarto ciclista dopado na "Volta a Portugal"

Confirmado ao «DL» pelo presidente federativo Mário Ferreira:

– Recebi já da Faculdade de Farmácia de Coimbra os resultados das últimas análises anti-doping, referentes às etapas da «Volta» concluídas na Guarda, em Seia e em Gouveia e um dos controlos é positivo.

O homem-base do ciclismo federado acrescenta:

– Cumprindo rigorosamente o que estipula o regulamento, não posso ainda divulgar o nome do ciclista considerado dopado porque tenho de reunir com os meus colegas da direcção federativa (provavelmente ainda esta noite) e entrar em contacto com os dirigentes do atleta em causa, o que deve ser difícil que aconteça durante o dia de hoje.

Portanto e para já: depois de Luís Teixeira, José de Sousa Santos e Venceslau Fernandes, que perderam o direito a qualquer prémio ganho na «Volta a Portugal», outro ciclista, dos que completaram a prova, tem a esta hora o seu pecúlio seriamente ameaçado: na proveta que examinou o seu líquido orgânico foi detectado um produto considerado estimulante ilícito. Amanhã, o seu nome saltará da lista dos finalistas da «Volta», e, muito provavelmente, todos os demais concorrentes vão subir um posto, benesse com que talvez já não contassem...

Kuwait estagia em Portugal

Inesperadamenmte, eis que a selecção de futebol do kuwait decide vir estagiar em Portugal, para o que alugou instalações no Hotel Sintra-Estoril, até 25 de Setembro! A notícia, dada através da Agência Mercury (de Manuel Barbosa) colheu de surpresa o próprio presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Romão Martins, que nos declarou ir hoje ao Aeroporto da Portela, pelas 15 e 10, esperar os nossos visitantes mas não ter qualquer indicação sobre o plano de trabalho que os futebolistas do Kuwait irão desenvolver no nosso país.

Particular

Jogo realizado ontem, na Figueira da Foz: Belenenses, 3-Académico de Coimbra, 2.

Espinho contrata

Nicolau (que alinhava no Valadares) muda-se por quatro temporadas para o Sporting de Espinho.

Guarda-redes vão ter que «bater a bola baixa»

Os guarda-redes podem continuar a «gastar tempo» até à fase final do Campeonato do Mundo, em 1982, foi decidido em Ruthin, País de Gales. A reunião da Comissão Internacional da FIFA, a única que pode alterar as regras concordou em proibir que os guarda-redes façam rolar a bola na grande área, mas os vinte delegados não conseguiram entendimento para impor a alteração antes do Mundial-82.

A nova regra apenas será introduzida, quando muito, na época de 1982/83, «tivemos dificuldade em encontrar uma aplicação mais imediata», declarou o secretário da comissão, Trevor Morris. «A decisão necessita de ratificação. Ela não poderá acontecer antes da próxima reunião prevista para 12 de Julho do próximo ano em Madrid, depois do mundial de Espanha», acrescentou Morris.

«A proposta colhida por unanimidade, foi apresentada pela federação inglesa de futebol. Todos sentiram que a alteração iria fazer ganhar tempo de jogo e torná-lo mais rápido», afirmou o secretário, acrescentando que «assim se eliminarão o tempo que os guarda-redes tão habituados estão a fazer perder».

Segundo as actuais regras, o guarda-redes pode dar quatro passos e fazer rolar a bola em qualquer local dentro da grande área, voltando depois a agarrá-la. A proposta em causa estabelece que uma vez captada a bola, o guarda-redes deve colocá-la em jogo após dar um máximo de quatro passos, em qualquer direcção.

Postal para Nuno Ferrari

Pois é: de vez em quando, há que encostar a viatura às boxes e parar para meter óleo ou tomar um pouco de ar puro.

Mas o Nuno, esse excepcional camarada de Imprensa que é o reporter-fotográfico Nuno Ferrari, legitimo ex-libris de «A Bola» (onde labuta há três décadas) foi-se um dia destes abaixo das canetas e, se não estivesse ali mesmo à mão de semear o dr. Vieira da Fonseca, médico do seu clube de sempre, era o cabo dos trabalhos, porque o «grilo» emperrou.

Felizmente, para alegria de todos nós, o Nuno Ferrari está quase perfeitamente recuperado mas tão cedo não pode voltar à lufa-lufa do seu quotidiano apaixonado pelas gentes e coisas do desporto, do jornalismo, daquilo que lhe preenche 25 em cada 24 horas do dia. O Nuno, a quem os amigos já podem visitar (está num quarto do Hospital Egas Moniz, ali para a Junqueira) restabelece-se do acidentezito cardio-vascular que foi um alerta, um guarda avançado dos que, mais tarde ou mais cedo, batem à porta de quem muito trabalha sem horas de pausa para meditação ou repouso. Ao Nuno, para além de toda a nossa camaradagem e amizade, o voto de que (muito rapidamente) o tornemos a ver na recolha do «boneco» que define a sua ímpar classe de grande jornalista da objectiva.

N. de S.

César: falhanço à porta do castelo

Filipovic: sempre travado por magiares

Torneio Cidade de Lisboa: Benfica, 0-Hungria, 3

Nem tanto ao mar nem tanto à terra

Nada de saltarem para a praça as carpideiras do costume, ligadas ao choro por 180 minutos sem um só golo do bloco que conta com sete pontas-de-lança ou presas à terra naquele viperino grito de raiva com que pretendiam que Chalana continuasse no palco e a saída fosse antes do goleador-mor do campeonato antigo.

Ainda agora a procissão vai no adro, amigos, e tanto Roma como Pavia não se fizeram num dia. Além disso (como dizem os ciganos, gente de pensar como Confúcio) bons princípios em filhos são mau prenúncio futuro: e o Benfica, mesmo estrondosamente assarapantado pelos três tentos magiares a que não conseguiu colocar um travãozito numérico, poderia ter visto «placard» diferente, não fosse terem acontecido factos palpáveis que bem entornaram o caldo do prato.

Primeiro que tudo foi aquele «livre» que Bento e seus pares consentiram em golo e nunca mais (estamos crentes) poderá deixar passar sem uma barragem efectiva ao couro. Depois, quando as coisas estavam a recompor-se e o caminho para o balnerário batia à porta, eis que vem aquele espantoso «slalom» de Nyialisi, «capitão» do Ferencvaros, que parecia um menino a brincar com um ioiô. Por último, a bela entrada de Folha (todo ele nervo e genica e vontade de dar a retardada cambalhota) só por um triz não resultou no golo amortecedor e, como o **tentão** do número oito de Budapeste colocou KO toda a Luz, aí está encontrada a moral de uma história, que tem como atenuante maior para a águia o não ter podido contar com Pietra (aflito da perna esquerda) nem com esse sapiente maestro e senhor que é João Alves, farto de ser injectado em momentos de aflição (antes do Espinho, antes do Porto, cinco vezes antes da Suécia, uma noite destas para receber o Boavista) e que, a pés juntos, garante agora que não quer seguir o mesmo caminho de Eusébio, que tem os joelhos como trambolhos.

Eusébio que viu o jogo a nosso lado, numa «entourage» em que o menos «expert» era justamente o jornalista. Ora vejam só: João Alves, Alhinho, Vítor Martins, Pietra, Alberto, José Pérides e o **pantera negra,** que soltava gritos de cortar o coração de cada vez que um golo era perdido lá à frente ou Veloso (soberbo) era o derradeiro vencido de uma cortina que não atinava com a barreira colectiva.

Poderíamos transportar para aqui tudo quanto os sete «internacionais» foram desfiando durante o espectáculo, o modo como Alhinho recolhia em bloco a manobra da formação da beira-Danúbio, o ar observador como Pérides esclarecia a manobra que era forçoso realizar, o tom que Alves desejaria conferir àquele meio-campo sem rei nem roque, os tentos que Eusébio ainda seria capaz de firmar, como que correspondendo às centenas de pessoas que se viravam para o nosso camarote, em súplica muda ao melhor jogador europeu de todos os tempos.

Mas, o jogo era a patacos e iria dar para tudo: ensaio de um ou outro esquema, **candongueiros** a rodarem para partidos mais importantes, Baroti a perder às moedas com antigos alunos, o árbitro Vítor Correia a não acertar com os sócios e a perdoar duas escandalosas grandes penalidades aos húngaros, Carlos Manuel a quase atingir a meta de Veloso mas, no computo geral, também Folha a mostrar boa madeira e César a reprovar num exame que poderia ser tábua de salvação para a abertura de temporada.

De qualquer maneira, fiquemos nisto: foi um «show» curioso, de princípio de estação, com a estreia de Júlio Borges em cargo de muita responsabilidade, com o técnico Gama a procurar qualquer coisa junto dos maiorais da Luz, com José Pérides desocupado e à espera de despir o fato de passeio (telefone 2079913) e também com João Alves eufórico porque a sua «Ponny» já tem instalações no Porto (Praça do Marquês, 66, 2.°) e cá por Lisboa a sociedade com Valemtim Loureiro já tem distribuidores esmerados em Toni e no sempre amável Chico Santos, assim uma espécie de «115» federativo.

De resto, pouco mais para dizer. Ah, já me esquecia: sabiam que Romão Martins, presidente da Federação de Futebol, não viu o jogo porque não o deixaram entrar na Luz?

Esta só de cabo de esquadra...

Neves de Sousa

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa), auxiliado por Manuel Antunes (tribuna) e Fernando Costa (3.ª anel).

BENFICA: Bento; Veloso, Humberto (cap.), Laranjeira e Frederico; Carlos Manuel, César, Shéu e Chalana; Nené e Filipovic. **Substituições:** Ao intervalo, Folha rendeu César, aos 77 minutos José Luís entrou para o lugar de Carlos Manuel e, aos 78, Reinaldo substituiu Chalana. **Suplentes não utilizados: Botelho, António Bastos Lopes e Álvaro.**

HUNGRIA: Katzirz; Szántó, Tóth, Garaba e Kerekes; Csapó, Nyilasi (cap) e Csonerádi; Bodnyi, Tórocsik e Kiss. **Substituições:** Aos 65 minutos, Kovacs rendeu Kiss, aos 72 Rab entrou paga o lugar de Tórocsik e, aos 78 Sallai substituiu Csonerádi. **Suplentes não utilizados:** Kakas, Takács, Menyhart e Hires.

Marcadores: Csapo aos 3 minutos e Nyilasi, aos 40 e 85 minutos. Cartão amarelo a Carlos Manuel e a Kerekes devido a um desentendimento entre ambos.

Placard

Andebol «verde» recruta

Sérgio («internacional esperança» que jogava no Liceu Maria Amália) transita para a turma de andebol do Sporting, onde deve ainda ser acompanhado pelo colega Frederico.

Chalupa em Itália

O hóquista Chalupa transfere-se: deixa o Valongo para ir alinhar pelo Atlético Forti Di Marmi (Itália) durante a próxima época.

Hoje é em Alvalade

Aureolado pela conquista de um belo troféu em terras búlgaras e parecendo já apresentar certo apuro de forma para início de temporada, o Sporting recebe esta noite, em Alvalade, pelas 21 e 30, na 2.ª jornada do Torneio Internacional Cidade de Lisboa, a turma representativa da Hungria. Meszaros pode alinhar e à sua frente devem estar Barão, Eurico, Xavier e Inácio; Oliveira, Ademar e Nogueira; Jordão, Manuel Fernandes e Freire. A propósito de Meszaros: porque a sua inscrição na Federação de Futebol deu entrada tardiamente, o guardião húngaro não poderá estar presente perante o Belenenses, na 1.ª ronda do campeonato, mas depois o técnico Allison já poderá contar com ele, restando-lhe a opção entre o magiar, o nigeriano Nwokocha e o angolano Lito em relação ao único estrangeiro que pode alinhar em cada partida oficial.

RTP: cruzes na boca ao futebol entre grandes

Terminou já de madrugada, numa dependência do Estádio da Luz, uma reunião em que estiveram presentes o presidente da Federação de Futebol (Romão Martins), outros federativos (entre os quais o secretário António Malva), o presidente da Liga dos Clubes (prof. Veiga Simão) e os comandantes dos três grandes: João Rocha (Sporting), Fernando Martins (Benfica) e dr. Américo Sá (FC Porto), cada qual reunido com os seus estados-maiores, desde Sousa Marques e Jaime Lopes a Emídio Pinheiro e Júlio Borges.

Motivo do conclave: discutir as condições em que a RTP poderá transmitir encontros de futebol referentes ao próximo campeonato nacional. E uma coisa ficou firme, certa, já preto no branco: na temporada que bate à porta, o telespectador não verá os duelos mais desejados, pois o Benfica, o Porto e o Sporting recusaram, terminante e intransigentemente, que os jogos que vão realizar entre si possam ser televisionados directamente. Só autorizam a participação em encontros que se disputem em casa de outros clubes de (aparente) menor nomeada e mesmo assim desde que sejam contemplados com uma verba que nunca poderá ser inferior a 1500 contos!

Apesar desta proposta ser alta, a haver acordo com a RTP para a transmissão directa, por exemplo, do Portimonense-Benfica, do Amora-Sporting ou do Penafiel-Porto, os encontros televisivos apenas poderão ter lugar pelas 19 ou 21 horas de sábados.

DESPORTO

F. C. Porto domina nacionais de natação

O FC Porto conquistou 13 títulos nacionais no primeiro dia dos campeonatos de natação de Portugal que decorrem até domingo em Coimbra. Todavia a sua equipa de infantis, que obtivera o melhor tempo da estafeta 4x100 metros estilos, foi desclassificada por infracções na viragem.

As provas realizadas ontem, numa piscina de 50 metros não permitiram a qualquer nadador superar os mínimos para os campeonatos europeus da modalidade, a realizar em Setembro (na Jugoslávia) embora tenham sido registados cinco recordes nacionais.

FC Porto, Benfica e Algés, corresponderam às previsões dominando a jornada com a conquista de 23 dos 29 títulos em disputa. Sporting, Cova da Piedade, Caldas da Rainha, Fluvial Portuense, Bombeiros do Estoril e Associação Cristã da Mocidade repartiram entre si os restantes triunfos.

Devido à ausência dos dois principais nadadores portugueses, Rui Abreu e Paulo Frischknecht a competição decorreu sob o signo do equilíbrio.

O FC Porto conquistou dois dos três títulos dos 400 metros estilos femininos. Teresa Figueiras obteve o melhor tempo absoluto na prova de juniores, com cinco minutos e 18,43 segundos e Alexandra Silva venceu em juvenis com 5.22,45 minutos, enquanto Alexandre Alves (do Algés) ganhou a prova de infantis, com 5.35,36.

Dois recordes nacionais foram estabelecidos nas provas de 400 metros estilos masculinos. João Santos (Benfica) obteve o melhor tempo absoluto e estabeleceu novo máximo nacional de juniores (com 4.48,32 minutos) e Rui Borges, (FC Porto) bateu o recorde de juvenis com 4.48,40. José Carlos Freitas (Fluvial Portuense) venceu em seniores com 5.06,10 e Celso Ribeiro (FC Porto), ganhou a prova de infantis com 5.45,47.

Teresa Figueiras (FC Porto) conquistou o título de juniores dos 200 metros costas femininos e obteve o melhor tempo absoluto, com 2.34,10 minutos. Em juvenis, venceu Helena Barros (Algés), com 2.41,60 minutos, e em infantis Paula Costa (Caldas da Rainha) com 2.44,49.

O FC Porto venceu duas das finais de 200 metros costas masculinos, mas o melhor tempo absoluto foi registado por Pedro Soares (Bombeiros do Estoril) vencedor da prova de juniores, com 2.19,80 minutos. Paulo Azevedo (Algés) ganhou a corrida de seniores, com 2.19,90.

Os portistas José Carlos Moreira e Filipe Cláudio venceram as provas de juvenis e infantis, respectivamente, com 2.20,91 e 2.38,20 minutos.

O FC Porto obteve quatro dos oito títulos nacionais dos 100 metros livres. José Carlos Moreira realizou o melhor tempo dos masculinos ao vencer a prova de juvenis com 58,41 segundos e o seu colega de equipa Sérgio Esteves venceu em infantis com 1.04,90. Na corrida de juniores, venceu João Santos (Benfica) com 56,20 e em seniores Paulo Azevedo (Algés) com 56,90. O melhor tempo feminino foi registado pelas portistas Alexandra Silva e Paula Santana, ambas com 1.03,39, respectivamente em juvenis e seniores. Marina Alvares (Cova da Piedade) ganhou a prova de juniores entre as nadadoras infantis com 1.05,00.

Três recordes nacionais foram melhorados nas estafetas 4x100 metros estilos.

A equipa masculina de juniores do Benfica obteve o melhor tempo absoluto com 4.15,20 minutos.

No sector feminino, as equipas do Algés (em infantis) com 5.10,91 minutos, e do FC Porto (em juniores) com 4.58,88, melhoraram os máximos nacionais das respectivas categorias. O Algés venceu também a prova do escalão juvenil, com 4.56,10.

Nas outras categorias masculinas, registaram-se triunfos da Associação Cristã da Mocidade (em infantis) com 5.14,80, do FC Porto (em juvenis) com 4.38,70, e do Algés (em seniores) com 4.24,10.

MICROSCÓPIO

Ténis-RTP

Resultados dos oitavos de final do Troféu RTP de Ténis, disputados ontem em Lisboa:

Miguel Soares-Pedro Cardoso, 6-2, 6-1; Santos Costa-Cabral Moncada, 6-1, 7-5; Azevedo Gomes-Pedro Matos 6-4, 6-1; Manuel Sousa-António Mota, 6-2, 6-2; João Lagos-Luís Pernes, 6-0, 6-0; ,José Luís Fernandes-Pedro Borges V-FC; Luís Filipe-João Guedes, V-FC.

FUTEBOL

Vinte e dois mil miúdos a jogar na Noruega

Um número recorde de 22 mil jogadores de 14 países, acompanhados por cerca de 2500 dirigentes e técnicos, vão disputar na próxima semana a Taça da Noruega, o maior torneio mundial de futebol juvenil.

Os jovens, rapazes e raparigas, pertencem a 580 clubes, a maioria dos quais europeus, que estarão representados em sete classes etárias, quatro masculinas e três femininas.

Três outros continentes estarão representados, por alguns clubes da Formosa, Tanzânia e Estados Unidos.

As finais do torneio disputam-se dia 1 de Agosto no Estádio Bislett em Oslo, após cerca de 2350 jogos perliminares, dirigidos por 250 árbitros, serem disputados de segunda a sexta-feira, entre as oito e as 20 horas.

As equipas europeias dominaram as edições anteriores do torneio, que é organizado pelo Baekkelaget Sportsklubb desde 1972, ano em que participaram apenas 420 equipas.

Em 1980, foram marcados 4873 golos, média de 2,4 por jogo, e espera-se que este ano sejam atingidos os 5000 golos.

A maioria dos jovens ficam instalados nas 33 escolas de Oslo, durante a semana de duração da prova.

A grande invasão dos jovens jogadores de futebol significa o aumento da população de Oslo (450 000 pessoas) em cerca de cinco por cento.

Torneio "Madeira/Autonomia"

Marítimo-Vasco da Gama na final

O Marítimo venceu, ontem à noite, o Nacional por 5-4 (grandes penalidades) em jogo disputado no Estádio dos Barreiros (no Funchal) a contar para o Torneio Madeira Autonomia/81. Em virtude de se ter atingido os 90 minutos com o resultado em branco e de acordo com o regulamento do torneio, recorreu-se à marcação de grandes penalidades, tendo o Marítimo convertido por intermédio de Eduardo Luís, Mário Ventura, Noémio, José Pedro e Hilário. O Nacional converteu apenas quatro: por Emanuel Silva, Luís Soares, Meirelles e Inguila.

Jogo entre «velhos rivais» madeirenses, os jogadores de ambas as equipas empenharam-se ao máximo, mas os sectores defensivos, com mais ou menos sorte, conseguiram-se sobrepor sempre aos avançados. As duas equipas revelaram falta de sincronização entre os diversos sectores, a pedir mais trabalho de conjunto para disputarem o Nacional da 2.ª Divisão, onde vão estar empenhados.

Assistindo-se a boas jogadas de recorte técnico, sobressaíram Eduardo Luís, Mário Ventura e José Pedro (Marítimo) Luís Soares, Arnaldo e Meireles (Nacional).

Sob arbitragem de Albino Rodrigues, auxiliado por José Maria Lopes e Elvio Faria, as equipas alinharam:

Marítimo: Maravalhas; Hilário, Eduardo Luís, Quim Manuel e Humberto; Mário Ventura, Eduardinho (Mark, aos 72 minutos), Xavier (Noémio, aos 55 minutos) e Ladeira (João, aos 45 minutos); José Pedro e Móia.

Nacional: Torres; Fernando Arnaldo, Luís Soares e Inguila, Emanuel Silva, Tininho e Sarmento (Cristiano, aos 77 minutos); Rafael Assis (Vieira aos 45 minutos), Meireles e Luís Ângelo.

O árbitro mostrou o cartão amarelo a Luís Ângelo.

O Vasco da Gama (do Rio de Janeiro) venceu o Las Palmas (Espanha), por 6-5 em grandes penalidades também na 1.ª jornada deste torneio. Ao fim do tempo regulamentar registava-se uma igualdade a um golo.

Júlio marcou para o Las Palmas (aos 50 minutos), mas o Vasco da Gama chegou ao empate (aos 74 minutos) por Roberto Dinamite. No desempate por grandes penalidades, a equipa brasileira converteu os cinco castigos, por Roberto, Duda, Zinho, João Luís e Amaury. O Las Palmas marcou por intermédio de Pepe Juan, Júlio, Savedra e Calvo. O brasileiro Ticão e os espanhóis António Jorge e Paz falharam a concretização.

Deste modo, o Marítimo e o Vasco da Gama qualificaram-se para a final do Torneio Madeira Autonomia/81 que se disputará no próximo domingo, no Estádio dos Barreiros. Para o 3.º e 4.º lugares defrontar-se-ão o Las Palmas e o Nacional.

A partir do dia 9
o diário inclui
na sua edição de domingo
um
SUPLEMENTO CULTURAL

Literatura, teatro, cinema,
rádio, televisão, artes plásticas,
música, história
e ciência

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS
FUMO

TOTOBOLA

Pará comemorar o 20.º aniversário do Totobola, efeméride que terá lugar no dia 23 do próximo mês de Setembro, levou o Departamento de Apostas Mútuas Desportivas a efeito, um concurso para a criação de um novo símbolo gráfico e logotipo do Totobola.

Depois de apreciados os trabalhos apresentados, o júri constituído pelos senhores Engenheiros Sampaio Nunes, representante da Misericórdia de Lisboa, Professor José Cândido, representante da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, Professor Victor da Silva, representante da Escola António Arroio, Nelson di Maggio representante da Associação Internacional de Críticos de Arte e Dr. Correia da Fonseca, Director do Departamento de Apostas Mútuas Desportivas da Misericórdia de Lisboa, resolveu por unanimidade atribuir o primeiro prémio ao trabalho da autoria dos senhores, Carlos Maria Delgado Godinho e Fernando Manuel Craveiro Coelho, e que aqui se reproduz.

Os segundos prémios foram atribuídos respectivamente aos senhores Alberto Kemp da Silva; Aureliano Jaime Ceia e José Paulo Navas.

totobola totobola

Círculo de Cultura Teatral do Porto comemora trinta anos de actividade

Conforme tem vindo a ser divulgado, o Círculo de Cultura Teatral do Porto promove, no âmbito das comemorações dos seus trinta anos de actividade permanente, um concurso a nível nacional para a criação de um cartaz comemorativo deste acontecimento.

O primeiro prémio será de 40 mil escudos, existindo ainda dois segundos prémios de 10 mil escudos cada um.

O júri deste concurso será composto por Amândio Silva e Dario Alves, representantes da Escola Superior de Belas Artes do Porto, Henrique Silva e Domingos Pinho, representantes da Cooperativa Árvore e Armando Alves e Alberto Sérgio, delegados do Círculo de Cultura Teatral – Teatro Experimental do Porto.

Em Novembro, todos os projectos serão expostos na galeria do Jornal de Notícias que se associa deste modo às comemorações do CCT/TEP.

Além deste concurso, será organizado um de textos originais de teatro, que conta com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e serão editadas duas serigrafias de homenagem a António Pedro e Augusto Gomes, da autoria de Fernando Azevedo e Armando Alves. Uma medalha, da autoria de José Rodrigues será igualmente editada. Assinale-se que tanto Fernando de Azevedo como Armando Alves e José Rodrigues trabalharam já como cenógrafos, com a Companhia do Teatro Experimental do Porto.

Qualquer informação sobre os concursos e sobre as edições poderão ser solicitadas para o Círculo de Cultura Teatral – TEP,

"Aurora" em Lisboa no ciclo Murnau

O filme «Aurora», do realizador expressionista alemão Murnau, vai poder ser visto no próximo mês de Setembro em Lisboa, revelou o crítico José Matos Cruz, da Cinemateca Nacional.

Esta obra, considerada por muitos críticos e cineastas como a mais bela de toda a história do cinema, será exibida no âmbito de um ciclo dedicado ao realizador e promovido pela Cinemateca Nacional. O conjunto do programa está ainda por confirmar.

Friedric-Wilhelm Murnau (1888/1931) começou como actor pelas mãos de Max Reinhardt e os seus biógrafos dizem que aos 12 anos já dominava as obras de Shakespeare, Göethe, Tolstoi e Ibsen e que, ao atingir a maioridade, possuia uma cultura literária, plástica, e musical invulgar.

Fez a guerra na aviação, e do teatro passou rapidamente ao cinema para realizar em 1922 «Nosferatu», que desde logo o coloca na primeira fila dos cineastas alemães.

Em 1924, «O Último dos Homens» impõe-o como o maior entre os seus pares e a América começa a tentar tudo para o levar para Hollywood.

Mas seria ainda na Alemanha que Murnau faria dois dos seus filmes mais célebres: «Tartufo» – da peça homónima de Molière – e «Fausto», uma adaptação da obra de Göethe.

Em 1926 decide-se finalmente pelos Estados Unidos e assina um contrato com a Fox. No ano seguinte produz «Aurora».

Em 1929 rompe com a Fox e parte para os mares do Sul para realizar outro dos pontos culminantes da sua obra, «Tabu», a cuja estreia, em 1931, já não chega a assistir: morre três dias antes num acidente de automóvel, com 42 anos.

Atribuídos os prémios da "Lis 81"

Um português, um alemão-federal e um espanhol receberam os três prémios do concurso promovido pela Secretaria de Estado da Cultura no âmbito da «Lis 81» – exposição internacional de desenhos – informou ontem a SEC.

Trata-se de José de Carvalho, Dagmar Rhodius e Francesco Torres, distinguidos por um júri constituído por Rudi Fuchs, Donald B. Kuspit e Fernando Pernes.

Os 593 concorrentes nacionais e estrangeiros apresentaram 1.512 trabalhos, dos quais foram seleccionados para exposição 265 de 185 autores. Destes, 75 são portugueses.

A exposição, bienal, pretende «reunir obras significativas das diversas tendências do desenho moderno, nomeadamente no desenho experimental», e será inaugurada a 30 de Outubro.

Rui "Chico Fininho" Veloso casou ontem em Lisboa

Para Rui Veloso, o conhecido compositor e intérprete de rock (quem não conhece o «Chico Fininho»?) a cantiga ontem foi outra. De fatinho completo, com gravata e tudo, Rui amarrou-se, pelos laços do matrimónio, a estudante da Faculdade de Letras Maria José de Lima Domingues. Ao contrário do que acontece em palco, apenas vinte espectadores presentes na discreta cerimónia nupcial, que decorreu numa Conservatória de Registo Civil próxima da Feira da Ladra. Um pouco nervoso (atrasara-se uma hora porque no último momento esquecera-se de comprar a camisa) Rui Veloso declarou que era pouco amigo de publicidade.

A «lua-de-mel» será passada no meio de actuações (domingo na Caparica, depois em Tavira,

onde o Rui Veloso inicia uma série de actuações pelo País. A vida não pode parar, não é assim?

Que futuro para os jovens?

Continuação da pág. 4

cos da produção desses bens materiais, abalou a confiança no futuro. A destruição visível dos fundamentos da vida é fonte de angústia.

Se, a satisfação das necessidades culturais está consignada nos direitos fundamentais do homem, os meios postos à sua disposição são, contudo, designadamente repartidos, o que favorece o estilhaçar nefasto da sociedade em várias formas culturais. Se os jovens alcançam as suas necessidades culturais na chamada cultura alternativa, numa subcultura, isso significa que alguma coisa vai mal na sociedade.

A violência juvenil suscitou ao mundo dos adultos, diversas reacções perigosas, que, além de impedirem a resolução dos problemas existentes, travam qualquer possibilidade de encontrar um caminho novo para o futuro.

Não se deveria explicar a contestação da juventude de uma forma simplista, ou inimizando-a. Do mesmo modo, não se a deveria reprimir de uma forma demasiado rápida ou irreflectida: a vulnerabilidade da ordem reinante, mostra a urgência da renovação.

Antes de mais, torna-se necessário evitar que os jovens se precipitem na marginalidade. Deve-se-lhes dar o tempo de reflectirem, de se organizarem, de porem à prova a sua concepção de um mundo melhor. Nesta zona de liberdade, que falta a muitos adultos, poder-se-ão desenvolver as forças de que a nossa sociedade talvez careça para a sua renovação. Neste campo, convém alertar os homens políticos para o não aproveitamento do movimento de protesto da juventude. Nenhum partido político pode, com efeito, declarar-se honestamente inocente do pecado de negligência nos domínios da política de juventude, da família, da educação, da habitação, do urbanismo, da economia e da cultura.

A violência dos jovens, originou muita inquietude, muitos temores: os da mudança, de um futuro perturbado, do afundamento do nosso sistema, da perda da nossa prosperidade. Esta reacção explica-se por uma angústia permanente em face do futuro. Reprimir essa angústia, não considerando as revelações da contestação juvenil, seria fatal.

Não há a curto prazo soluções para todos esses problemas. Nem uma solução «pronta a servir». Mas o que se pode fazer, é aceitar e apoiar os elementos positivos do desagrado dos jovens: o movimento como tal, as diversas formas de solidariedade, de cooperação e desenvolvimento pessoal, o respeito e a prática de valores espirituais, o empenhamento e a criatividade. Torna-se necessário apelar aos jovens, para que estejam disponíveis para esse contacto, e aos adultos, para que se abram aos jovens, não recusando, à partida, as suas formas de expressão. Se não tivéssemos perdido a faculdade de conversar, tanto entre gerações, como no seio da mesma geração, a violência dos jovens não se teria manifestado.

Para os homens políticos, trata-se de considerar as críticas formuladas pela juventude à sociedade. A política, relativamente aos jovens, deve considerar a sociedade no seu todo, não apenas porque os jovens de hoje são os homens de amanhã, mas porque uma política estritamente a favor da juventude, cavará um fosso entre as gerações.

O mais importante, seria talvez a vontade de criar, não outras leis, mas um outro espírito.

SERVIÇOS MUNCIPALIZADOS
DE ÁGUA ELECTRICIDADE E SANEAMENTO
LOURES

Comunicado à População do Concelho de Loures

As dificuldades verificadas nas últimas semanas no abastecimento de água ao Concelho de Loures, principalmente nas zonas mais altas, exigem um esclarecimento à população afectada no sentido de se lhes dar conhecimento das causas que têm motivado esta situação e de se solicitar a sua melhor compreensão e concurso para ajudar a minorar os seus inconvenientes.

Como é sabido as freguesias de Santa Iria de Azóia, S. João da Talha, Sacavém, Moscavide, Camarate, Apelação, Unhos, Odivelas, Caneças, Póvoa de S. Adrião, Frielas, Loures, S. Antão do Tojal, Fanhões, S. Julião do Tojal, Lousa e Concelho de Mafra, são abastecidas quase na sua totalidade com água fornecida pela EPAL.

A falta de capacidade de reserva destes sistemas, associado às variações de caudais entregues pela EPAL ao longo do dia, em diversos pontos deste Concelho, motivados pelos rateios que esta empresa é obrigada a fazer aos Concelhos limítrofes de Lisboa, devido aos constantes aumentos de consumo, provocados pelas elevadas temperaturas da época, tem originado desequilíbrios nos abastecimentos em causa.

A freguesia de Bucelas abastecida com água de uma captação local, tem sido a única do concelho onde não se sentiram ainda dificuldades no abastecimento.

Apesar de se estarem a desenvolver todos os esforços no sentido de se atenuarem os inconvenientes da falta de água, pede-se às populações mais afectadas a melhor compreensão e solicita-se a todos os consumidores em geral que reduzam os gastos a fim de se evitar um possível agravamento da situação.

Loures, 31 de Julho de 1981

O Presidente da Câmara
Severiano Pedro Falcão

COMARCA DE CUBA
Proc. N.º 34/B/79
Anúncio
para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio respectivo, citando os credores desconhecidos dos executados José Eduardo Abreu Borralho e mulher Lisete Marília Carvalho Borralho, residentes na Rua de Lisboa, n.º 14, em Beja, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Dr. José Manuel Rosado Candeias, advogado com escritório em Cuba.

Cuba, 28 de Julho de 1981.
PI'O Escrivão de Direito
(a) Francisco António Guerreiro
Verifiquei
O Juiz de Direito
(a) Vítor Manuel Gonçalves Gomes

ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

Via Venexa

SAPATOS—MALAS
ALTA QUALIDADE
PARES ÚNICOS
BAIXA DE PREÇO
CENTRO COMERCIAL DE BENFICA, LOJA 5-F
ESTRADA DE BENFICA, 739 — 1500 LISBOA

As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.
NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Mundo livre? Livra!

A coligação no Poder tomou conta da Televisão. Ou dizendo melhor: a Televisão **está por conta** da AD. Num país de tantas imoralidades uma a mais ou a menos já nem espanta ninguém.

A Televisão está por conta da AD? Pois então, com os dibos, assumam a responsabilidade total: substituam RTP por RTAD, escrevam «Povo Livre» em lugar de **Telejornal** e a muitas caras que por lá aparecem deixem de chamar jornalistas e passem a crismá-los de funcionários políticos. Assim estará tudo certo e não enganam ninguém.

Por essas e por outras é que a perda de confiança na informação produzida por um instrumento do Estado (e não de um partido ou de um Governo) desceu a níveis perfeitamente incríveis. Os responsáveis da Televisão comportam-se como se os donos dela fossem eles e não os cidadãos portugueses no seu conjunto.

No mundo da política nacional, as atenções estão quase exclusivamente voltadas para as mal cheirosas guerras intestinas no seio da coligação. Por vezes, com aspectos de escândalo – sendo que se torna já muito difícil determinar as escandalosas fronteiras.

Assim, ontem no Telejornal repetiram a declaração de José Vitorino transmitida nas **últimas** do dia anterior, pratica raramente seguida. Não a seguiram, por exemplo, quando o Presidente da República condecorou o dr. Azeredo Perdigão, presidente de uma «insignificante» instituição que se chama Gulbenkian...

No mesmo dia, ou seja, quarta-feira, fizeram-se eco de afirmações de Cavaco e Silva produzidas numa entrevista à «Tarde» publicado, ou antes, a publicar na quinta-feira...

Do «Tempo de Antena» do CDS foi feita larga publicidade sem o sinal de **pago.** Ontem mesmo, antes do «Tempo de Antena», transmitiram no **Telejornal** uma reportagem da sua gravação executada ontem de manhã, nos estúdios da RTP. Mais tarde, em «últimas» repetiram parte das declarações de Freitas do Amaral produzidas no referido «Tempo de Antena»...

Aliás, os atropelos nunca mais acabam. «o diário» de ontem, por exemplo refere que, segundo a lei, o «Tempo de Antena» dos partidos, no caso de estes não possuírem meios próprios de gravação, terá de ser gravado na RTP pelo menos 72 horas antes do dia da emissão. Ora, como o **Telejornal** informou, a gravação fez-se no próprio dia, ou seja, ontem!

Estamos perante o caso insólito de desrespeito pela lei por parte de quem badala constantemente a obrigação (para os outros...) de a cumprirem.

Impõe-se uma solução política dentro do quadro institucional e com a maior urgência, pois está provado que a AD ruiu e que o Governo é um barco desgovernado. Ninguém confia já nem num, nem noutro.

O próprio discurso político de Freitas do Amaral prima pelo desencanto e pela análise fraudulenta. Que diabo de político é este que confunde efeitos com causas? As causas da crise na AD não são as dificuldades no PSD, nem as remodelações no Governo, nem o desgraçado estatuto dos deputados, nem o enfraquecimento da confiança na AD. Isso é o efeito, o reflexo, a consequência de causas mais profundas: a impossibilidade da coligação de tomar medidas que favoreçam o povo português (devido à sua própria natureza de classe) e as dificuldades em fazer prevalecer uma política de ruína das conquistas mais caras do 25 de Abril.

Daqui, o desespero. Daqui, tudo o mais.

Freitas do Amaral não faz nenhumas propostas concretas para a superação da crise na AD. Ao contrário, parece que a mesma lhe agrada, para retirar daí dividendos pessoais de fortalecimento político. Ele já se vai oferecendo para assumir maiores responsabilidades no aparelho de Estado. Em resumo, não tem ambições de qualquer espécie...

O que vale é que a gente depois tem «Os Anjos de Charlie» para desopilar.

Trata-se da série mais cretina, mais papalva, mais «infantil» que já passou pelos dramáticos «policiais».

No entanto, pelo meio da sua loucura, reflecte a «naturalidade» da vida ianque. Nós, portugueses da aldeia, assistimos aparvalhados de todo às declarações do assassino de Howard. «Pagaram-me para o matar – diz ele – Sou um profissional, gosto de fazer as coisas bem feitas, não deixar problemas». O problema era uma criança, que ele também se resolve a liquidar. Ora aqui está um profissional brioso...

Esta sementeira de violência pode vir a dar-nos frutos muito amargos. A TV tem uma força terrível. A TV vende detergente. Por que não há-de vender a violência e o crime?

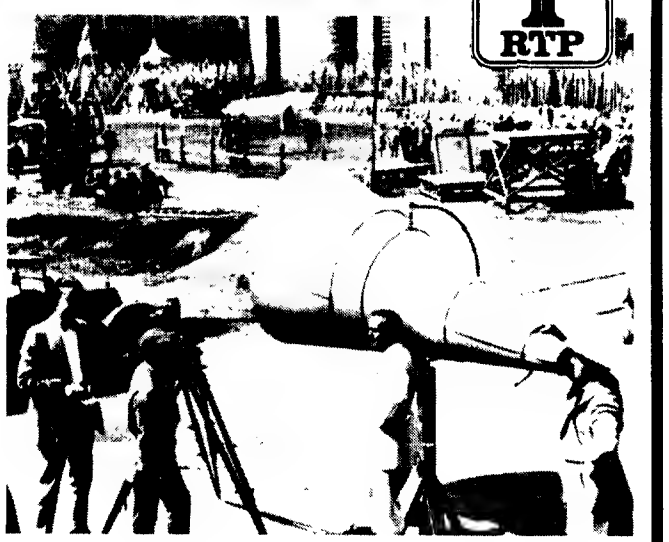
Em Telejornal, imagens igualmente dos Estados Unidos: a Polícia prende delegados sindicais, trabalhadores em greve são despedidos. Reagan persegue os grevistas. É este o «mundo livre», meus senhores.

Desgraçados sao os grevistas polacos, tratados nas palminhas pelo Governo. Coitadinhos dos polacos que **só** têm três quilos de carne de vaca por mês...

Ser trabalhador na América é que é bom. Como se prova.

J. MARQUES
Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuaise colectivas
Tel. 573559 - 577706

Hoje



Hollywood – o episódio de hoje mostra-nos o clássico «Blue Jeans» dirigido por John Collins

18.50 Abertura
18.52 Sumário
19.00 Tempo dos mais novos
19.50 Loucuras alimentares por Beja Santos
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal
21.05 Hollywood (10.° episódio)
22.00 Telenovela «Água Viva» (episódio n.° 118)
22.45 Últimas Notícias
22.50 Fecho.

Sinais do Tempo dedicado ao património artístico da Guarda

20.30 Informação/2
21.00 **Sinais do Tempo dedicado ao património artístico da Guarda**
21.30 **Solid Gold**
22.30 **Lugares da Europa – 1.°. programa**
23.00 **Fecho.**

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
RTP-1
«Hollywood» 21.05
RTP-2
Sinais do Tempo
(21.00)
ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef. 2112871

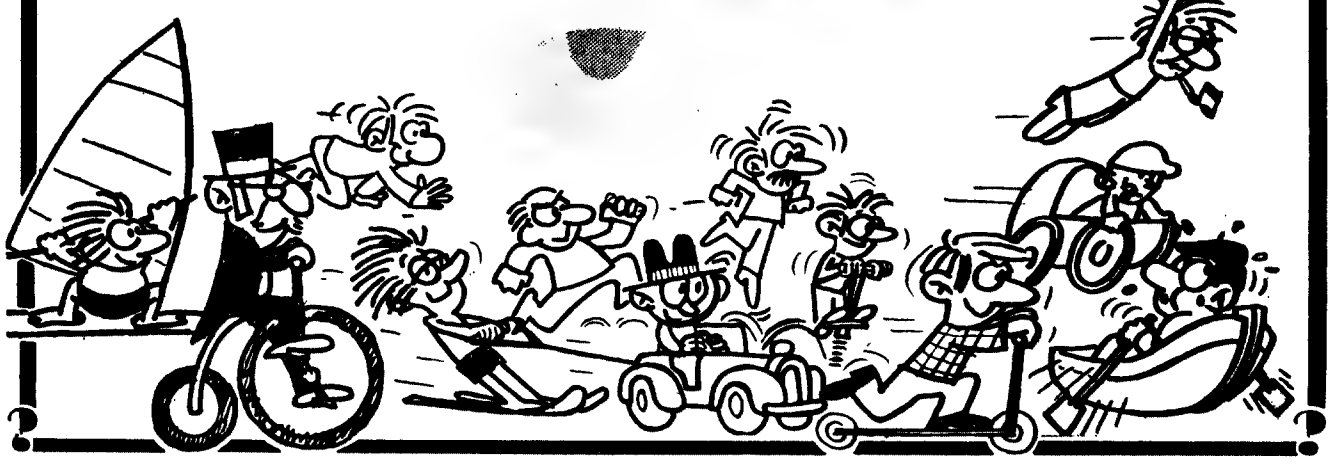
Amanhã

13.50 Abertura; **13.55** Sumário; **14.00** **Luculos e bróculos;** **14.30** Novos Horizontes; **15.00** Tropicália; **15.30** Animação; **16.00** National Geographic Magazine; **17.00** Banda da GNR; **17.30** 2.° episódio de O Homem da Atlântida; **18.30** Sombra-Sol; **19.00** Magazine 7; **19.50** Ecran; **20.25** O Tempo; **20.30** Telejornal; **21.00** Um Lugar ao Sol; **23.00** Fecho.

18.00 Documentário s/o Gerês; **18.30** Arquivos do Futuro, **19.00** Flash Gordon; **19.30** Informação «topo Norte»; **20.00** Aeropostal; **21.00** Loja da Música; **22.00** Magia da Dança; **23.00** Fecho.

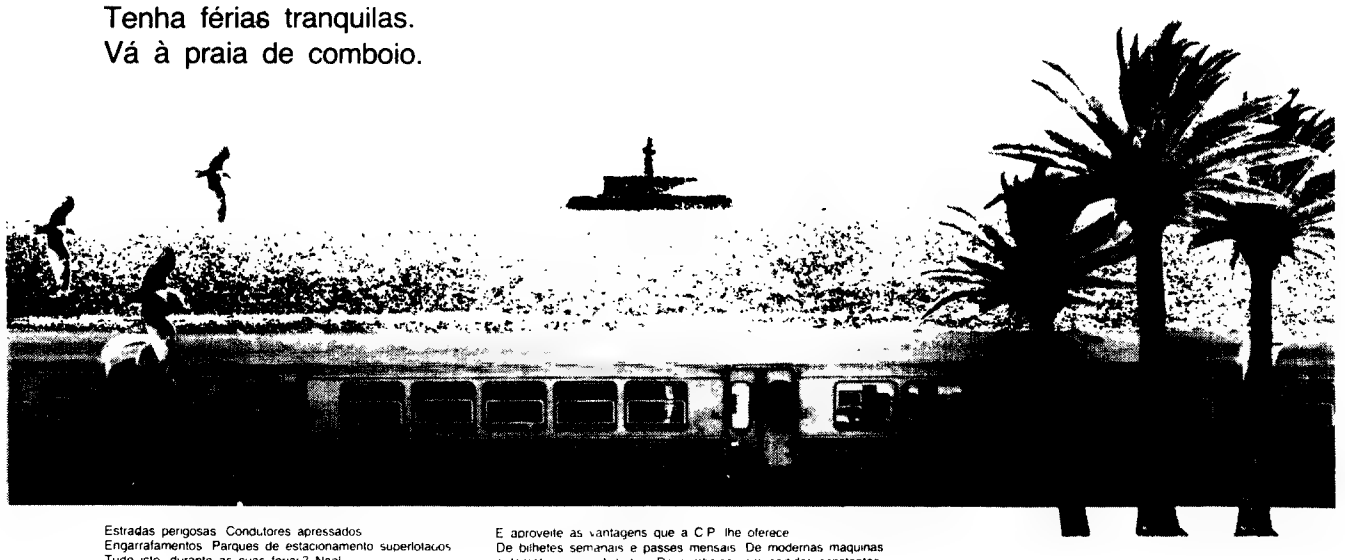
GRUPO DE CAMPOLIDE/ACADEMIA ALMADENSE — T. 2752175
FÉRIAS DA COMPANHIA
A SEGUIR
«A RECTA-GUARDA
de Romeu Correia SUB SEC/CMA

de gatas, ao pé coxinho, de paraquedas, ou como quizer...
MAS VÁ-SE PREPARANDO POIS É JÁ NO DIA 10



PUBLIARTE

Tenha férias tranquilas.
Vá à praia de comboio.



Estradas perigosas Condutores apressados
Engarrafamentos Parques de estacionamento superlotados
Tudo isto durante as suas férias? Não!
Tenha férias tranquilas

Vá de comboio para a praia A ler a conversar a ver a paisagem Tranquilamente A qualquer dia da semana

E aproveite as vantagens que a C P lhe oferece
De bilhetes semanais e passes mensais De modernas maquinas automáticas para bilhetes De comboios com partidas constantes, em ambos os sentidos

Tire o maximo proveito de umas férias tranquilas
Aproveite o comboio

Caminhos de Ferro Portugueses

CP/Gabinete de Design

SR. COMERCIANTE

Quer ter a sua escrita em dia? Ligue já 2510253 ou 2510238

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

3.° Juízo Cível

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª publicação DESTE ANÚNCIO citando os réus para no prazo de 20 (vinte) dias, findo o prazo dos éditos, constestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: os serem condenados, solidariamente, a pagar à A. a quantia de 603.5000$00, conrrespondente ao capital em dívida tituleio por uma letra de câmbio, e aos juros de mora contados à taxa de 6% ao ano até ao dia da apresentação em Juízo da petição, acrescida dos juros de mora vincendos contados à mesma taxa, até ao dia de integral pagamento do capital.

Acção Ordinária n.º 6799 3.ª secção. Autor BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, E. P., com sede em Lisboa, na Rua do Ouro, n.º 28;

Réus — MÁRIO TAVEIRA MARTINS e MARIA ASTRIDE RIBAS BENTO MARTINS, casados, com última residência conhecida na Quinta dos Lombos, lote 36-3.º esquerdo, em Carcavelos, do concelho e comarca de Cascais.

Lisboa, 30 de Julho de 1981

O Juiz de Direito, (Assinatura ilegível)

Pel' O Escrivão de Direito, O escrivão adjunto, (Assinatura ilegível)

2.ª Publicação

D.L 7/8/81

roteiro cultural

Teatro

O Teatro Laboratório de Faro apresenta amanhã, nas termas de Monchique, o seu espectáculo «Angélica às Portas do Céu», de Eduardo Blanco-Amor. Esta representação insere-se no projecto de animação cultural nas zonas termais de todo o país que a SEC idealizou para este ano. O TLF participa igualmente na Festa da Paz e da Cultura, em Silves, com vários espectáculos de «Angélica às Portas do Céu».

Cinema

O Centro Cultural de Setúbal vai levar a efeito o habitual Ciclo de Cinema de Verão, de 15 de Agosto a 15 de Setembro, nos Claustros do Convento de Jesus. Preenchido com a apresentação de 30 filmes de qualidade, o 3.º Ciclo de Cinema de Verão será apresentado por realizadores, críticos e actores.

Serão exibidos 5 filmes portugueses: «Madrugada» de Luis Couto, «O Princípio da Sabedoria» de António Macedo, «Aniki-Bóbó» de Manuel de Rutler. Estes filmes serão exibidos aos sábados.

Fazem parte do ciclo filmes para jovens, exibidos às quintas-feiras: «Help» de Richard Lester com os Beatles, «Submarino Amarelo» de Georges Dunning, «Godspell» de David Greene e «O Grande Gatski» de Jock Clayton.

Serão apresentados filmes de A. Hitchcock «Correspondente de Guerra» e «Intriga em Família», de Buñuel «Las Hurdes», de Joseph Losey «A Fera Adormecida» e de Elia Kazan«A Leste do Paraíso».

A Cooperativa «Árvore» promove hoje à noite, no Porto, com a presença do realizador António Pedro de Vasconcelos, um colóquio sobre o filme «Oxalá», que há nove semanas se encontra em exibição num cinema do Porto. No colóquio da Árvore, de que será moderador o escritor Arnaldo Saraiva, estará também presente Paulo Branco, o principal animador da «V.O. Filmes», que produziu a fita.

Festas

Vai decorrer no próximo domingo, em Faro, a Festa do Emigrante, organizada pela União dos Sindicatos de Faro e integrada na Semana do Emigrante que a CGTP-IN está a levar a efeito em várias localidades desde o passado dia 1. Programa: às 18 horas tarde dedicada às crianças com Rancho Folclórico Infantil de Estoi, Festa do Rabanete, com Maria Dulce e José Jorge Letria; às 22 horas, Grande Noite do Emigrante, com Rancho Folclórico de Castro Marim, Maria Dulce, José Jorge Letria, Luis Filipe Garcez (cantor-compositor emigrado na Bélgica), Ary dos Santos, Carlos Mendes, Edmundo Silva, Carlos do Carmo (acompanhado por António Chaínho e José Maria Nóbrega).

Isabel Pereira em «Angélica às Portas do Céu», pelo Teatro Laboratório de Faro

Exposições

A Galeria de Arte «Capitel», em Leiria, na intenção de aproveitar o período de férias de Julho, Agosto e Setembro, decidiu expor nos seus salões, para venda, a sua vasta colecção de obras de arte, composta por óleos, aguarelas, guaches, desenhos e cerâmicas, com a representação dos seguintes artistas: A. Berardo, Alberto Miguel, Alice A. Diogo, Ângela Vimonte, António Carmo, Augusto Pinheiro, Carmina Samuel, César Abbott, Coelho da Silva, Domingos Saraiva, Duarte Pimentel, F. Lopes Dias, Fernanda Igrejas, Fernando Lino, Fernando Marques, Francisco L. Marques, Gois, João Mário, Joaquim Lourenço («Josafaz»), José Manuel Sequeira, José Ribeiro, Lanzner, Lucília de Brito, M. Luiza Alves, Mattos Portugal, Olinda Roldão, Paulo Silva, Paulo Villas Boas, Real Bordalo e Rui Gouveia.

Art'Ilha, colectiva de artes em que cerca de 25 artistas plásticos apresentam trabalhos de fotografia, banda desenhada, documentário, slides, desenho, gravura e escultura, pode ainda ser vista hoje e amanhã em Évora. A mostra, promovida pela Câmara Municipal de Évora, com a colaboração do Centro Cultural, pretende dar a conhecer os artistas plásticos das ilhas e criar condições para o intercâmbio cultural e artístico.

Câmara Municipal de Almada

COMUNICAÇÃO

A Câmara Municipal de Almada informa que, por deliberação de 3/7/81 tomou posse administrativa do terreno situado na Quinta da Pimenta, Vale Flores, freguesia da Cova da Piedade, deste concelho, inscrito na matriz cadastral sob o art.º 36.º da Secção E1, da freguesia da Cova da Piedade.

Assim, todas as pessoas que porventura estejam interessadas na compra dos lotes de terreno da referida propriedade, ficam sujeitas às penas previstas na lei, pelo que devem abster-se de quaisquer compromissos relativos a estes terrenos.

Almada, 27 de Julho de 1981.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
José Martins Vieira

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	52$00	57$00
ALEMANHA FED (marco)	26$20	27$30
AUSTRIA (xelim)	3$65	3$85
BELGICA (franco)	1$454	1$654
BRASIL (cruzeiro)	$383	$633
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	52$90	54$95
(notas de 5 a 1000)	53$40	55$40
DINAMARCA (coroa)	8$30	8$70
ESPANHA (peseta)	$623	$723
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	65$90	67$90
(notas de 5 a 1000)	66$40	68$40
FINLÂNDIA (marka)	14$20	14$80
FRANÇA (franco)	10$85	11$55
HOLANDA (florim)	23$60	24$60
INGLATERRA (libra)	96$10	100$10
IRLANDA (libra)	118$90	122$90
ITALIA (lira)	$048	$058
JAPAO (iene)	$250	$285
NORUEGA (coroa)	10$60	11$10
SUECIA (coroa)	12$35	12$95
SUIÇA (franco)	30$15	31$25
VENEZUELA (bolivar)	12$65	13$65

Observações.
1 - No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 - Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.00 Sem margem - juvenil, **17.00**: Postigo, **18.45** RDP/regiões, **19.00** Turismo dos anos 80, **20.00** Enquanto os outros vêem TV - revista cultural; **21.00** Serões na Provincia», de Júlio Dinis programa da noite, **21.30** Alfa e omega, **02.00** Madrugada na RDP-Sul; **05.30** Programa rural

Programa 2

15.50: Momento de poesia; **16.00:** Curiosidades musicais, **16.30:** Música Sinfónica - Concerto n.º 1, em lá menor, para violoncelo e orquestra de Saint-Saens. - Sinfonia n.º 7, em mi maior, de Bruckner, pela Orquestra Filarmónica de Filadélfia; **17.50:** 4 sonatas de Scarlatti; **18.00:** Encontro com; **18.45:** Quartetos de cordas.
19.20: Música de Mozart.
20.05: As cores e as formas; **20.40:** Música de órgão - 4 concertos n.ºs 31, 30, 22 e 24, de Gaspar dos Reis. - Fuga em lá bemol menor, de Brahms; **21.00:** Emissão estereofónica. Mesa redonda, **22.30:** Canto gregoriano, pelo coro «Capella Antiqua» de Munique; **22.55:** Os pianistas Martha Argerich e Maurizio Pollini interpretam Chopin. - Três Mazurkas op. 59. - 12 estudos op. 25; **23.35:** Variações op. 31, de Arnold Schoenberg, pela Orquestra Filarmónica de Los Angeles, **00.00:** Novos discos; **01.00:** Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)
16.30: Dizes tu, direi eu: **17.03:** TN1 (Todos no Top); **18.08:** Hora de ponta; **18.10:** Espaço 3P; **20.03:** Quando o telefone toca, **22.20:** Música para meditar, **22.30:** Tempo de desporto; **23.30:** «24 ª Hora» Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

14.03: FM, **15.05;** Espaço 3 P, **16.03:** «Rock em Stock»; **18.03:** Círculo em FM; **19.03:** Em Órbita, **00.03:** «Rolls Rock»: **21.03:** Abandajazz, **22.03:** Café Concerto **00.03** O Vapor da Meia--Noite Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 A [illegible] Agora **17.00:** «Jornal da mulher» **18.15:** Igreja em Notícia **18.25.** [illegible] **18.30:** Transmissao do [illegible] Externato do Parque **19.00:** Programa da «AR» **19.30:** Revista de [illegible] **20.00.** «Pajú», **21.00:** «Discos [illegible]» **2[illegible].30:** «Diálogo e Vida» **22.00:** [illegible] «Telefone toca», **22.30.** «Meta [illegible] **23.10:** «O que fica do que passa» **23.30** [illegible] de abertura, **23.55:** Meditand[illegible] **24.00** Maquinas ao Vivo» Grandes [illegible] informativos **19.30** e **23.30.** Flashs noticiosos de hora a hora

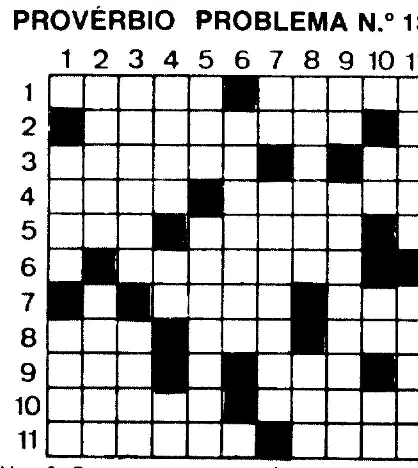
Tiragem media diaria do mês anterior: 49.619 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13195

HORIZONTAIS:

1 Imagina, Em excesso.
2 Premiara
3 Pândegas, Bário (s.q.)
4 Ra (pop.) Enterrar
5 Primeira parte do nome de uma cidade de Tonquim; Bebida alcoólica que se fabrica na Índia e na América, fermentando arroz
6 Guarda-sol (pl)
7 Cova; Figura que simboliza o povo americano.
8 Inflexão da voz; Raer; Estime.
9 Alcool de melaço; Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho
10 Em parte mais alta; O interior de certos frutos.
11 Batera; Sufixo que designa abundância, (pl).



VERTICAIS:

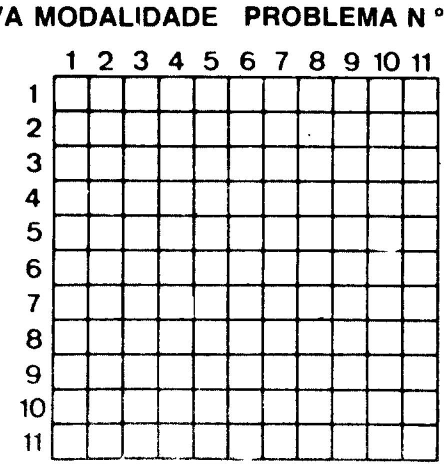
1 Estilo, Após.
2 Prendera com elos; Que não abunda
3 Descreveu; Dois mil e quatro em romano.
4 O mesmo que pantorrilha; Mil e cem em romano; Ruim
5 Pedra de altar, Cingir
6 Narra
7 Cânhamo de Manila; Trituraram.
8 Rainha de Portugal, mulher de D. Afonso II; Escudeiro.
9 Seguia; Subditos.
10 Bário (s.q.), Antes do meio dia; O lado do vento.
11 Escavara; Em menor quantidade.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9055

HORIZONTAIS:

1 Cidade da antiga Argólida; Cobre (s.q.).
2 Marcar; Cidade dos Camarões, nas margens do Sanaga.
3 Ninhos; Apuras
4 Carta de jogar; Planta têxtil do Ceara, Acrescentando uma consoante é eia!
5 Despacha; Batráquio, semelhante à rã, mas de maior tamanho e de dorso escuro e comestível
6 Educam: Trezentos em romano
7 Tempo do verbo ir, Revistara
8 Governanta, Formar as abas a
9 Demónios; Vossa Alteza
10 Antepassado Igualo
11 Vinho muito apreciado das vizinhanças de Napoles, Ole



VERTICAIS:

1 Cidade da Sicília; Remara para trás.
2 Colocaram, Fútil
3 Sufixo que designa pequenez; Declarado legal por ter sido visto ou apresentado (pl).
4 Ofereces; Seguia
5 Clima; Cidade de França.
6 Brisa; Bromo (s.q.)
7 Freguesia do concelho de Santo Tirso; Espádua.
8 Detestai; Lugarejo.
9 Neon (s.q. e inv), Rei de Israel, marido de Jezabel; Sódio (s.q.).
10 Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso; Nome de flor
11 Arara

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 13194

HORIZONTAIS:
1 COMO CANTA
2 Limao Air
3 Com Somais
4 Ois Saa
5 Assai SS Sc
6 Bic Mapas
7 Aas Aoro
8 Dr Carnal
9 Liras Dia
10 Alasse Pia
11 Usa As Oaio

VERTICAIS:
1 O ABADE
2 Olo Siarias
3 Mimosos Ria
4 Om Ia Caa
5 ASSIM Assa
6 Coo Aar Ss
7 RESPONDE
8 Nan Sarai O
9 Tias Solapa
10 Arias [illegible]
11 SACRISTAO

PROVÉRBIO: Como canta o abade, assim responde o sacristão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9054

HORIZONTAIS
1 Aveiro Daca
2 Aida Reimas
3 Rs Roçara
4 Hamada Odre
5 Uro Nao.
6 Sarrafos It
7 Tavira VA
8 Arenal Lear
9 Ian [illegible]
10 Cor Remata
11 Aportarem

VERTICAIS
1 Aarhus Asca
2 Visara Op
3 [illegible] Morteiro
4 Iara Rana
5 Odiavam
6 Orça Filara
7 Ea For Er
8 Dic Salome Amado Fram
10 Ca Raiva
11 Assentarias.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.15, 21.30 e 24

– 13 a.
WEST SIDE STORY
c/ Natalie Wood

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 18 a.
LENNY

c/ Dustin Hoffman
Realização de Bob Foss

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14. 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
LUCKY LUKE A BALADA DOS DALTON
c/ Elliot Gould, Genevieve Bujod e Ricky Schroder
Technicolor

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.10, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 23.30
– Int. men. 18 a.
E TUDO O FUMO LEVOU
c/ Cheech Marin e Tommy Chong
Um filme de Lou Adler

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Todos temem a justiça da sua arma porque
DJANGO ATIRA PRIMEIRO
c/ Gleen Sexon e Evelyn Stewart

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
GENTE VULGAR
Com Donald Sutherland, Mary Tyler
Não acons. men. 13 anos

20.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O VERÃO MÁGICO DO PATO DONALD
Falado em português
3.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
Um colosso de acção!
A FÚRIA DA RAZÃO
c/ Clint Eastwood
Um filme de Don Siegel

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18, 21.30 – N. ac. men. 18 a
Um Charles Bronson sensacional!
O MECÂNICO
(Cópia nova)
Às 24 – Int. men. 18 a.
CLUBE DE ASSASSINOS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CONVIVER, GOZAR...E NAÓ SÓ
Pornográfico – Hardcore
Às 24 – N. ac men. 18 a.
A PROFECIA
c/ Talia Shire e Robert Foxworth

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
VESTIDA PARA MATAR
c/ Michael Caine, Angie Dickinson
Às 24 – Int. men. 18 a.
ZOMBIE A MALDIÇÃO DOS MORTOS VIVOS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Filme indiano
E O AMOR TRIUNFOU
c/ Ashok Kumar e Saira Banu
Um filme de Manoj Kumar

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O maior «suspense» de Hitchcock
OS PÁSSAROS
c/ Rod Taylor e Jessica Tandy
Às 23.45 – Grupo D
O HERÓI SACRÍLEGO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
Às 14 , 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
AVENTURA NAS CARAÍBAS
Realização Philippe Mannier
(Colorido)
2.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
A CHAMA DA LIBERDADE
c/ Manoj Kuma, Shsshi Kapoor e Hama Malini
Um filme de Manoj Kumar
Eastmancolor

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
Pela primeira vez a espantosa versão integral de
BLOW-UP
HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO
6.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Les Charlots na mais endiabrada comédia
OS MALUCOS EM HONG KONG

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
SETE MAGNÍFICOS SOLDADOS DA ÉPOCA
c/ Robert Vaughod e Richard Thomas

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
DAS 9 ÀS 5
c/ Jane Fonda, Lily Tomlin e Dolly Parton
6.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
GERAÇÕES EM CONFLITO
c/ Rishi Kapoor, Ashoc Kumor e Moushum
Um filme de Sikander Khanna
2.ª Semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15 e 21.00 – N. ac. men. 13 a.
BEN-HUR
c/ Charlton Heston, Stephen Boyd e Haya Hararaet
70m
N. B. Não se realiza a habitual sessão das 18.15

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão 12-A
ÀS 14, 16.30, 19 e 21.30
– N ac men. 13 a.
A alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss
A GRANDE VALSA
Um filme de Andrew L. Stone
Metrocolor

NIMAS 574362

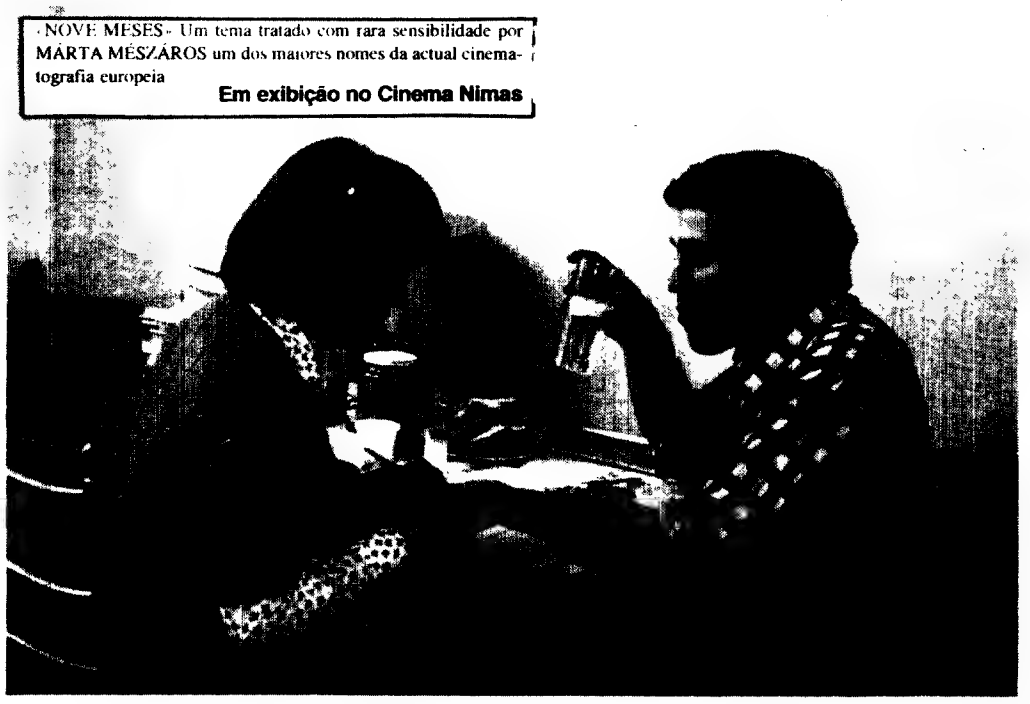
Av. 5 de Outubro, 42-B
14, 16,15,18.30, 21.30 – Int. men. 13 a.
NOVE MESES
c/ Lili Monori e Dicko Rosie
Um filme de Marta Meszaros

Às 24
BALBÚRDIA NO OESTE

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Um poema de amor e violência
QUO VADIS
c/ Robert Taylor e Deborah Kerr
O filme é exibido no início da sessão



«NOVE MESES» Um tema tratado com rara sensibilidade por MÁRTA MÉSZÁROS um dos maiores nomes da actual cinematografia europeia

Em exibição no Cinema Nimas

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14, 16.30 e 19
– N. ac. men. 18 a. – Últimas
O SUPERDINÂMICO
Estreia às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
A CHAMA DA IBERDADE
c/ Manoj Kumar e Hema Malini
Colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OS 3 DIAS DO CONDOR
c/ Robert Redford e Faye Dunaway

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 18 a.
HARLEM
Realização de Shirley Clarke
Música de Dizzy Gillespie

SALA 2

Às 15. 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
A SOMBRA DO GUERREIRO

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– M. 18 a.
PROVIDENCE
Realização de Alain Resnais
Filme de qualidade

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– M. 18 a.
TAXI DRIVER
Realização de Martin Scorcese
Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
As 15.30 e 21.30 – Int. men. 18 a.
Um filme polémico de Bernardo Bertolucci
LA LUNA
c/ Jill Clayburgh, Mattew Barry e Tomas Millian

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Para Todos (M. 6 a.)
É só saúde... e gargalhadas na melhor comédia de Les Charlots
OS MALUCOS NO SUPERMERCADO

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
UM HOMEM (HOMBRE)
c/ Paul Newman
Um filme de Martin Ritt

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões, 14, 16.30, 19, 21.30
não acons. men. 13 anos
A FILHA DO MINEIRO
14.ª Semana
Às 24 – Int. men. 13 a.
MATAR PARA NÃO MORRER

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República – (junto ao Apeadeiro da CP de Entrecampos)
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
007 OPERAÇÃO RELÂMPAGO
Domingo às 11.15 – Para Todos
FESTIVAL PANTERA COR-DE-ROSA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ESPIÃO MAIS PERIGOSO DO MUNDO

13.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
Sete magníficos soldados numa épica batalha além das estrelas
A BATALHA ALÉM DAS ESTRELAS
c/ John Saxon e George Peppard

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 15.30, 18.30 e 21 30
– N. ac. men. 13 a.
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
c/ Keir Dullea, Gary Lockwood e Stanley Kubrick
Metrocolor

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Interd. men. 13 anos
DIVINA LOUCURA
c/E Bette Miden
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 – P. Restauradores
Às 14.15, 16.30,19 e 21.30
Int. m. 13 anos
AL PACINO É O ESPANTALHO
Omelhor filme do Festival de Cannes 1973
– Prémio: Palma Ouro
Às 23.45 – N. ac. men. 13 a.
OS CINCO BANDOLEIROS

outros cinemas

Lisboa

OLÍMPIA – «As Viúvas Sexuais», sessões contínuas (18 anos)

CAPITÓLIO – «O Diabo em Miss Jones», às 21.oo e 23.00 (18 anos)

PARIS – «A Adolescente», às 21.30 (13 anos)

2000 – «Os Cavalos de Valdez», às 21.30 (13 anos)

EUROPA – «Beijo da Morte», às 21.30 (18 anos)

PROMOTORA – «A Força da Verdade», às 21.30 (13 anos)

CINEARTE – «A Ultima Viagem da Arca de Noé», as 21.30 (6 anos)

LUMIAR – «Incorruptíveis Contra a Droga», às 21.30 (18 anos)

ROYAL – «Que se Passa, Superdoutor», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «O Caminho das Estrelas», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Blue Jeans», às 21.15 (13 anos)

OEIRAS – Oeiras-Cine – «Ashanti», às 21.15 (13 anos)

PAREDE – Royal-Cine – «Os Conquistadores de Domingo», às 21.30 (13 anos)

ESTORIL – Casino – «VII Festival de Música da Costa do Estoril», às 21.30

CASCAIS – Oxford – «O Tubarão do Pacífico», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS – Impala, «Pappilon» 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Sacrifício de Amor», às 21.30 (13 anos)

AMADORA – Cine Plaza – «Heróis por Conta Própria», às 21.30 (13 anos)

AMADORA – Lido – «Férias Escaldantes», às 21.30 (18 anos)

AMADORA – Cine Estúdio – «A Cidade das Mulheres», às 21.30 (18 anos)

SINTRA – Carlos Manuel – «Violência Canibal», às 21.30 (18 anos)

SACAVÉM – S. José – «Galyon o Indestrutível», às 21.30 (13 anos)

Porto

CHARLOT – «Império dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL – «Salve-se Quem Puder», às 21.30 (18 anos)

VALE FORMOSO – «A Balada de Django», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI – «O Vale Perdido», às 21.30 (13 anos)

FOCO – «O Verão Mágico do Pato Donald», às 2130 (6 ans)

LUMIÈRE-A – «Oxalá», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L – «007 Só se Vive Duas Vezes», às 21.45 (13 anos)

ÁGUIA – «Não Somos Anjos», às 21.30 (13 anos)

COLISEU – «Até Mesmo os Anjos Comem Feijões», às 21.30 (13 anos)

BATALHA – «A Noviça e o Amor», às 21.45 (18 anos)

BEBÉ – «Quatro no Texas», às 21.45 (13 anos)

ESTUDIO – «Jovens em Apuros», às 21.30 (18 anos)

PEDRO CEM – «Jesus Cristo Superstar», às 21.30 (13 anos)

S. JOÃO – «E Tudo o Fumo Levou», às 21.30 (18 anos)

TRINDADE – «Aventura é Aventura», às 21.30 (13 anos)

SAÚA BANDEDIRA – «Excessos Pornográficos», às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA – «Perseguição Selvagem», às 21.30 (18 anos)

CHAPLIN – «Cara a Cara», às 21.30 (13 anos)

JÚLIO DINIS – «O Principe e o Pobre» às 21 30 (13 anos)

Coimbra

TIVOLI – «Califórnia», às 21.30 (13 anos)

GIL VICENTE – «A Testa de Ferro», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

MENDES GOMES – Cç. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ESTADOS UNIDOS** – Av. Est. U. América, 16-B (T. 885859); **FIGUEIRAS** – Av. Marquês Tomar, 20-22 (T. 44995); **SIM ÕES** – Cç. Tojal, 102-A (T. 749649); **VERAL** – R. Morais Soares, 109-111 (T. 821732); **ZIRA** – Pç. Casas Novas, Lª 66 (311216); **DIMAR** – R. Conde Monsaraz, 17-B (T. 842533), Cç. da Picheleira, 140-BC; **MARLUZ** – R. Prof. Mira Fernandes MAF (T. 880703); **CUNHA** – R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **PINHEIRO** – R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); **COMBATENTES** – Av. Comb. Grande Guerra, 166 (T. 2104953); **CENTRAL ODIVELAS** – Alm. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203); **PIMENTEL** – Az. dos Bezouros, Lt. R 8.

teatros

ABC – «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

MARIA MATOS – «A Tragédia da Rua das Flores», às 21.30 (13 anos)

TEATRO ABERTO – «Sopa de Pedra», às 21.30

ÁDÓQUE – «Paga as Favas», às 21.30 (18 anos)

VARIEDADES1 – «Há Petróleo no Beato», às 21.30 (13 anos)

POUPE COMBUSTÍVEL
Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.

REFORÇO

TELES – R. João de Barros, 2 Frente (T. 638176); **ZIL** – Av. da Igreja, 9-D (T. 841780); **ONILDA** – Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **AZEVEDO, FILHOS** – Rossio, 31 (T. 827478); **COMBRO** – Cç. Combro, 78-82 (T. 326054); **OURIQUE** – R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **ESTEFÂNIA** – R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438); **CENTRAL DO LUMIAR** – Alm. Linhas Torres, 254-B (T. 790480); **LATINA** – Av. Ant. Aug. Aguiar, 17-A (T. 42312); **VITEX** – Est. de Benfica, 373-B (T. 780548); **ZEMA** – R. Gen. Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **CORREIA – Est. Principal, Lote 172 (T. 993148); VAZ MARTINS** – R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA** – R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS** – Tv. Prioras (Viv. Morgadinho) (T. 2519939).

●

Linha de Sintra

AMADORA – Central – Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210). Permanente; **Melo** – P. D. João I, 9-B (T. 932756). Até às 22 horas; **DAMAIA – D. João V** – Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ – Zeller** – R. da República, 83 (T. 950045); **CAMARATE – Botelho** – R. Avelino S. Oliv.ª, 5 (T. 2518669); **CACÉM – Araújo e Sá** – Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (T. 2940781); **ALGUEIRÃO – Rodrigues Rato** – R. dos Morés, 1 (T. 2912038). Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim** – (T. 980456). Permanente; **COLARES – Abreja** – (T. 299088).

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duartes, Lote A r/c (T. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr.ª, 40-B (T. 2690363). Até às 21 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Reb.ª (T. 2421015). Até às 21 horas; **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar** – Av. M.ª Conce.ª, Lote 8 (T. 2470777). Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS – Pargana** – Av. Eng.º Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS – Oeiras** – L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, Lote 24-r/c (T. 2478737). Até às 21 horas; **PAREDE – Grincho** – Av. da República, 87 (T. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE – Junqueiro Mendes** – Até às 21 horas; **MURTAL – Primavera** – R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 21 horas; **AMOREIRA – Amoreira** – (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Ostende** – R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 21 horas; **CASCAIS – Cordeiro** – Av. Comb. G Guerra, 40 (T. 280170). Até às 21 horas; **A. Costa 6** R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

●

Outra banda

ALMADA – Cristo Rei – Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498); **COVA DA PIEDADE – Louro** – R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517); **LARANJEIRO – Feijó** – R. Borges Rego, 7 (T. 2490911); **COSTA DE CAPARICA – Chal** – Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); **SESIMBRA – Leão** – Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO – Mascarenhas Neto** – R. Almeida Garrett, 1 (T. 2076454); **AMORA – Julieta Campos** – R. Ribatejo, 2-A – Cruz de Pau (T. 2211131); **SEIXAL – Godinho** – L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **MONTIJO – Montepio** – R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA – União Moitense** – Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS – Guamão** – R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

SETÚBAL: Normal do Sul, P. do Bocage, 137; **Moreira Martins**, P. D. Olga Sarmento, 14.

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86. Permanente; **MOSCAVIDE: Banha**, Av. Moscavide, 22-A. Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A. Até às 22 horas.

●

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

FOZ, R. Senhora da Luz, 360, Foz; **ALÍRIO DE BARROS**, R. de Costa Cabral, 240; **CENTRAL**, R. 31 de Janeiro, 203; **GOMES CARNEIRO**, R. de Cedofeita, 348; **ZINOVA DE MONSANTO** R. de Monsanto, 143; **COUTO**, L. de São Domingos, 106; **LAPA**, R. Antero de Quental, 211.

DE DIA E TODA A NOITE

CORREIA, P. Mousinho de Albuquerque, 78; **CORUJEIRA**, R. de S. Roque da Lameira, 1473; **LUSO-FRANCESA**, R. Sá da Bandeira, 140; **MAGALHÃES**, R. de Serralves, 566.

●

Coimbra

DAS 9 ÀS 9 HORAS DO DIA SEGUINTE

DONATO, R. Ferreira Borges, 2-6 (T. 22603). Permanente.

DL

PORTE PAGO

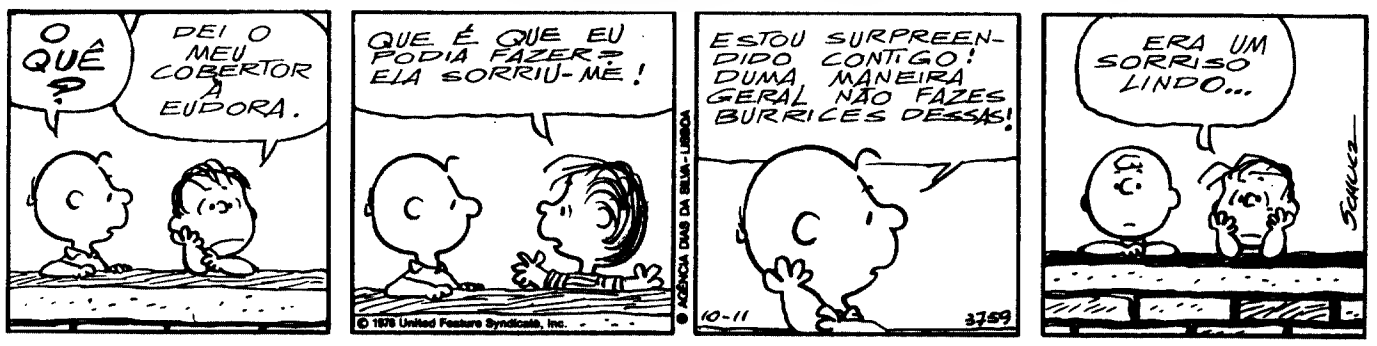
PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.° – 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.° – 4000 PORTO.
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

Dia 7
8.53 **3,3 m** 2.10 **1,6 m**
21.16 **3,3 m** 14.29 **1,7 m**
Dia 8
9.51 **3,2 m** 3.07 **1,7 m**
22.21 **3,1 m** 15.35 **1,8 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	23°
BRAGANÇA	19°
VILA REAL	19°
PORTO	21°
P. DOURADAS	19°
COIMBRA	18°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	22°
LISBOA	19°
ÉVORA	20°
SINES	–
BEJA	16°
SAGRES	18°
FARO	24°
P. DELGADA	21°
FUNCHAL	20°

últimas

O CADÁVER DE UM HOMEM de meia-idade, já em adiantado estado de decomposição, foi encontrado nos terrenos anexos ao Colégio de S. José, nas proximidades da Avenida das Descobertas, em Lisboa. O corpo foi transferido para o Instituto de Medicina Legal, a fim de ser autopsiado. Nos bolsos do morto não foram encontrados quaisquer documentos de investigação. A PJ esteve no local.

DESCONHECIDOS ASSALTARAM, esta madrugada, uma vivenda situada na Rua Arche de Lima, 28-B, na Cruz Quebrada, apoderando-se de quatrocentos e oitenta contos, entre jóias e dinheiro.

O PRIMEIRO CASO CONHECIDO da existência de dois estômagos completos num ser humano acaba de ser revelado pelo Colégio Norte-Americano de Radiologia. A saber:

Um homem de 25 anos, que se queixava de dores de estômago frequentes e da sensação de sentir-se demasiado cheio, foi submetido a exames radiológicos que descobriram a existência de dois estômagos completos, desde o esófago ao duodeno. Os médicos afirmaram que a causa das dores não provinham da existência do estômago duplo, pelo que decidiram deixar os dois órgãos em função. A mesma fonte referiu que na literatura médica apenas se conhecem 88 casos de duplicação gástrica desde 1617, mas em nenhum deles a duplicação era total.

PREÇOS MAIS ALTOS nas gasolinas, óleo de aquecimento e produtos alimentares provocaram subida da taxa anual de inflação da suíça para 6,6 por cento em Julho último. O índice de preços no consumidor registou naquele mês um aumento de 0,6 por cento em relação a Junho.

Segundo dia de greve nos CTT

Adesões, 80 por cento

A Federação Sindical das Comunicações e Telecomunicações anunciou ontem que vai processar a administração dos VTT por alegada violação da lei da greve. Motivo: a administração comunicou aos trabalhadores que iria proceder a descontos nos salários dos trabalhadores em greve, e proibiu a realização de reuniões nos locais de trabalho. «Formas de coacção», segundo fonte sindical, comentando a atitude administrativa, considerado pelo menos como razão para preocupações.

Cerca de 80 por cento dos cerca de 30 mil trabalhadorea da empresa de acordo com fontes sindicais estão a paralisar desde ontem, por duas horas e em cadeia. A paralisação mantém-se hoje, devendo prosseguir segunda e terça-feira. Depois, se entretanto a situação não se alterar nas condições que a criaram a greve será total e durante três dias.

Os motivos desta paralisação prendem-se com o impasse em que se encontram as negociações sobre a revisão do contrato colectivo de trabalho. Este vigora há 16 meses, e a administração oferece 22 por cento e um subsídio de alimentação de 150 escudos, com descontos, mas os trabalhadores exigem aumentos de 24,5 por cento e o mesmo subsídio de alimentação sem descontos.

Como forma de ultrapassar a situação, a administração, propôs recentemente a atribuição de um prémio de assiduidade de cinco mil escudos por ano aos trabalhadores que não faltassem uma única vez durante esse período de tempo. A federação reagiu frontalmente contra esta proposta considerando-a ridícula e insultuosa.

Como é que a administração se justifica sobre a anunciada (e certamente ilegal) decisão de descontar ao que consta, um dia de salário? «Na prática, a greve em cadeia é uma greve geral» – disse um porta-voz à ANOP, considerando que a greve «visa provocar a paralisação do processo produtivo da empresa, com idênticos resultados aos de uma greve geral, mas com um mínimo de sacrifícios para os trabalhadores». Segundo a administração, a decisão de proceder a descontos tem legalidade baseada «num acórdão dos tribunais e da Procuradoria-Geral da República, emitido há algum tempo».

Entretanto, e enquanto a administração considera numa primeira impressão que a greve terá sido «um fracasso» fontes sindicais são de opinião razoavelmente diversa. Desde logo, as adesões à paralisação terão atingido os 80 por cento.

A administração diz que, ontem e ao fim da tarde, «apenas 49 estações, num total de 1100 existentes em todo o país, suspenderam por duas horas a sua laboração». Em Lisboa, por exemplo, das 51 estações existentes apenas 10 encerraram. E em Setúbal, de 31, apenas fecharam 4.

Estes números são da administração e, naturalmente, não podem ser lidos sem reservas quanto ao seu carácter significativo, ou sequer indicativo.

Conselho de Ministros reuniu ontem

Resoluções sobre os CTT, cooperação africana e administradores

O Conselho de Ministros, reunido ontem sob a presidência de Francisco Pinto Balsemão, «tomou conhecimento das diligências de carácter diplomático oportunamente levadas a efeito e tendentes a manifestar a estranheza suscitada pelo recente comunicado conjunto do PCP e do MPLA no final da visita a Portugal» de Lúcio Lara.

Outro tema «quente» da actualidade política e social – a greve dos CTT – foi objecto de uma deliberação do Conselho de Ministros: os ministros dos Transportes e Comunicações, e do Trabalho, foram mandatados para «adoptar todas as medidas necessárias à resolução firme e eficaz do conflito».

No domínio da cooperação e intercâmbio com os novos países africanos de expressão portuguesa, foram aprovados três acordos celebrados com o Governo da República da Guiné-Bissau nas áreas da Comunicação Social, cooperação consular e protecção dos trabalhadores migrantes dos dois países.

Empréstimos a emigrantes

Um diploma que eleva para três milhões de escudos o limite máximo de empréstimos concedidos aos emigrantes, ao abrigo do sistema de poupança-crédito, assim como a concessão de avales do Estado a dois empréstimos externos a contrair pela Companhia Nacional de Petroquímica e pela Petrogal para financiamento de projectos de pesquisa e prospecção de petróleo tiveram «luz verde» na mesma reunião do Conselho de Ministros.

Novos estatutos para a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, EP foram aprovados, visando facultar àquela empresa «os meios adequados ao reforço da sua acção» e «fixando o estatuto do pessoal na linha do regime comum às empresas públicas».

Entretanto, assinalam-se algumas algumas movimentações nas administrações em que o Estado tem representantes.

O Conselho de Ministros decidiu exonerar «por conveniência de serviço» os administradores por parte do Estado na Brisa, Machado Dray, Lobo de Carvalho e Ferreira Raposo. Por outro lado, o Instituto de Participações do Estado (IPE) foi incumbido de promover a designação de novos administradores naquela empresa de construção de auto-estradas, assim como na Celbi e na Secil.

José de Matos Torres, por seu turno, foi nomeado administrador do Banco de Portugal, enquanto José Manuel Nunes da Glória (presidente), José Augusto Gaspar e António Daun e Lorena (vogais) integram a partir de agora a administração da Sociedade Financeira Portuguesa.

A actividade desta última sociedade como instituição especial de crédito foi intensificada, «sem prejuízo da sua adequação à legislação sobre sociedades de investimento», de acordo com uma resolução agora aprovada.

Por fim, tendo em vista «simplificar e aperfeiçoar as condições de concurso foram introduzidas diversas modificações no Estatuto e no Regulamento da política Polícia de Segurança Pública.

O conselho debateu ainda os «princípios do novo regime legal, que se encontra em fase adiantada de preparação no Ministério da Habitação e Obras Públicas, sobre áreas de desenvolvimento urbano prioritário e áreas de construção prioritárias».

Helena Roseta peremptória

Sou contra centrais nucleares em Portugal

Helena Roseta não tem nada a ver com o documento do Conselho da Europa que divulgou a instalação em Portugal de cinco centrais nucleares.

De acordo com afirmações da própria deputada, o documento de que ela foi responsável no âmbito dos poderes locais era «extremamente crítico» em relação ao nuclear e referia-se apenas à intervenção das câmaras municipais nas consequências urbanísticas da implantação de centrais nucleares.

«Eu sou contra as centrais nucleares em território português garantiu ainda aquela arquitecta, para depois acrescentar que a carta sobre instalações nucleares na Europa divulgada pelo Conselho da Europa tinha «.informações não fidedignas».

No entanto, a dirigente do PSD reconhecer que o seu documento poderá ter sido consultado como outros posteriores ou anteriores sobre a matéria e adiantou que «já no planeamento do tempo de Marcelo Caetano estavam previstas cinco centrais nucleares em Portugal».

A ARTE EM ITÁLIA

CIDADES DE ARTE
Visitando
ROMA, ASSIS, PERUGIA, RAVENNA, FLORENÇA, VENEZA, VERONA, MILÃO, Etc.
PREÇOS DESDE: 49.500$

AGUARELA SICILIANA
Visitando:
ROMA, NÁPOLES, AGRIGENTO, SIRACUSA, TAORMINA, ETNA, PALERMO, Etc.
PREÇOS DESDE: 59.750$

CIRCUITOS DE 10 E 9 DIAS (em avião e autocarro)
PENSÃO COMPLETA, BONS HOTEIS DE 3 E 4 ESTRELAS

informações e reservas:
Europeia
UM NOME ANTIGO COM UMA NOVA DINÂMICA
LISBOA • Avenida da Liberdade, 233. Tel. 536121
LISBOA • Avenida de Roma, 35-A. Tel. 778082
PORTIMÃO • Av. Tomaz Cabreira — Vlv. Sant'Ana Praia da Rocha. Tel. 23377
membro WATA em Portugal

GRÉCIA E TURQUIA

VIAGEM DE 10 DIAS
VISITANDO: ATENAS (incluindo um Mini-Cruzeiro), ISTAMBUL e ROMA

PREÇOS DESDE: 44.500$

Partidas: 7 e 21 Agosto
4 e 18 Setembro

informações e reservas:
Europeia
UM NOME ANTIGO COM UMA NOVA DINÂMICA
LISBOA • Avenida da Liberdade, 233. Tel. 536121
LISBOA • Avenida de Roma, 35-A. Tel. 778082
PORTIMÃO • Av. Tomaz Cabreira — Vlv. Sant'Ana
Praia da Rocha. Tel. 23377
membro WATA em Portugal

4 SENSACIONAIS EXCURSÕES

AVIÃO TAP AUTOPULLMAN, BONS HOTEIS ACOMPANHADAS POR DELEGADO

SUÍÇA ÁUSTRIA
Lago Constança-Munique-Salzburgo
Viena-Villach-Cortina d'Ampezzo
Innsbruck-Zurique

SUÍÇA ITÁLIA ÁUSTRIA
Lagos da Suíça-Interlaken-Genève
Milão-Veneza-Cortina d'Ampezzo
Innsbruck-Zurique

Partidas: 16, 23 e 30/7; 6, 13, 20 e 27/8, 3 e 10/9 = 8 dias de viagem

CIRCUITO DOS 3 ALPES
14 dias
Madrid-Zaragoza-Barcelona-Montpellier
Marselha-Nice-Milão-Pádua-Veneza
Cortina d'Ampezzo-Innsbruck-Zurique
Partidas: 3/7 e 17/9

SUÍÇA ÁUSTRIA JUGOSLÁVIA
8 dias
Zurique-Innsbruck-Salzburg-Graz
Zagreb-Ljubliana-Postoyna-Trieste
Pádua-Como-Lugano-Andermatt
Partidas: 16, 23 e 30/7, 6, 13, 20 e 27/8; 3 e 10/9

ORGANIZAÇÃO E EXCLUSIVA
abreu
Fundado em 1840

LISBOA	Av. Liberdade, 160	Tel	37 13 41
" "	Av. Roma, 66	Tel	80 36 09
PORTO	Av. Aliados, 207	Tel	31 79 21
COIMBRA	Rua da Sota, 2	Tel	27011/2
FARO	Av. República, 124	Tel	25035/6
FUNCHAL	Rua Gorgulho, 1	Tel	31077/8

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1981

Desaparecidos do Chile

Págs. 4, 5 e 7

Estórias de Portugal

NA corrida vertiginosa com que gente desta terra se precipita no dia a dia nem uns minutos trocados lhe sobeja-para a contemplação de um dos mais fascinantes períodos de todos os tempos da estória: **o regresso às origens.**

Período admirável por tudo o que comporta de retrocesso na fruição dos benefícios sem fim que o voltar ao princípio coloca ao dispor de todos os que sem tibiezas souberem avançar, resolutamente, para trás, construindo tenazmente, o passado, que as gerações vindouras irão habitar orgulhosas dos seus netos.

É um momento ímpar este em que a tecnologia avança e as ideias recuam, tão rapidamente que breve se cruzarão no tempo zero, o da partida para a viagem estórica, todas as viagens estóricas, mais uma corrida, mais uma viagem.

Aos que vierem antes, quer hoje o estoriador deixar o seu morto preito de admiração pelos actuais reinantes, que tão bem têm sabido reinar. E, manda a verdade que se diga, no dia em que isto não for levado um pouco a reinar ninguém sabe como vai ser.

Eles compreenderam, no fulgor dos seus génios políticos, que avançar é um risco, uma incerteza, uma angústia, uma data de problemas. Em contrapartida, recuar é seguro, é sereno, é dinheiro em caixa, são favas contadas. O futuro a Deus pertence — dizem, para concluírem — o passado pertence aos homens.

Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, este raciocínio não enferma de nenhuma consciencialização mais colectivista. «O passado pertence aos homens» mas só a certos homens, a poucos homens, aos homens destes homens. Já o facto de se abandonar o futuro — que, nos seus entenderes, pertence a Deus — para se fugir tão rapidamente em direcção oposta envolve, vindo de quem vem, problemas de um certo melindre, cuja análise o respeito que nos merece o estado de saúde de Sua Santidade o Papa nos leva a postergar.

Vivemos, na estória, **o regresso às origens**, e isso é que urge assinalar.

Como é urgente dizer-se, em abono da justiça dos cuidados postos na manobra de inversão do progresso, na marcha atrás do passado.

Nada tem sido deixado ao acaso. Nem um foguetão da NASA seria submetido a testes mais rigorosos. Para recuarem, os nossos reinantes tudo experimentam. Cortes, intrigas palacianas, grandes festins, pactos obscuros, casamentos contra-natura, etc., etc.

Um dia destes, na sua ânsia de reviverem Maquiavel e serem imortalizados por Shakespeare, trocarão os fatos do Lourenço & Santos pelos gibões do Anahory; abandonarão o Santos & Nascimento para irem alugar ao Paiva, que fica ali mesmo ao pé, no Parque Mayer; deixarão os Mercedes ministeriais aos museus do futuro passado científico e precipitar-se-ão na corrida, a Belém, ao «stand» dos coches para adquirirem as suas caleches com uma entrada inicial e 24 prestações mensais.

Desse modo tudo será mais rigoroso, mais autêntico, mais real, mais próprio do cenário que se desenrola ante os olhos duma multidão estupefacta e onde:

— As Lucrécias, com os seus Bórgias, são ensaiadas todos os dias em bicos de «Abusen»;

— A cicuta foi recuperada pela velha tradição da gastronomia política do reino. Hoje, não há senhor de bem que não inclua no seu séquito de segurança um provador oficial das pataniscas, dos três tintos, dos queijinhos frescos.

— Círculos geralmente bem informados garantem que o duque Macedo terá faltado ao almoço com o duque Balsemão porque o seu provador estava a recuperar das úlceras e não lhe pôde dar assistência ao ágape.

O duque de Cavaco conspira com o duque de Freitas e Eurico, o Presbítero de Braga, enquanto o duque Pulido procura, no Porto, subsídios para o lançamento dum novo romance de cordel, que será anunciado pela Irmandade dos Homens Cegos; e o duque de Proença reacende as chamas do Santo Ofício para queimar os escribas que não o querem ser em oficiais do reino.

Indo mais longe no recuo estórico o duque Abceasis, muito D. Pedro no seu jeito tão popular de folgar nas ruas, evita a desertificação da Baixa mandando plantar o pinhal do Martim Moniz.

As experiências relativas à vida na pré-história deverão começar dentro de dias. Se tudo correr bem, como se espera, na próxima abertura da Assembleia, a maioria, estável e coerente (?!), decretará, oficialmente, a inversão do tempo o que determinará que o próximo ano seja o de 1980 a que se seguirão os de 1979, de 78 e assim sucessivamente. É uma medida de largo alcance social que reduzirá largamente o número de desempregados uma vez que os cidadãos deste país passarão a viver da morte para o nascimento, conseguindo-se assim que as pessoas quando anteriormente estavam em idade de trabalhar passem a ir à escola.

Também o problema do petróleo será atenuado gradualmente até à sua extinção completa, à medida que formos entrando pelo século XIX.

Se o Conselho da Revolução decretar a inconstitucionalidade deste decreto e duque Ângelo chama-lhe uma data de nomes feios, haverá nova guerrilha institucional, mas os duques reinantes não desfalecerão no empenhamento da defesa do retrocesso.

O estoriador regista para a anterioridade um indesmentível facto estórico: só nos saem duques!

Francisco Nicholson

CINEMA **Sete Ponto Sete**

Nove Meses

de Márta Mészáros

UMA das consequências da inserção portuguesa na esfera da distribuição cinematográfica americana é a marginalização de filmes, cineastas, paises que mal conhecemos ou que desconhecemos em absoluto. O caso húngaro nem é dos mais radicais: Todos os anos estreiam entre nós dois ou três filmes daquele país; alguns ciclos (o próximo decorrerá durante o Festival da Figueira da Foz, em Setembro) têm sido organizados dando uma visão assaz significativa do cinema que se produz na Hungria; periodicamente, críticos portugueses têm sido convidados pela Hungarofilm (a empresa que representa externamente o cinema magiar) a visionar, em Budapeste, trabalhos dos seus cineastas, o que provoca que, de todas as cinematografias que escapam ao pólo americano, seja precisamente, a húngara aquela que mais frequentemente é falada na Imprensa portuguesa.

Porém nada disto evita que o grande público permaneça francamente alheado dos filmes que a Hungria produz, o que é lamentável até porque se trata de um país com uma produção extremamente importante a vários títulos, o menor dos quais não será a de nela se manifestar, com rara intensidade, a cristalização de um sistema político-social, a sua superação (dissolvência), as questões que, de raiz, ele enfrenta.

Contrariamente a outras cinematografias do Leste europeu, a Hungria não produz, na generalidade, produtos de exportação e propaganda: não há sorrisos indiscriminados no rosto dos trabalhadores, não há a fachada domingueira ou o recalcamento do quotidiano, não há falsas soluções para conforto do espectador. Os filmes húngaros enfrentam audaciosa e responsavelmente os problemas da sua sociedade, nos mais variados domínios.

Cineasta do quotidiano feminino, Márta Mészaros tem, em **Nove meses** um dos pontos-charneira da sua carreira. Este filme, início do seu encontro com o actor polaco Jan Novicki, marca o extravasar do seu universo para o espaço masculino e acentua a dimensão social das questões «da mulher». A mágoa dos seus primeiros filmes cede o passo à vontade activa de mudança. A consciência do **media** (em crescendo na sua filmografia) produz um perspicaz balanço entre o «isto é uma história» (daí algum pendor melodramático) e o «isto é a vida» (violentamente afirmado na cena do parto), balanço que essa cena faz pender para o lado vital (no sentido de **decisivo**) das coisas.

Porque é tão difícil, tão alegre, tão triste estabelecer relações intersexuais estáveis e duradouras (cristalizáveis na instituição matrimonial)? Aqui há uns anos (nos anos de Maio) as respostas pareciam sabidas e as soluções entrevistas. Depois o tempo secou alernativas ou, pelo menos, fez regressar a questão ao seu embrião inicial.

A questao da «culpa» (que este filme tão claramente situa em esferas do passado, seja ele feito de memória ou de preconceitos), a questão da solidão (tão-pouco confessada, mas vivida, nas produções culturais dos últimos anos), a questão do remorso, a questão dos preços a pagar pela gestação dolorida do futuro, o saber que tudo vale a pena porque acaba e nunca acaba (somos feitos de contínuas passagens e não de impulsos digitais inconsequentes). Tudo isto passa, terna e eficazmente em **Nove meses.**

O espanto (para os espectadores ingénuos — mas há-os, verdadeiramente?) é que a realidade que este filme aborda não seja radicalmente diversa da nossa, ou seja, que a questão político-social (a Hungria é um país com um regime socialista, Portugal rege-se pela democracia burguesa e tem uma estrutura económica capitalista) esteja tão marcadamente arredada das questões individuais, dos modos de vida, horizontes, esperanças, dúvidas. Uma das coisas que **Nove meses** mostra não é a lição humanista de que o homem é igual em toda a parte mas uma lição política mais estrita e inquietante, a de que o quotidiano não diverge decisivamente cá ou lá, quer dizer, nas duas margens dos regimes europeus. O drama é (também) esse.

FICHA:
Título original: Kilenc Hónap.
Realização: Márta Mészaros (Hungria-1976).
Argumento: Gyula Hernádi, Ildikó Kóródi, Márta Mészaros.
Fotografia: János Kende.
Múscia: György Kovács.
Interpretação: Lili Monori (**Juli**), Jan Nowicki (**János**), Djoko Rosic (**o professor**), etc..
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.
Cinema: Nimas.
Classificação: Interdito a menores de 13 anos.

Jan Nowicki e Lili Monori em «**Nove meses**»

SOCIEDADE

História singular de Pedro, O Feliz

O dia em que ousou nada fazer

NÃO fazer nada. Ver a erva crescer ou deixar-se ir no tempo que se escoa. Transformar a vida num imenso domingo: porque não?

Pedro tomou há quatro anos a decisão de não voltar a trabalhar. Esqueceu de vez os horários rígidos, as entrevistas ou os compromissos profissionais, as corridas para os transportes ou os almoços de fugida.

«No dia em que comecei a trabalhar, recorda, apercebi-me que enfrentava uma séria contradição. Este emprego que não escolhi e tinha de suportar, não me dava qualquer satisfação. Apenas um grande cansaço, e um salário que me permitia ir sobrevivendo.

Só havia uma solução: abandonar o que é impropriamente designado de vida activa».

Mas ninguém vive apenas de ar e amor. A companheira de Pedro era uma mulher desesperada(!) com a sua inactividade forçada. Uma oportunidade de emprego vai ditar o futuro e alterar radicalmente a relação entre eles.

Vivianne irá prover às necessidades da pequena família e incitará fortemente Pedro a manter a sua decisão.

A alternativa toma corpo. Seis meses depois apresentará a demissão do cargo de responsável pela organização do trabalho numa fábrica de bolos no Loiret.

No horizonte, a bela paisagem da Bretanha, sem trabalhos forçados ou a rotina que impedem o viver.

O primeiro dia

Em 1 de Julho de 1977, começa o «ano 01» de Pedro, o Feliz. Nessa manhã, coloca o relógio numa gaveta e não volta a usá-lo. «Sonhei muito com estas longas férias, com esta liberdade nunca vivida. Eu ia finalmente ser livre.

Dormi muito tempo, passeei, reflecti, coisas que não têm valor algum na engrenagem da vida profissional, organizada de modo a não dispormos de tempo para pensar. E como é perigoso deixar vogar o espírito!

A partir dessa altura, pensei, tinha toda a vida à frente para realizar os meus mil e um sonhos».

Passaram-se meses, neste silêncio, nesta inactividade, neste sentimento de inutilidade, tão benéficos em si mesmos.

Mas o tempo vai pesando, progressivamente mais duro e insuportável.

Depois, há a pressão da família. O pai de Pedro, um marceneiro bretão, pensa estar perante um fenómeno de rejeição momentânea. O seu filho em breve regressaria «ao bom caminho», isto é, ao trabalho. Decepção e cólera, eis o que se apodera deste artesão, cuja vida laboriosa começou bem cedo, na adolescência.

A mãe de Vivianne, chefe de finanças da região, também não encontra muita poesia na situação.

Os vizinhos, por seu turno, sorriem de modo assaz eloquente. «Um marginal, um inútil, um tonto, este Pedro».

E os amigos?

Esses, ao menos, tentarão compreender. Fazem perguntas, discutem.

Mas ajudarão a atravessar os momentos mais difíceis.

Viver sem criar?

E chega inevitavelmente o dia em que a realidade tem de ser encarada de frente: impossível viver sem criar, sem produzir, sem **trabalhar.**

Pedro sentiu-se possuído por um desejo, uma necessidade súbita de meter mãos à obra:

«Eu estava sozinho perante mim mesmo. Era necessário que me envolvesse numa actividade que valesse a pena».

Herdeiro de uma certa habilidade manual, começa por tornar habitável o celeiro de um amigo.

Em seguida, desenha uma obra de tapeçaria, executa-a e vende-a a uns ecologistas da região, que passarão a constituir o grosso dos seus futuros clientes. É o começo.

Arranja um estábulo do século XVII com duas divisões, onde passa a viver com a companheira. Em troca da conservação do imóvel, o proprietário não lhe cobra um centavo de renda.

«É o que eu chamo uma troca de serviços, hábito que infelizmente se perdeu. Eu preferia servir de mecânico ou carpinteiro aos meus vizinhos e receber em troca fruta ou ovos, em vez de dinheiro».

Doce beatitude

Esta ingenuidade traz-lhe alguns amargos de boca, e com eles, uma certa decepção.

«A relação com o dinheiro chateia-me. É ele que faz mover milhões de homens e mulheres. Quando não se tem, não se consome, ou consome-se de modo diferente.

Antes, eu comprava vários discos ou livros de cada vez. Agora, reflito durante muito tempo, antes de fazer uma compra. Saboreio cada linha, e cada espira».

Exasperante, esta doce beatitude. Após quatro anos de experiência, Pedro continua convencido de estar no caminho certo. É o **seu** caminho:

Ao diabo a psicanálise e a acupunctura para tratar os males engendrados pela «engrenagem»!

E pode ser assim o quotidiano deste bretão em busca da felicidade!

Depois de tomar o pequeno almoço, Pedro faz a barba e dá uma volta pela oficina. Mete-se ao trabalho, parte à procura de cogumelos nos campos, lê algumas páginas de Sartre, ouve a rádio, dá uma curva de bicicleta, ou estica-se na cama de rede pendurada no jardim?...

(«Para mim, quando era criança, o dmingo era um dia aborrecido. Hoje, que já não sou criança, o domingo voltou a ser um dia fasto. Um dia que suspende estas exigências sociais — correio, telefone, entrevistas — que constituem a minha fadiga durante a semana.

Um dia feliz, porque é um dia branco, um dia silencioso em que posso deixar-me preguiçar, isto é, permanecer livre» — Roland Barthes, em entrevista ao «Le Monde Dimanche»).

DICIONÁRIO

Movimento Perpétuo

GAMA, LIA

Actriz

De seu nome verdadeiro Maria Isilda Gama Gil, Lia Gama nasceu no Fundão a 28 de Maio de 1944. Vem, ainda criança, para Lisboa onde frequenta o liceu. Com 16 anos de idade, estreia-se no espectáculo: vende margaridas no **foyer** do Teatro Monumental em enquadramento à peça «A margarida da rua». Em 1963, inicia-se sobre o palco na peça «Vamos contar mentiras», com encenação de M. Santos de Carvalho. Em 1965 frequenta, em França, o curso de teatro de René Simon, após o que, de regresso a Portugal, ingressa no Teatro Estúdio de Lisboa. Aí, sob a direcção de Luzia Maria Martins interpreta autores como Anouilh, Prista Monteiro, Peter Ustinov, Shaffer. Em 1968 faz uma passagem pelo Teatro Experimental de Cascais («Fedra») e, no ano seguinte, regressa ao **boulevard**. De 1970 a 1972 produz-se um interregno na sua carreira (ocupado por um casamento e um filho). É a partir de 1972 que o seu nome se começa a impor através de uma série de trabalhos teatrais importantes (destaque para: «Ó paá, pobre papá, a mamã pendurou-te no armário e eu estou tão tiste», enc. João Lourenço, na Casa da Comédia, 1973; «Os pequenos burgueses», «Ah Kin» e «Casimiro e Carolina», enc. Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Mello, no Teatro da Cornucópia, 1974-76; «A guarda», enc. Osório Mateus, nos Cómicos, 1977; «Saudades», enc. Ricardo Pais, na Casa da Comédia, 1978; «Porta Fechada», enc. Jorge Listopad, no Teatro da Graça, 1979; «Corpo-delito na sala dos espelhos», enc. Fernando Gusmão, no Grupo 4, 1979; «Em frente da porta, do lado de fora», enc. João Mota, na Comuna, 1980. Entretanto, também a televisão a chama, em trabalhos esparsos, mas, geralmente, marcantes («O caso Rosembrg», real. Oliveira e Costa; «A senhora do cãozinho», real. Jorge Listopad; «Os Maias», real. Ferrão Katzenstein). No cinema, a sua iniciação faz-se em 1966 (em **Sete balas para Selma**) mas o seu rosto só começa a ter notoriedade na segunda metade da década de 70, altura em que ganha a aura da única possível vedeta do cinema português dos anos mais recentes.

FILMOGRAFIA: **Sete balas para Selma** de António de Macedo (1966); **Nem amantes nem amigos** de Orlando Vitorino (1967); **O cerco** de António da Cunha Telles (1969); **Meus amigos** de A. Cunha Telles (1973); **Vamos ao ninas** cm de Lauro António (1974); narração; **O funeral do patrão** de Eduardo Geada (1975); **Nem pássaro nem peixe** mm de Solveig Nordlund (1977); **A santa aliança** de E. Geada (1975-77); **Nós por cá todos bem** de Fernando Lopes (1976-77); **O Zé Povinho na Revolução** cm de Lauro António (1978); narração; **Viagem para a felicidade** mm de Solveig Nordlund (1978); **Amor de perdição** de Manoel de Oliveira (1976-78); **Antes a sorte que tal morte** de João Matos Silva (1975-79); **Mariana Alcoforado** de E. Geada (1979); **Oxalá** de António Pedro Vasconcelos (1977-80); **Kilas, o mau da fita** de José Fonseca e Costa (1977-80); **Francisca** de M. Oliveira (1980-81).

Continuação — Lia Gama

A carreira de Lia Gama encontra-se sob a égide de dois pólos; por um lado, o histórico sucesso que foi **Kilas, o mau da fita**, o que não deixará de marcar o seu futuro de actriz de cinema em Portugal, por outro lado, os seus filmes «secretos», pouco vistos e, no entanto, admiráveis (**Marian Alcoforado, Viagem para a felicidade, Nem pássaro nem peixe**). Pelo meio ficam alguns pequenos papéis fulgurantes (**Nós por cá todos bem, Amor de perdição**) alguns equívocos (**O funeral do patrão, Oxalá**) e um grande filme, mal amado e pouco visto, **A santa aliança** onde Eduardo Geada lhe deu a primeira oportunidade de protagonista.

Actriz por onde perpasse algum cansaço, erguendo personagens quase sempre tocados pela ausência de ilusões, Lia Gama não tem porém o vigor de ultrapassar o tom dos filmes. Digamos que (como, de resto, é timbre dos grandes actores de cinema) a altura a que brilha o seu trabalho depende estritamente da direcção que o realizador lhe imprime. Só isso explica que entre o solo magnífico de **Mariana Alcoforado** e a força de **Kilas,** ela fraqueja até ao impensável (em **Oxalá**).

Com uma filmografia já longa e de que há a esperar produtiva continuidade (em projecto está o próximo filme de Fernando Lopes, **A crónica dos bons malandros**) Lia Gama é um dos rostos cuja referência é obrigatória a quem, sob qualquer ângulo, atravesse o recente cinema português.

Lia Gama e Mário Viegas em **Kilas, o mau da fita**

BÁRBARA

— longa-metragem
— 16(35) mm — cor

Realização: Alfredo Tropa. **Argumento:** Alfredo Tropa (**diálogos e letra das canções:** Fernando Assis Pacheco).

Fotografia: Artur Moura. **Cenários:** Filipe de Melo. **Música:** Manuel Freire.

Montagem: José Pedro. **Som:** Alexandre Gonçalves. **Interpretação:** Artur Semedo, Ellen Matt, Orlando Costa, Celso Sacaveno, Josefina Ungaro, Estrela Novais, Manuela Melo, José Silva, Júlio Cardoso, Afonso Praça, Mário Sancho, João Enes, António Feio, a população de Torreira (Murtosa), etc. **Produção:** Radiotelevisão Portuguesa, EP. **Direcção de produção:** Jaime Campos.

Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo. **Classificação etária:** Não aconselhável a menores de 13 anos.

Duração: 136 minutos. **Rodagem:** 1979-80. **Estreia:** 26 de Setembro de 1980 (Apolo 70, Lisboa; Passos Manuel, Porto).

Não conseguindo, pura e simplesmente, articular uma narrativa coerente e sólida, Alfredo Tropa assina com **Bárbara** um dos mais lamentáveis equívocos do recente cinema português.

Narrando a história de um luso-americano que, de regresso à sua terra natal, resolve industrializar a apanha do moliço na ria de Aveiro, **Bárbara** não atinge jamais aquele ponto mínimo em que a ficção ganha o limiar de credibilidade para que o espectador embarque. Dos diálogos (ou «tiradas») frequentemente ridículos, a uma fotografia incrível (as cenas nocturnas pura e simplesmente não se vêem), dos actores sem bússola a inúmeras incoerências de argumento, tudo neste filme roça zonas de impensável inépcia.

Há uma canção muito bonita de Manuel Freire mas isso não salva **Bárbara** de ser uma barbaridade. Difícil fazer pior.

Nota: De **Bárbara** fez-se também uma versão televisiva, em cinco episódios de 25 minutos, que, até à data, não foi exibida na RTP.

JULIO de Matos...Hospital?

— curta-metragem
— super-8 (16) mm/cor

Realização, produção, fotografia e montagem: José Carlos Marques. **Colaboração:** Cristina Machado, Lena Coutinho, Luís Gouveia. **Distribuição em Portugal.**
Animatógrafo. **Classificação etária:** Não aconselhável a menores de 13 anos. **Duração:** 28 minutos. **Rodagem:** 1974. **Estreia:** 4 de Março de 1978 (Quarteto, Lisboa).

Em 1974, após a queda do regime fascista, um grupo de jovens penetra no interior do hospital psiquiátrico Júlio de Matos, em Lisboa, com uma câmara de super-8 mm e aí regista imagens alucinantes. Montado e ampliado para 16 mm esse material originou **Júlio de Matos...Hospital?,** um filme tecnicamente precário mas sociologicamente importante pelo que revela a vários níveis.

Se a realidade mostrada é a da mais completa objecção física, a da total falta de condições hospitalares, o resultado é o horror. Primeiro ponto: este filme coloca-se numa posição de denúncia. Acreditando que as imagens falam por si, José Carlos Marques não nos indica os limiares psiquiátricos dos seres que mostra, isto é, não emite nenhum discurso científico. Segundo ponto: este filme não quer explicar, mas mostrar. Escolhendo casos extremos (o pavilhão dos catistas é um dos mais abordados), José Carlos Marques opta pelo sublinhado violento. Terceiro ponto: este filme quer, voluntariamente o espectáculo do horror.

Enquanto cinema, **Júlio de Matos...Hospital?** está assim, no território ambíguo onde se fronteiram a verdade e o oportunismo, o testemunho e a manipulação.

E claro que é um filme eficaz na inquietação que exprime, provavelmente bem — intencionado no propósito que o levou a produzir-se, mas que denota, com mais frequência que a desejável, uma obscenidade improdutiva (mormente na obsessiva utilização do grande plano).

Mais uma vez indefesos, não serão os doentes deste filme «possuídos» por uma câmara que não se detém em nenhum patamar? Uma questão em aberto num filme que, apesar disso, é um murro frontal na boa-consciência de uma sociedade que tão ferozmente segrega a **diferença** psiquiátrica.

Consulte as secções de informações

Caminhos de Ferro Portugueses

MANICURES PRECISAM-SE

Se é boa manicure e tem a vida social organizada para não faltar, temos bons horários e muitas e boas clientes para lhes oferecer.

Cabeleireiro Sérgio e Margarida

Av. da República, 5 Lx.
Metro Saldanha. T. 572401

ALGARVE

TERRENOS RÚSTICOS

Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz. Desde 80 000$00. Telefone 364651 ou contactar com o sr. Rocha, Figueira (V. Bispo), (das 17 às 21 horas)

PUB
FILINTO – Centro de Fotocópias
DESDE-$60
COPIAS O'ALIO PLASTIFICAÇÕES ENCADERNAÇÕES OFFSET ARTIGOS ESCOLARES E DE ESCRITÓRIO
DAMOS APOIO A CONGRESSOS...
Dependência da Discoteca Filinto
Av. João Crisóstomo 33 - Tel. 57 01 68 53 50 40 - Lisboa

SERGIO SAMPAIO

SALDA

TODOS OS ARTIGOS DE FIM DE ESTACAO
PARA HOMEM E SENHORA

BEM COMO TECIDOS

BOUTIQUE Av. da República, 9 A Lisboa

FERNANDO TORDO

HENRIQUE VIANA

AGORA NO TEATRO ABERTO

(à Praça de Espanha) — T. 770969

Por imposição do público continua até 30/8/81

DE 3.ª A SÁB. ÀS 21.30
DOMINGOS ÀS 18.00

mercado de artesanato

FEIRA POPULAR DE LISBOA

1981

Desaparecido

● Familiares contam o i

Tem-se falado alguma coisa dos desaparecidos no Chile de Pinochet mas nunca se falará quanto baste — e sobretudo nunca se ouvirá quanto baste os familiares desses desaparecidos contarem o que fizeram, como fizeram para tentar localizá-los, quase sempre infrutiferamente. O fascismo chileno, uruguaio e boliviano não só traduziu à letra a cartilha nazi como tentou banalizá-la, ridicularizar quem contra ela se ergueu e ergue. Por outro lado, o fascismo conta com um aliado fortíssimo, tido como principal vício e principal virtude da humanidade: o Esquecimento.
Numa tarde de Verão, há pouco tempo, mães, esposas e filhas de presos desaparecidos no Chile reuniram-se diante de um gravador e contaram o que nunca tinham contado. A revista Araucaria Chilena, que se publica no exterior do país, publicou os seus depoimentos. Sete Ponto Sete reprodu-los hoje, identificando-se com o voto de uma das declarantes: «estes crimes não devem esquecer-se, não podem esquecer-se». Ao mesmo tempo que elas falam, a canalha santiaguense grita na rua, assassina e impune, o terrível desafio à consciência de todo o mundo: «Desaparecidos? Ah! Ah! Ah!».

A: Como ocorreram os desaparecimentos no Chile em 74? Como foi e o que sentimos no momento em que soubemos que um nosso familiar não era um preso, mas sim um desaparecido?

A sensação de algo incrível, em primeiro lugar, porque nunca tínhamos vivido uma coisa assim no nosso país. Resistíamos a acreditar que um Governo fosse capaz de fazer desaparecer adultos, crianças, jovens estudantes, pais, mães, filhos... Era uma coisa que nós... não... É incrível, ninguém pode pensar que possa haver gente como essa e sobretudo pensamos que nunca tinha ocorrido nada de semelhante no Chile. Para mim foi um choque enorme saber que não poderia ver mais a minha filha, não saber onde ela estava, o que se tinha passado com ela... Não podia compreender que existiam diversos organismos de segurança, nos quais sempre se deitava a culpa para o outro. Não tinha a certeza do facto de ela ter sido presa pelos organismos da FACH (Força Aérea do Chile).

A minha filha foi presa, em casa, com o seu marido, por volta das 2 horas da manhã. Os da Força Aérea, que vinham à paisana, levaram-nos para a AGA (Academia de Guerra da Força Aérea). Apesar de eu não viver em casa da minha filha — vivia na província — estava lá de passagem nessa altura. Perguntei o nome ao que fazia de chefe e ele respondeu-me ser «Cabezas». Eu disse-lhe: «Mas a minha filha... porque é que a está prendendo? Ficou a olhar para mim e respondeu: «Só a vamos levar para proceder a um interrogatório.» No dia seguinte, o mesmo senhor voltou, fez uma busca à casa e disse-me: «Sabe uma coisa? A sua filha vai sair... porque não há nenhuma prova de que estivesse trabalhando depois de 11. É verdade que trabalhou antes do 11, mas isso era permitido nessa época. «Então ele ficou de avisar-me quando a minha filha saísse, porque eu ia para o sul para ser operada. Não podia ficar porque a operação era urgente. Quando a minha filha saiu deixaram-na, pessoalmente, em casa dos sogros, ficando o meu genro preso. Mal pude viajar para Santiago telefonei de imediato a esse senhor, para a AGA, e perguntei pelo seu nome — senhor Cabezas. Atendeu-me ele, pessoalmente, ao telefone, e eu identifiquei-me: «Sou fulana de tal e cheguei recentemente» e ele perguntou-me: «Ah! Como está a sua saúde, minha senhora?»

Como podia ele saber que eu estava ou tinha estado tão mal? Pedi-lhe então uma entrevista. Enquanto isto se passava a minha filha já tinha desaparecido. Como aconteceu? A Força Aérea tinha-a solto e a DINA (polícia política chilena) tinha-a preso depois. O senhor Cabezas disse-me então: «Como está muito doente, vou eu a sua casa. Onde está?» — «Bem, eu estou em casa da minha filha. Você sabe onde é.» — «Claro que sim, disse-me, eu vou, mas tarde. Por volta das onze.»

Chegou depois das 11h30m. Eu ofereci-lhe um café, mas ele não aceitou e acrescentou: «Estou à sua disposição. Que pretende?» — «Quero que me diga o que se passa com a minha filha, Muriel Dockendorff». — «O quê? — exclamou — mas eu soltei a sua filha» — «Sim, eu sei. Falei com ela ao telefone. Mas agora? O que é que se passa com ela?» — «Ah, não sei. Eu prometi-lhe que a sua filha ia ficar livre, o que não se passou com o seu genro; eu prometi-lhe que a sua filha ia ficar em liberdade.» — «Mas eu não entendo», disse-lhe. «Bom, é que existem outros organismos de Segurança.» — «Mas eu não os conheço» — «Existem vários. Mas eu só pertenço à Força Aérea» — «E eu? O que é que faço?»

Para mim tudo era surpeendente, pois isto era-me totalmente desconhecido. Não tinha nenhuma ideia clara sobre o que se passava. Então ele disse-me: «Eu falei à sua filha, disse-lhe para ela se exilar. Não me prestou atenção» — «Mas e eu? Que tenho que fazer? Onde me devo dirigir? Quais são os outros organismos de Segurança que existem? O senhor não me poderia indicar?» — «Olhe — disse-me — primeiro, tem que fazer um recurso de amparo (recursos feitos ao tribunal para solicitar a atenção sobre a situação de alguém, sendo ao mesmo tempo um apelo para que essa situação se esclareça). Sabe onde é que se podem fazer? É em Santa Mónica.» Isto disse-me ele muito tranquilo e sereno.

A minha filha desapareceu a 6 de Agosto. Eu tinha sido operada a um cancro e não podia ir a Santiago. Não me davam alta. Mas eu vim para Santiago ainda com a ferida aberta.

Ela era do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária). E apesar de ser estudante de Economia na Universidade de Concepción foi presa, aqui, em Santiago. O senhor Cabezas ainda me perguntou: «Que mais posso fazer por si? Existe alguma coisa que possa fazer?» — «Sim, há. Quero ver o meu genro.» — «Como não — disse-me — pode ir vê-lo amanhã.»

Desde o dia da sua prisao, a 6 de Junho, ninguém tinha ainda podido visitar o meu genro, nem sequer os seus familiares.

Ele não desapareceu. Está agora na Colômbia. Foi preso com a minha filha, depois foi para Três Álamos, de lá passou para Puchuncaví (campos de concentração), depois novamente para Três Álamos e daqui levaram-no ao aeroporto para que abandonasse o país. Não pode regressar, por enquanto.

Cabezas disse-me que sempre que quisesse ver o meu genro lhe telefonasse. Não era necessário ir ao Ministério da Defesa para pedir autorização, bastava que lhe telefonasse. «Se não me encontrar — disse-me — chame o senhor Ceballos. «Telefonei logo aos familiares de Juan e fomos, no dia seguinte, visitá-lo. Estava relativamente bem, com bom aspecto. Perguntei, ao senhor Cabezas, se podíamos voltar a vê-lo e ele autorizou-nos a visitá-lo, uma vez por semana, desde que lhe telefonasse no dia anterior ao da visita.

Quando se apresentou o recurso de amparo e o inquérito sobre a prisão e estes não funcionaram, o Comité Pró-Paz enviou uma carta ao ministro do Interior, Benavides, que respondeu, por escrito, que minha filha estava presa pela FACH. Nessa altura eu estava, outra vez, muito doente. Tinham-me feito mais duas operações, em Santiago, e ele (Cabezas) até me ajudou a subir as escadas. Era muito delicado... sinistramente delicado. Perguntava-me sempre pela minha saúde. «Está com melhor aspecto, hoje, disse» — «Sim. Estou muito contente, porque o senhor me vai poder dizer, agora, onde está a minha filha. «Eu levava a cópia da carta de Benavides. Estávamos a subir à escadaria e ele deteve-se, leu-a e fez um gesto feroz. «Mas o que é que pensam estes! Eu disse-lhe que ela ficou livre e livre eu a deixei. A FACH não tem nada a ver com o facto de ela ter sido presa depois». (Nunca usou a palavra «desaparecimento»). Ficou muito aborrecido. «Disto vou eu tratar».

Tive outras entrevistas com gente da FACH, no mesmo Ministério, na 1.ª cave. Faziam-me esperar horas e horas antes de me atenderem; chamavam-me para uma determinada hora e atendiam-me três ou quatro horas depois. Num dia em que visitámos Juan ele tinha um golpe no olho, coberto por um penso. «Mas, por Deus, que aconteceu?»

Havia sempre uma pessoa presente durante a visita. Ele olhou para Juan e ele respondeu-me: «Caí quando jogava à bola.» O outro disse-me: «O seu genro, minha senhora, é muito bom futebolista. Vamos deixá-lo aqui para que ele faça parte da equipa.»

Quando me despedi dele, na altura em que o abracei e beijei, perguntei: «Que aconteceu? Tenho a certeza de que não foi um jogo de futebol.»

Eles prenderam-nos juntos. Fizeram-lhes um cerco. Isso soube-o depois, quando pude falar com Juan, em Três Álamos e em Puchunvaí. Fiquei a saber muitas coisas. Um dia, quando conversávamos... assim... quando o senhor que lá estava saía para voltar imediatamente, disse a Juan: «O senhor Cabezas tem sido tão bom. Até me deixou ver-te». Ele então disse-me (sempre me tratou por Mutty--«mamã» em alemão): «Mutty, não acredite nele. Esse homem é do mais perverso que há... e não

os do Chile

inacreditável

se chama Cabezas, mas sim Ceballos. «Depois, quando já podíamos falar livremente com Juan, em Puchuncaví, soube mais um montão de coisas. Ele contou-me sobre toda a espécie de barbaridades. O golpe no olho deveu-se a uma pancada que lhe tinham dado.

Sabes onde o torturavam? Na capela. Antes aquilo tinha sido um convento e havia uma capela — era um convento de freiras — e era lá que os torturavam. E isto passou-se na AGA. É a parte que se refere ao senhor Ceballos.

Durante todo este tempo eu continuava a fazer as minhas diligências. Da Pró-Paz para Santa Mónica, daqui para Três Álamos. Informação que me dessem de alguém eu corria logo atrás, procurava moradas, ia até lá e perguntava se tinham estado com Muriel Dockendorff. Por acaso tive muitas informações, mas a mais clara que recebi e também a mais fidedigna foi a de uma pessoa que está agora fora do Chile. Ela esteve com a minha filha e disse que Muriel tinha sido retirada de Cuatro Álamos, com destino desconhecido, em 24 de Outubro de 74.

A ela deu a minha filha um lenço.

O meu genro ficou preso na FACH e isso salvou-o. A minha filha foi deixada em liberdade provavelmente para servir de isca. Esteve vinte dias em liberdade, só vinte dias livre. Eu falei com ela ao telefone; escrevia-me todos os dias. Um dia deixei de receber cartas e comecei a inquietar-me. Ainda por cima não podia mexer-me porque estava doente, estava de cama. Estive muito tempo hospitalizada.

Telefonei para os pais do meu genro, em Santiago, e eles disseram-me que não sabiam nada da pequena. Começaram a procurá-la, a tentar saber onde poderia estar, mas nunca se soube e, como te disse, a informação mais fiel que tive até agora, foi a da companheira que está em França. Foi ela quem me deu uma informação mais completa e inclusive quando fizemos a ficha antropomórfica, mandou-me dizer como estava a Muriel vestida quando saiu de casa, no dia em que a prenderam «Romo com Marcia Alejandra» (nome de uma operação da DINA). Porque eles prenderam-na. Eles foram-na buscar.

Para mim, como te disse, era inconcebível que acontecessem no Chile coisas como estas; não podia compreender. Então comecei a viver um período de angústia, de procura, de tentativas de me aproximar de pessoas de quem, em algum momento, fui amiga. Chegava a pedir uma ajuda e respondiam-me: «Está bem, mas não posso fazer nada».

Hoje vejo as coisas de uma maneira muito diferente. Ultrapassei etapas, em primeiro lugar, porque a minha saúde está muito melhor. Em segundo lugar, porque vi outras pessaos com o mesmo problema e até pior. Eu tenho um desaparecido. Existem outras que têm dois, três e até cinco. Isto fez-me ver a vida de uma forma diferente e comecei a lutar. Eu era uma pessoa... Para começar não tinha nenhum partido político. Não desconhecia as ideias da minha filha. Não as apoiava por completo, mas também não as rejeitava. Fui vendo que o facto de me encontrar com muita outra gente com problemas tão grandes e piores que o meu, me foi fortalecendo pouco a pouco. A minha única meta tem sido a de dedicar-me à procura da minha filha. Fazer o que quer que seja e até ao momento tenho-a cumprido. Disse, muito claramente, a minha outra filha (zenho só duas). Disse-lhe: «O tempo que me resta de vida é para lutar, procurar, saber da Muriel. Se está viva ou morta e que me digam onde está.»

Esta é, em traços largos, a minha transformação. De um desespero louco, e não que neste momento não o sinta, sou muito chorona, muito emotiva, mas penso que me fortaleci. Compreendi que a minha família é a «Agrupación». Isto sinto-o de uma forma muito clara. A minha família não está toda de acordo com este problema e eu deixei de ter amizades, as de antes, pois essas não são as de agora. Os meus amigos praticamente abandonaram-me desde o dia em que a minha filha desapareceu. De qualquer das formas não podia voltar ao sul porque tenho problemas de saúde. E sei que o que tenho a fazer é aqui, lá não tenho nada.

N: O meu filho, Maurício, foi preso no dia 5 de Agosto. Tudo começou, no dia 2, com uma busca. Disseram que eram da DINA. Os homens, uns 8 ou 9, eram terríveis, cheiravam a vinho e tudo isso. Disseram que eram da Dina e que vinham buscar o meu filho. Eu estava em casa. Aí por volta das 2 horas da manhã fizeram-nos levantar a todos. A minha casa é grande e eles anotaram tudo, tudo. Depois leram cartas, levaram coisas e um deles disse-me: «O seu filho está envolvido até ao pescoço».

Nesse mesmo dia era o seu aniversário e eu esperava-o em casa, mas ele não chegou. Quando o meu outro filho telefonou e perguntou por Maurício eu disse-lhe que nã estava. «Aqui também ainda não chegou — disse-me — vamos esperar até amanhã». No outro dia telefonou e disse-me: «Mamã, o Maurício ainda não veio. Foi preso». De certeza.

Nesse momento fiquei como louca. Fui à Polícia e aí disseram-me: porquê dizer que ele desapareceu ou que se encontrava perdido, foi assim que disseram, se não havia nenhum antecedente? Recomendaram-me: «Vá reclamar a outra parte ou, então, espere mais uns dias».

Eu não tinha nenhum motivo para suspeitar que ele iria desaparecer. Dizia: «Isto deve ser por uns dias, e já me vieram avisar». Mas esses dias foram passando. Já fui à Pró-Paz, fiz a denúncia, fiz depois recursos de amparo, e assim foram passando os dias sem nenhuma notícia...

Falei com Monsenhor Camus, que tinha chegado não sei de onde para ter uma entrevista com o Presidente. Ele tomou nota do nome e poucos dias depois telefonou-me para dizer que eles lhe tinham respondido que de certeza o meu filho estava nas guerrilhas. Novamente conctatei pessoas, tive entrevistas. Ia ao Ministério da Defesa, ao Cendet, a todas as partes onde me mendavam, sem obter qualquer resultado. Durante todo este tempo, eles andavam também à procura do meu outro filho, e acabaram por o prender em Janeiro de 1975. Por causa desse meu outro filho Patrício, falei com Ceballos. Tive várias vezes oportunidade de o ver e perguntei-lhe por Maurício. Ele disse-me que não o tinha, que perguntássemos à Dina. Eu disse-lhe que era muito difícil conseguir falar com gente da Dina.

E assim continuaram todos os dias, todos os dias, até ao momento em que não soube mais dele. Nem sequer tive notícias pelos que estavam presos. Não o viram em nenhuma parte.

A minha família desmanchou-se. Alguns tiveram de sair do Chile. A Patrício balearam-no.

Que penso de Maurício? Penso que pode estar ainda num campo de concentração fazendo trabalhos forçados, e continuarei a lutar e a procurar.

Estou agora só com um filho, depois de ter tido cinco.

Ainda tenho esperança. Uma pessoa não perde nunca a fé. Uma pessoa não imagina que este Governo possa ter feito isto. Deve estar em alguma parte. Agora, se não dizem nada, é porque deve ser muito terrível o que se passa.

Maurício e Patrício

A: No Chile foi desenvolvido um método sistemático de repressão. Na Segunda Guerra foi diferente; vivia-se um período de guerra...

Mas existe uma parecença. O sistema que foi empregue no Chile é cópia do nazi. Aliás, não se pode esquecer que o exército, no Chile, recebeu uma formação prussiana.

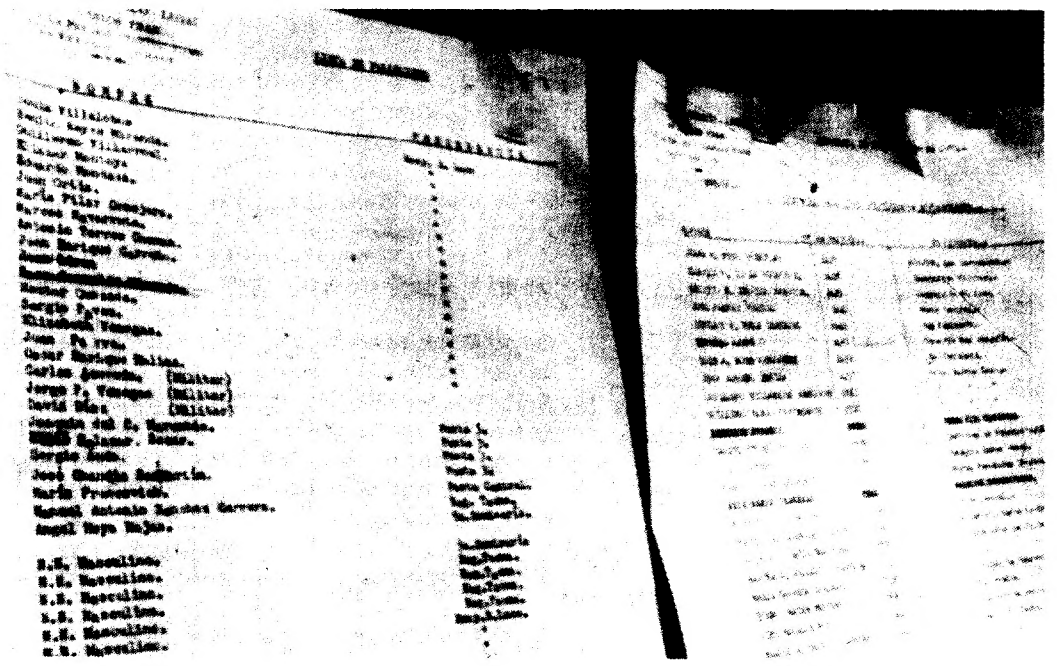
Desaparecimentos, comandos operacionais, ratoeiras. A minha filha só foi solta para atrair mais gente.

V: Em 1976 aperfeiçoaram o método. Desde o começo que negaram sempre as prisões. Nós nunca pudemos falar, como vocês fizeram, com agentes de Segurança. Em 1974 não se preocupavam em esconder.

A: O que marcou a gente de 1974 foi a famosa «lista dos 119». Esta deu-nos a pista e começámos a pensar que se tratava de «desaparecidos». Antes tínhamos sempre a esperança de os encontrar.

Em qualquer momento iam voltar, iam soltá-los. Mas desde que a lista saiu, em Julho de 1975, começámos a ter a ideia

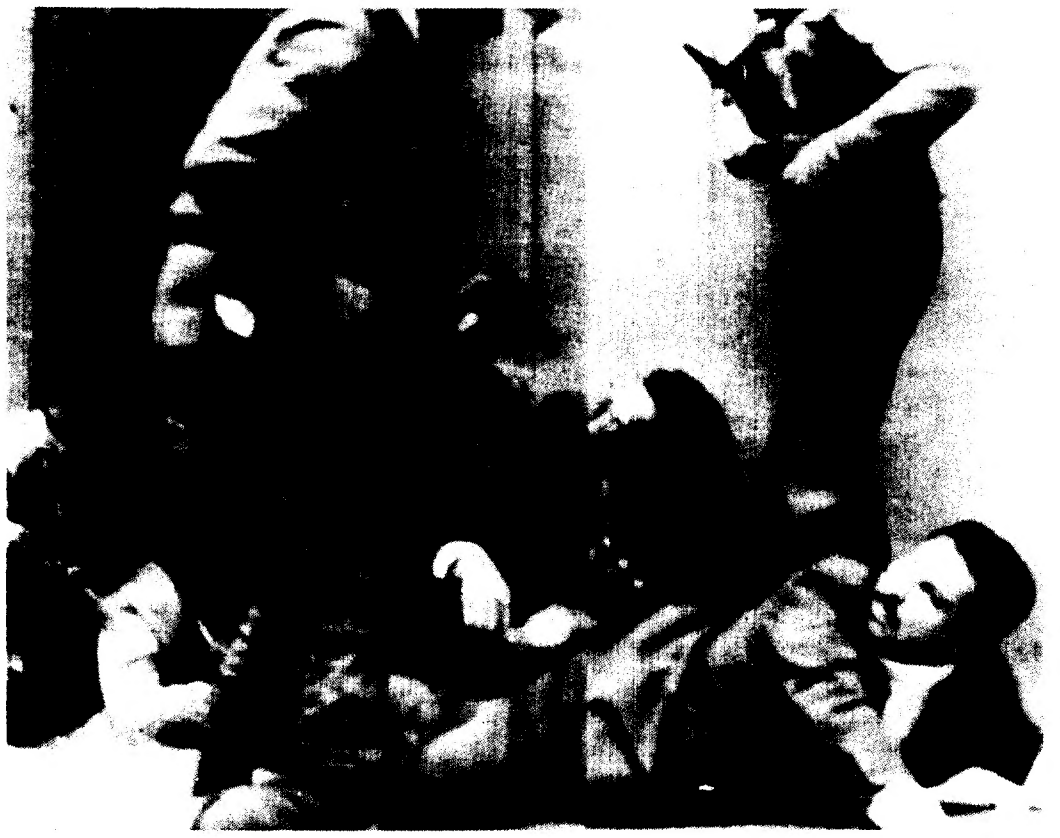
Continua na pág. VII



Listas de mortos publicadas pelas autoridades implantadas pelo poder golpista

Prisões e desaparecimentos na mais total das arbitrariedades

Nas ruas: um clima de intimidação e de terror



PUBLICIDADE Sete Ponto Sete

Você que pensa mobilar a sua casa e quer escolher com os melhores preços

VAI MOBILAR DARTY·CONFIANÇA

Visite os salões de exposição das nossas fábricas

DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

ALVERCA - R. Proj. à Cap. Meleças Lote 1 (junto às escolas)

LISBOA - Est. de Benfica, 174 (a 500 m. de Sete Rios)

ALMADA - Av. 25 de Abril, 45 Telef.: 2769001

BAIXA DA BANHEIRA - R. Ville Plaisir 23-B (Antiga R. 5)

Org. **A. S. NUNES**

JODIE FOSTER a "sexy"
menina mulher inspiradora das mais trágicas paixões

"PALMA DE OURO"
Grande Prémio do Festival de Cannes 1976

ROBERT DE NIRO MELHOR ACTOR - 1981 "O TOURO ENRAIVECIDO"

ROBERT DE NIRO
TAXI DRIVER

JODIE FOSTER ALBERT BROOKS no papel de Tom HARVEY KEITEL
LEONARD HARRIS PETER BOYLE no papel de Wizard
• CYBILL SHEPHERD no papel de Betsy

Um filme de **MARTIN SCORSESE** e

10.ª SEMANA NO quarteto

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

FESTIVAL DE VERÃO DE LISBOA DE 1981

CONCERTO SINFÓNICO RUÍNAS DO CARMO

RADIODIFUSÃO PORTUGUESA
EM COLABORAÇÃO COM A
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Dia 7 de Agosto de 1981 às 21.30 h.

programa

I

ALMOUROL Francisco de Lacerda

CONCERTO N.º 1, em lá menor, para violoncelo e orquestra, Op. 33 Saint-Saens

— Allegro non troppo
— Allegro con moto
— Allegro molto

(sem interrupção)

II

SINFONIA N.º 40, em sol menor, K 550 Mozart
— Allegro molto
— Andante
— Menuetto: allegretto
— Allegro assai

INTRODUÇÃO E CORTEJO NUPCIAL
Rimsky-Korsakov
(da Ópera «O Galo de Oiro»)

SOLISTA: Irene Lima (violoncelo)
MAESTRO: Silva Pereira

Onde pode comprar nas férias o DL

PRAIAS DO OESTE

FIGUEIRA DA FOZ
- Tab. Pessoa
- Tab. O Livro
- Quiosque Stop
- Quiosque 8 de Maio
- Tab. Central
- Café Nisa
- Café Remo
- Tab. Africana

BUARCOS
- Satélite
- Ladeiro
- Jonne e Ringo

NAZARÉ • Agência de Jornais Batista Vieira

S. PEDRO DE MUEL • Rosa da Silva Carvalho

PRAIA ST.ª CRUZ • Tab. Romana

PENICHE • Mário Sá Bandeira

PRAIA DA CONSOLAÇÃO • Café Mar e Sol

PRAIA DE PEDRÓGÃO • Café Imperial

ERICEIRA
- Tab. Ovni
- Tab. Palhas

S. MARTINHO DO PORTO • Café Rosa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período de 10 dias, ao preço de 15$00 por exemplar
Pagamento antecipado através de cheque ou vale de correio

Remete para Diário de Lisboa - Assinaturas
R. Castilho 185-1
1200 LISBOA

23.º Cartório Notarial de Lisboa

A CARGO DO NOTÁRIO LIC. HENRIQUE VAZ LACERDA

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Julho corrente, lavrada de folhas 48 verso, a folhas 50, do livro de notas para «escrituras diversas», n.º 3-E, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «H.C. GUERREIRO, LIMITADA», que se regerá pelos artigos seguintes, constantes da presente fotocópia que se compõe de duas folhas.
VAI CONFORME ORIGINAL

Lisboa, 23 de Julho de 1981

O 3.º Ajudante,
Mesias de Carvalho Marques

PRIMEIRO:

A sociedade adopta a firma «H.C. GUERREIRO, LIMITADA», fica com a sua sede em Lisboa, na Rua Conselheiro José Silvestre Ribeiro, número dois, quarto andar esquerdo, na freguesia de Carnide, e a sua duração será por tempo indeterminado a contar desta data.

SEGUNDO:

O objectivo da sociedade consiste na importação como grossista, venda e revenda de máquinas e artigos para as artes gráficas ou no de qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e a lei permita.

TERCEIRO:

O capital social é de DUZENTOS MIL ESCUDOS, integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: — uma de cem mil escudos, pertencente ao sócio Henrique Armando da Cruz Guerreiro e outra de cem mil escudos, pertencente à sócia Florinda da Conceição Machado Perez.

QUARTO:

A cessão de quotas é livre entre os sócios, mas a estranhos depende sempre do consentimento da sociedade, que terá sempre o direito de preferência na quota alienada.

QUINTO:

A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação, ficam a cargo de ambos os sócios, desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessária para obrigar a sociedade nos seus actos e contratos a assinatura de ambos os gerentes.
Parágrafo único: — A sócia Florinda da Conceição Machado Perez fica autorizada a delegar os seus poderes de gerência, no seu marido, mediante procuração.

SEXTO:

Fica expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor ou outros actos estranhos aos negócios sociais.

SÉTIMO:

Quando a lei não prescreva formalidades ou prazos diferentes, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

ENGENHEIRO TÉCNICO CIVIL

Conforme aviso publicado no «D. R.» n.º 167, de 23/7/81 (III Série), encontra-se aberto, por um prazo de 30 dias a partir daquela data, concurso para um lugar de Engenheiro Técnico Civil de 2.ª classe, a que corresponde um vencimento de 18 900$00 (letra J) e demais regalias da função pública.

Os interessados deverão dirigir requerimento ao Presidente da Câmara, inutilizando uma estampilha fiscal de 100$00 e declarando encontrarem-se nas condições de admissão ao concurso, conforme estipula o aviso publicado no «D. R.».

São prestadas **informações na Secretaria da Câmara.**

O PRESIDENTE DA CÂMARA
José Eduardo Evangelista Franco Cheis

NOTA: Assegura-se **facilidade de alojamento.**

Desaparecidos do Chile

Continuação da pág. V

de que algo de anormal estava a acontecer, e que os nossos familiares eram «desaparecidos». Isso foi terrível.

N: Essa ideia começou a surgir-me quando atingiram a tiro o meu outro filho, Patrício, na «Companhia com Brasil» (nome de código de outra operação da DINA). Eu soube pela rádio, à uma hora, que tinham baleado «um extremista». Mas às seis telefonaram-me para me dizerem que era Patrício quem tinha sido atingido. Um transeunte ouviu-o gritar o número do meu telefone e avisou-me.

Nós pensámos que, por causa disto, iam libertar Maurício. E não foi assim. Pensei que Patrício também ia desaparecer. Isto aconteceu a 3 de Janeiro. Perguntei no bairro e ninguém me queria dizer. Até que, numa loja, tiveram pena de me verem lá todos os dias, e um homem disse-me: «Por favor, minha senhora, não diga que fui eu quem lhe disse, mas costuma vir aqui um fulano da FACH beber a sua cerveja, e disse que, apesar do que aconteceu, esse tipo ainda está vivo!»

Fui ao banco do hosvital, à morgue, a todas as partes. Não houve sítio onde não fosse. Chamaram-me louca. No Ministério da Defesa disseram-me: «Creio que a senhora está perturbada. Antesperguntava-me por Maurício, agora vem pergunar-me por Patrício. Você deve estar louca». E foi assim várias vezes, mas eu tinha a certeza de que ele estava na FACH, no hospital da FACH.

Voltei lá, porque a mesma pessoa que me levou disse-me: «Não sei quando o vai voltar a ver outra vez». Ele não podia conversar porque estava cheio de tubos, com máscara para respirar e todas essas coisas.

Passaram cerca de dois dias e, durante a noite, por volta das duas horas, chegou um fulano para me levar que disse: «Vista-se porque Pato está mal». Vestimo-nos. Lá, chamaram Ceballos. Não nos deixavam entrar se Ceballos não fosse também. Ele veio, muito delicado... Eu disse-lhe: «Já que você sabe, visto que é um homem do Serviço de Inteligência, porque é que não me disse nada sobre Maurício?» — «Mas você deve saber melhor do que eu, você deve saber o que são os seus filhos». «Não, disse-lhe; não sei o que faziam os meus filhos». «Como é que você não sabe, se está tão implicada como eles?» E foi assim, nesta conversa, até chegaramos ao local onde estava Patrício. Ele estava cheio de tubos e acorrentado e não o podiam operar porque não encontravam a pessoa que tinha a chave dos cadeados. Estava de cama, todo inchado. Quando o médico chegou, disse: «Temos de o operar, mesmo assim acorrentado. Ou o operamos ou ele morre». Eu perguntei-lhe: «Mas porque é que o têm acorrentado?» — «Bem, é que pode vir um comando e levá-lo».

«No hospital tinham um guarda de metralhadora, cá fora, e um outro dentro do quarto. A tortura que Ceballos lhe fazia para que ele falasse era a de mexer na agulha que ele tinha na perna. Patrício queixava-se e Ceballos dizia-lhe: «Não tens de te queixar, porque a tua cabeça está boa. O que tens mal é outra parte».

Nós pensávamos que, tendo eles Patrício, poderíamos pelo menos saber alguma coisa de Maurício.

Patrício esteve seis meses preso, mandaram-no para a Penitenciária — esta é mais uma entre tantas crueldades — e nunca me deixaram levar-lhe roupa à FACH, ao hospital. A nós, vexavam-nos. Revistávam-nos as carteiras para verem se levávamos alguma coisa, e nós nem um «peso» (escudo chileno) transportávamos.

Quando o mudaram, não nos disseram nada. Nós chegámos para o visitar e disseram-nos que ele se tinha ido embora. Mas para onde foi? Perguntámos ao director. «Bem, isso têm vocês de averiguar. Vão aí em frente, à Inspectoria». Mas estava fechada. No outro dia, muito cedo, fui lá de novo e uma pessoa que lá estava disse-me: «Patrício está na Penitenciária». Fui para lá, tinha-no deixado nu, como Deus o deitou ao mundo porque, como não tinha nada para vestir, pois a mim nunca me deixaram levar-lhe nada, usava o pijama das FACH. Tiraram-lhe a roupa e queimaram-na, deixando-o em pêlo à porta das enfermarias. Um homem que passou deu-lhe uma espécie de casacão... Ao chegar à Penitenciária, à enfermaria da Penitenciária, tiraram-lhe o pijama da FACH. Ele perguntou-lhes: «Mas não me vão deixar assim.» E eles disseram-lhe: «Olha, queria o pijama das FACH, queria ficar com o pijama».

Ele continuou doente, porque a bala tinha-lhe afectado um rim, e isso aconteceu porque não o operaram ao rim. Não lhe fizeram nada e o médico sabia que o rim ia ficar afectado.

Ele foi para França quando tudo isto passou, e lá operaram-no. Esteve muito mal, nem se sabe como se salvou. E ainda continua doente. De tempos a tempos, tem de ser submetido a nova intervenção. Ele pensou que ia morrer.

A: Eu tenho coisas que a minha filha me escreveu em Cuatro Álamos. Ela não conseguia estar sem escrever. Era muito dada à poesia. Entregou a outra presa algumas coisas escritas num maço de cigarros:

«Neste mau momento que estou passando neste momento de nevoeiro, acredito que algum dia chegará a luz do Sol, que se encontra em alguma parte...»

Assinatura:
Rucia.

E escreveu por baixo: «Mês do Desespero, ano da tortura».

N: Tudo isto que vocês contaram é muito impressionante, tudo isto tem de ficar. É como se fosse uma gravação que pudesse ser entregue a pessoas que quisessem usá-la para relatar estas histórias. Isto não se pode esquecer, mas quantas pessoas o sabem?

M: Prenderam-no a 22 de Janeiro de 1975, em Avda. «Matta com Portugal» foi uma operação da DINA («Romo com Alexandra»). A dúvida que sempre me ficou, porque o meu filho era funcionário da CONAF em Cu-

ricó, era presidente do Sindicato dos empregados da CONAF e dirigente de toda essa zona, a dúvida que me ficou é que ele teve aí uma companheira. Quando foi levado a Villa Grimaldi com uma assistente social também do MIR, foram levados juntos e a prisão deles foi devida a uma chamada telefónica que alguém fez.

Isto soube-o depois, com o andar do tempo, indo a Três Álamos, indo a Valparaíso, à prisão, a Puchuncaví, enfim, procurando informações. Das informações que recolhi, soube que tinha sido um comando operacional de seis carros e uma camioneta vermelha.

«Vá ao CENDET perguntar», disseram-me eles. Espinoza nunca me recebeu, disse-me que o meu filho não figurava nos Cardex.

As listas

Escrevi, como todas fizémos, ao famoso Benavides. Respondeu-me que o meu filho não estava nas listas. Nunca me disseram nada sobre ele.

Fui a Villa Grimaldi, falei com muita gente das prisões, porque as corri a todas. Como o fiz, não sei. Estava como louca. Nesse momento a minha família voltou-me as costas. Não podia ir a casa dos meus irmãos, nem à de uma prima, nada. Então o que tive de fazer? Ttabalhar. Fazia qualquer coisa, trabalhei de qualquer maneira, mas sempre procurando o meu filho. Fui à prisão de Valparaíso e falei com um rapaz que tinha estado com ele. Disse-me: «Eu conheci-o, dormi com ele no mesmo colchão nas jaulas de Villa Grimaldi». Deu-me muitos dados. Disse-me que fosse a Três Á lamos e lá encontrei-me com a rapariga que tinha sido presa com ele.

Tinham sido torturados juntos. Amarravam-nos nus, como animais, e aplicavam-lhes choques, a um primeiro e ao outro depois. à medida que iam passando a corrente, os choques eram maiores e mais fortes. Pelo que ela me explicou, iam passando por uma espécie de roldana e quando chegavam aos extremos davam os choques. Eles ficavam inconscientes. Isto durante um quarto de hora, meia-hora.

Depois apareceu a «lista dos 119». Fui ao Ministério da Defesa e falei com uma pessoa que conhecia e que era um chefe importante, um general. Perguntei-lhe pela sorte do meu filho. Evitou-me e nunca me deu resposta. Atendia-me o secretário dele. Um homem cheio de adornos, com uns berloques vermelhos. Enfim, o secretário de um general.

Disse-me: «Como está, sr.ª Adriana? Como se sente? Como passa a sua família? O meu general pediu-me que me desse, por favor, os dados que lhe tinha entregue porque ele os perdeu. Sr.ª Adriana, o meu general acabou de entrar para uma reunião com o Alto Comando...»

Vi que por este caminho não ia conseguir nada e fui a casa de um irmão dele. Então ele disse-me: «Dá-me oito dias para conversar com o Jorge. Não lhe vou dizer que me procuraste, nem que Juan René está na lista dos 119. Telefona-me para a semana».

Disse-me depois que Jorge tinha conversado com a gente da DINA e que, segundo eles, todos os da lista estavam mortos. Foi a resposta que me deram.

Ao princípio, quase acreditei, mas chorei, gritei e ameacei. Queria matá-los a todos, torturá-los, despedaçá-los; mas depois, com o andar do tempo... Não está morto. Para mim o meu filho não está morto.

Talvez esta certeza se deva a uma lista que uma pessoa (Muñoz Alarcón), que tinha sido da DINA, entregou. Ele falou com Cristián, entregando-lhe uma lista de pessoas que estariam vivas. Entre elas nomeou o meu filho. Mas também não se pode ter a certeza de que esse homem tenha dito a verdade. Sempre pensei que, no melhor dos casos, estará em Dignidad, ou estará no Norte.

V: Vocês não sentem que o filho, o parente, está vivo heroicamente, ou seja, está vivo para sempre? É o que eu penso do meu filho. A mim não me interessa se está vivo nesta terra ou onde quer que seja. Interessa-me, sim, que tenha sido uma pessoa, um homem em todo o sentido da palavra. Isso interessa-me muito e dá-me muita alegria, pois já superei os períodos de perguntar onde está, em que lugar, se está vivo ou morto. Depois de ouvir-te contar sobre Patrício, penso porque havemos nós de nos agarrarmos à recordação de uma pessoa viva, que poderia estar muito pior vivo do que morto. Já enfrentamos tanta coisa. Porque é que não enfrentamos as coisas a fundo e não vemos a grandeza que há nisto?

Sim, porque eles lutaram por um ideal que consideravam justo. Eu digo-te que isto me deu uma experiência enorme, que me abriu os olhos — digamos assim — para outros sentidos. Porque o meu filho dizia-me sempre: «Olhe, mamã, é horrível a forma como vive o campesinato, como o tratam, essas crianças que não podem ir à escola. Falta-lhe o mais elementar.

Tínhamos sempre discussões, porque as minhas ideias não eram as dele, mas para mim tudo se transformou ao conhecer outra gente que vi sofrer. Porque eu era, unicamente, uma dona de casa.

N: Penso que a maioria de nós eram donas de casa, nada mais... Não sabíamos db que se passava.

M: Uma pessoa vivia metida entre as suas quatro paredes. O meu círculo foi sempre muito limitado, porque a minha família era os meus filhos e eu. Ele conversava comigo, e chegámos, às vezes, a ter discussões acesas, porque as minhas ideias não eram concordantes com as dele. Sempre me atirava com isto: vou dizer; dizia-me: «Velha: você nasceu «momia» (alcunha dada no Chile às pessoas de direita) e vai morrer «momia». Tanta razão que eles tinham, ao compreenderem a luta que começara e pela qual deram a sua vida!

Benditos sejam! Porque eu quando surgiu uma oportunidade, recebi uma carta de fóra onde me diziam: «Ele deu a sua vida sem mendigar». Eu digo: se na realidade foi uma luta justa, pelo que eles acreditavam ser justo e na verdade é justo, bendito seja!

N: Sim, porque nós não temos que nos envergonhar. Uma pessoa sente-se orgulhosa de seu filho que está lutando ou que luta por algo. Por mim... se eu queria vivo, é pelos seus filhos, porque os pequenos perguntam muito por ele, agora.

E: Desperta-me a atenção a diferença que existe de 1974 para 1976, no quadro do desenvolvimento da repressão. Em 1974 era uma coisa inesperada, e em 1975 também. Mas no nosso caso é diferente. No caso de meu pai, e este foi o caso de uma guerra até à morte... Não tinham a fotografia do meu pai... Havia uma ordem de prisão dada a todos os serviços de segurança de todo o País e entre eles havia uma rivalidade para o prenderem (FACH, SIM, DINA e Carabineros). Eles pensavam que quem o conseguisse prender seria o vencedor.

«Decerto me matam»

Entretanto nós, só de longe em longe o víamos. Pouco antes de o terem preso, uns meses antes, juntámo-nos todos para festejar o seu aniversário. O meu irmão teve a ideia de lhe perguntar o que aconteceria se o prendessem, e o meu pai disse-nos: «Eu estou certo de que, se e prenderem, me matam». Fiquei com essa ideia. Por isso, desde o primeiro momento pensei na possibilidade da sua morte, porque já tínhamos recebido a informação. Na sexta-feira à noite, no sábado, soubémos que o meu pai estava muito mal e isso coincidia com outras informações que tínhamos tido... Então, foi como revivê-lo. Puxa! Está vivo!

Fui nessa mesma tarde falar com Eyzaguirre e pedi-lhe que ele usasse os seus poderes para que eu pudesse visitar o meu pai em Villa Grimaldi. A primeira coisa que me disse foi: «Não posso, não tenho carro». «Eu tenho ali um carro à sua disposição».! Não, é que tenho de telefonar antes de ir». «Por favor, não telefone, porque senão tiram-no de lá... Fui caminhando de Supremo Tribunal para minha casa...

A: Às vezes uma pessoa az coisas que pensa serem as mais acertadas na altura e depois, passado tempo, dá-se conta de que não foi assim. Esse atordoamento do primeiro momento, essa angústia, esse desespero, prejudicou certa linha de actuação.

V: Cheguei à conclusão de que, fazendo ou não fazendo coisas, nunca se tiraria nada a limpo, porque isto não tem lógica.

E: Lembro-me muito bem de que me pus a pensar... Primeiro, que não ia voltar a ver o meu pai, que nenhum rumor tinha aclarado as coisas. Uma noite, de repente, comecei a pensar nele e disse para mim própria: «Diabos, ele teria desejado morrer o mais depressa possível, para não continuar a sofrer... «Isso deu-me muita tranquilidade. Antes que o tivessem preso, antes de o continuarem a torturar ou a transtorná-lo psicologicamente, sendo o meu pai como era, desejava eu que o tivessem morto o mais cedo possível. Digo-te isto com uma dor muito, muito grande, porque no fundo, o que não daria eu para me encontrar com ele!

No outro dia, que coisa tão estranha... mas são coisas que uma pessoa pensa racionalmente. Contudo, existe sempre uma parte inconsciente de nós que se revolta. É tão inconsciente, e isso pude eu prová-lo em duas ocasiões. Uma, no ano passado, quando apareceu uma notícia no «La Segunda». Desci a correr até à casa de José Manuel e gritei: «Mas como? Não leste o jornal?» Não tinha lido o jornal no dia anterior, que culpa tinha ele. Pensei: que inconsequente eu sou. Durante todo o tempo quis pensar que ele estava morto, e que oxalá o estivesse logo desde o começo, para que não sofresse, e afinal...

Depois foi passando o tempo, e este ano, em Janeiro, aconteceu na casa que tínhamos em Nuñon... É que havia algo ali que eu não conseguia explicar. Há duas semanas atrás, voltei a sonhar com o meu pai vivo. Então aí dei-me conta de que todo esse inconsciente é tão forte, que, mesmo que tu racionalizes e analises objectivamente a situação, existe toda uma parte que *se revolta, e que* tu não consegues quebrar. Daí o estarmos tão danadas. E uma luta terrível entre o consciente e aquela parte da mente que não somos capazes de evitar.

Araucaria de Chile

Publicado por especial deferência para com o «Diário de Lisboa» e o «Sete Ponto Sete»

Os negros face a Reagan

Miséria violência e droga

NOVA IORQUE — Um dia do passado Inverno, em East-Saint-Louis, um ghetto negro de oitenta mil habitantes, separado do opulento centro da cidade pelo Mississipi, onze crianças morreram no incêndio da casa onde moravam. Tinham entre os dez meses e os onze anos. A mãe, Virgínia Williams, de vinte e oito, tinha saído na companhia do pai de sete dos seus filhos. Quando o casal regressou, às duas da manhã, o incêndio atiçado pela construção em madeira e pelos colchões de espuma assentes no chão, tinha devorado a casa.

É uma história típica do ghtetto. Família muito numerosa, mãe irresponsável, alojamento miserável, bairro abandonado a si próprio. Apesar dos progressos espectaculares dos ultimos vinte anos no que diz respeito à população negra, os ghettos continuam a existir.

Dois artigos publicados simultaneamente este Outono pelo magazine de domingo do **New York Times,** e assinados um deles por um sociólogo negro, Kenneth Clark, e outro por um sociólogo branco, Carl Gershman, tentavam explicar a persistência destas bolsas de miséria que se encontram em quase todas as cidades americanas de certa importância. Para Clark elas são o resultado lógico de um racismo persistente que toca mais os negros pobres do que os outros grupos etnicos. Para Gershman trata-se do nascimento de um «lumpen-proletariat» causado pela «fuga» dos empregos para os arredores, a deterioração do sistema escolar urbano e a destruição das famílias, e agravado pelo nascimento de uma burguesia negra que tende a dessolidarizar-se da população dos ghettos.

Bedford-Stuyvesant — «Bedstyle», como se diz em Brooklyn — foi um bairro branco e burguês, depois um bairro judeu e pequeno-burguês, antes de se tornar o que é hoje: o bairro negro de Brooklyn. Dos seus explendores passados «Bedstye» conservou ruas inteiras de «brownstones», essas casas de três ou quatro andares em pedra cinzenta ou em greda vermelha, que devem ter tido bom aspecto no século passado. Os setecentos mil negros de Brooklyn — 25% da população — não vivem todos num ghetto, longe disso: em Crown — Heights, por exemplo uma burguesia negra que vive à larga, mora, não sem algumas fricções, periódicas, juntamente com uma próspera população de judeus hassidicos.

Mas os deserdados de Brooklyn pagam um pesado tributo à recessão: 35% dos adultos de «Bedstye» são desempregados 70% são jovens. Bairros inteiros como Bushwick e Brownsville, foram nos últimos anos devastados por incêndios, a maior parte dos quais tinham sido postos: um comércio frutuoso que, através de algumas prebendas entregues aos incendiários, permite aos proprietários em dificuldades receber seguros importantes. Acontece por vezes haver vítimas — crianças ou velhos que não tiveram tempo de fugir —, mas nunca se encontram testemunhas...

A população negra de Brooklyn viu os seus efectivos aumentar consideravelmente nos últimos quize anos, devido à emigração vinda do Sul, onde os postos de trabalho eram raros, das ilhas Caraíbas e, mais recentemente, do Haiti. A maioria dos recém-chegados eram desprovidos de toda e qualquer formação profissional. Os mais dinâmicos — os naturais das Caraíbas — conseguiram muitas vezes integrar-se, mas a recessão veio demasiado cedo para uma grande parte dos recém-chegados, que foram engrossar as fileiras dos habitantes dos ghettos.

Outra chaga dos ghettos é a droga. Para Gerald Seabrooks, director adjunto do conselho de coordenação do município de Brooklyn, tudo começa com o estado lamentável do ensino público. 85% dos seus efectivos é formado por crianças pobres, negras ou de origem hispânica. Algumas famílias fazem os maiores esforços para mandar os filhos para escolas particulares, onde o ensino e a disciplina continuam a ser como dantes.

Dispostos a matar

Segundo Seabrooks, os professores são em grande parte responsáveis por tal situação. São na sua maioria brancos, e incapazes ao que se diz, de se colocar à altura de alunos cujas condições de existência, de alojamento e de vida familiar, os fazem pouco receptivos à escolaridade tradicional; 40% dos alunos (na sua maioria negros) das escolas públicas de Brooklyn abandonam a escola antes dos quize anos. Eles formam o grosso dos jovens desempregados que, muitas vezes, mal sabem ler e escrever, e sofrem, para mais, o handicap da língua (1).

Amontoados em alojamentos insalubres, juntamente com muitos irmãos e irmãs, só mantendo com os pais relações episódicas e muitas vezes tempestuosas, habituam-se a viver na rua com os seus semelhantes. Assim se formam bandos de jovens, bandos rivais com ajustes de contas por vezes ferozes, ou bandos cumplices na delinquência. Os seus membros encontram um derivativo no álcool, mas, mais ainda, e cada vez mais, na droga. Não é só de hachiche nem de misturas farmacêuticas mais ou menos mortíferas que se trata, mas, cada vez mais, de heroína e cocaína, cujas novas cargas chegam mais puras e mais baratas desde que os acontecimentos do Irão e do Afeganistão tornaram praticamente impossível o controle nessas regiões.

Segundo Kenneth Evans, director do **bureau** da Urban League, em Brooklyn, uma das principais organizações negras, a epidemia da droga nos anos 60 dizia simplesmente respeito às classes médias brancas: ela fazia parte da campanha de protesto contra a ordem estabelecida. Hoje estendeu-se aos negros pobres, em grande parte, porque muitos deles descobriram a droga no Vietname, assegura Evans.

Para Seabrooks e Evans, a droga está na origem da espectacular recrudescência da criminalidade que Nova Iorque conhece desde há um ano: os jovens drogados — duas vezes mais negros do que brancos — estão dispostos a tudo para arranjar os 100 ou 200 dólares de que por vezes necessitam diariamente: roubam carros, correm graves riscos assaltando casas, e estão prontos para matar. No Verão passado três mulheres foram apunhaladas em plena Manhattan por terem resistido a assaltantes que tentavam arrancar-lhe fios de ouro. **«Os jovens precisam mais de empregos do que de Methadol!»**, diz Evans. Um grande numero de habitantes de Bedford-Stuyvesant chegam aos trinta anos sem nunca ter trabalhado.

Mais de metade das famílias negras de Nova Iorque têm como chefe uma mulher. E, muitas vezes, uma mulher desempregada. A precariedade da vida quotidiana, o desemprego e as dificuldades de alojamento enfraquecem os elos familiares. Mas também não é raro que as mães de famílias numerosas prefiram contar com os recursos do auxílio social do que com um salário marital flutuante, e, de qualquer modo, muito baixo. Como não há creches nem formação profissional para as mães sem recursos, raras são as mulheres que, uma vez atingido um tal estado de miséria, tenham possibilidades de voltar a subir a ladeira.

Outros numeros referidos pela Urban League confirmam a gravidade da situação: Em Nova Iorque, onde 30% da população é negra, já se perderam seiscentos mil empregos desde 1970, na sua maioria empregos industriais não qualificados, tradicionalmente ocupados por negros. Perto de uma centena de milhar de novos postos de trabalho foram criados, é certo, mas em sectores terciários por vezes muito qualificados.

Mais de 40% das casas consideradas insalubres são ocupadas por negros: muitas delas não tiveram, durante este duro Inverno, aquecimento durante várias semanas. Mais de 80% dos alunos das escolas públicas da cidade são negros ou de origem hispânica, mas só 11% dos cinquenta mil professores são negros, e 5% hispânicos.

Segundo Horace Morris, director do ramo nova-iorquino da Urban League, a categoria mais desfavorecida não é a dos negros que vivem do auxílio social aos desempregados, mas a dos «working poor».

Estes pequenos assalariados, 60% dos quais são negros, ou de origem hispânica, têm, devido à ausência de uma cobertura social geral e obrigatória, as maiores dificuldades em se tratar. Ganham «demasiado» para beneficiar do «medicaid» — auxílio médico — reservado aos desempregados. Se os três irmãos Kennedy foram tão populares entre os negros isso deveu-se ao facto de terem constantemente preconizado a instauração de um sistema de segurança social à europeia. Projecto detestado por grande parte do eleitorado americano médio, e que a nova administração não apoia.

O presidente da Câmara de Nova Iorque, o inquieto Koch, começou a provocar desconfiança, para não dizer mais da comunidade negra, ao tentar endireitar as finanças da cidade através de meios que de modo algum favorecem os cidadãos mais desfavorecidos. Uma violenta polémica opô-lo recentemente aos responsáveis negros quando quis encerrar o vetusto hospital de Sydenham, em Harlem.

Acusado de favorecer o regresso à cidade da classe média branca para favorecer o equilíbrio fiscal da cidade, Koch, que é judeu e totalmente pró-israelita, foi objecto de ataques francamente anti-semitas por parte de alguns «leaders» negros.

O reverendo Daughtry, que dirige em Brooklyn uma congregação ao mesmo tempo que uma Frente Negra Unificada, é um dos raros activistas negros do momento. Escolheu Koch para o ataque e não excluiu o recurso à violência para fazer avançar a sua causa. Uma causa de momento bastante confusa, mas que é escutada por jovens do bairro. Os membros da Frente negra unificada, que foi criada no Verão passado, só deram que falar, muito modestamente, opondo-se à Polícia durante uma reunião que Koch organizara no Outono, em Brookyn, para ouvir as reivindicações da população negra. Segundo o reverendo Daughtry, a sala fora cheia com antecedência e os membros da Frente afastados depois de alguns choques com os «cops» da defesa de Koch.

O reverendo define-se como «teologicamente conservador, mas sociológica e politicamente radical. Ele, tem, segundo diz, relações com os movimentos de libertação árabes e africanos e com os governos progressistas, e recebeu várias vezes, na sua igreja Zehdi Terzi, representante da Organização de Libertação da Palestina nas Nações Unidas.

Um certo número de políticos negros acham que o presidente da Câmara de Nova Iorque se apoia demasiado no eleitorado judaico, que acusam de ser hostil aos negros. As duas populações são quase iguais em número — dois milhões de pessoas —mas o eleitorado judeu sempre foi mais activo do que o negro. Houve, de facto, vários incidentes nos últimos meses, entre as comunidades, principalmente em Brooklyn onde cruzes gamadas foram pintadas —na maior parte das vezes ao contrário — nas portas de famílias judias. Os dirigentes das duas comunidades imputam os acontecimentos a desentendimentos entre vizinhos e até a simples actos de vandalismo.

Para o reverendo Smith, director adjunnto da Associação para o Progresso da População de Cor (NAACP), a mais importante das organizações negras, juntamente com a Urban League, a inclinação para a direita da opinião americana, simbolizada pela acção de Reagan, só pode, na realidade, aproximar as comunidades judaica e negra, que, tradicionalmente, têm sofrido o mesmo tipo de discriminação.

O regresso dos republicanos ao poder talvez seja uma benção, diz o reverendo Smith: os jovens negros de hoje tinham tendência para pensar que os direitos cívicos eram uma coisa certa. Agora, depressa se vão aperceber de que há muito a fazer. Outro «benefício» da vitória conservadora é, ainda segundo o reverendo, uma nova tomada de consciência de uma classe média negra que julgou poder esquecer os «ghettos». As maciças reduções orçamentais que o Governo de Reagan acaba de impor aos programas sociais, vão atingir, antes de mais, os «ghettos»: as suas casas, as suas escolas, os seus programas de formação profissional. Um homem de negócios negro, muito crítico sobre a política económica republicana, que considera «feita para os ricos», dizia-nos: «Espere pela explosão do primeiro «ghetto», como aconteceu nos anos 60, e verá uma nova tomada de consciência dos brancos».

(1) O «black english», falado nos «ghettos», é objecto de polémica: deve dar-se-lhe o direito de cidade como língua vernácula, ou combatê-la para evitar aos utentes dessa linguagem muito particular, novas discriminações no mercado do trabalho?

Nicole Bernheim